

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

JAIME ULISSES DA SILVA

**Discurso Direto Fictivo como potencial desencadeador da Mescla da Carapuça:
uma estratégia argumentativa usada em mensagens religiosas**

Juiz de Fora
2023

JAIME ULISSES DA SILVA

**Discurso Direto Fictivo como potencial desencadeador da Mescla da Carapuça:
uma estratégia argumentativa usada em mensagens religiosas**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Linguística.

Linha de pesquisa: Linguística e Cognição

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Matos Rocha

Juiz de Fora
2023

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Silva, Jaime Ulisses da.

Discurso Direto Fictivo como potencial desencadeador da Mescla da Carapuça: : uma estratégia argumentativa usada em mensagens religiosas / Jaime Ulisses da Silva. -- 2023.

146 p. : il.

Orientador: Luiz Fernando Matos Rocha

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2023.

1. Interação Fictiva. 2. Discurso Direto Fictivo. 3. Mesclagem Conceptual. 4. Argumentação. 5. Discurso Religioso. I. Rocha, Luiz Fernando Matos , orient. II. Título.

Jaime Ulisses da Silva

Mescla da Carapuça: o licenciamento da sensação do conceptualizador de que a mensagem religiosa é dirigida particularmente a ele

Tese apresentada ao
Programa de Pós-
Graduação em
Linguística
da Universidade
Federal de Juiz de
Fora como requisito
parcial à obtenção do
título de Doutor em
linguística. Área de
concentração:
linguística.

Aprovada em 18 de agosto de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Fernando Matos Rocha - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Sandra Aparecida Faria de Almeida
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Amitza Torres Vieira
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Paulo Henrique Duque
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Profa. Dra. Lilian Vieira Ferrari

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Juiz de Fora, 18/07/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Fernando Matos Rocha, Professor(a)**, em 22/08/2023, às 11:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sandra Aparecida Faria de Almeida, Professor(a)**, em 23/08/2023, às 14:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Amitza Torres Vieira, Professor(a)**, em 23/08/2023, às 17:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **LILIAN VIEIRA FERRARI, Usuário Externo**, em 28/08/2023, às 14:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Henrique Duque, Usuário Externo**, em 28/08/2023, às 15:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ujf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1370823** e o código CRC **CE70FA01**.

Dedico este trabalho à minha mãe Maria das Graças, às minhas tias Rosa, Terezinha, Izabel e Margarida (*in memoriam*) e à minha vó Erothildes (*in memoriam*) - mulheres destemidas que me ensinaram, com a escrita de suas vidas, o significado da frase de Jean Cocteau: “Não sabendo que era impossível, foi lá e fez”.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter permitido que eu cursasse o Doutorado em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Luiz Fernando Matos Rocha, pela humanidade, pela paciência, pelo incentivo e pelo aprendizado.

Aos membros da banca de avaliação, pela leitura atenta do trabalho e pelas colaborações.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFJF, pelo conhecimento transmitido.

Às minhas colegas do grupo de pesquisa sobre Interação Fictiva, Luciana, Jéssica, Márcia, Lenise, Débora e Leila, pelos conhecimentos compartilhados.

À Coordenação e à Secretaria do PPG Linguística, pela atenção com que sempre me atenderam.

Ao ex-Pró-Reitor Adjunto de Recursos Humanos da UFJF, Sebastião Girardi, pela amizade e por me incentivar a dar continuidade ao meu processo de qualificação.

Ao Programa de Apoio à Qualificação (Proquali) da UFJF, pela bolsa de estudos.

Aos meus chefes e colegas de trabalho da Faculdade de Medicina da UFJF, pelo apoio constante.

À minha mãe Maria das Graças e às minhas tias, por todo o esforço feito para que eu pudesse ter conquistas até então não alcançadas por nossa família.

À minha esposa Naiana, pelo apoio incondicional.

À minha filha Ana Vitória, por renovar minhas forças nos momentos de cansaço com sua energia inesgotável.

Ao meu irmão Jesmaías, pela torcida e por todo suporte dado à nossa família.

A todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para essa conquista.

Muito Obrigado!

"A ciência nunca resolve um problema sem criar pelo menos outros dez."

(George Bernard Shaw)

RESUMO

Este estudo insere-se no campo da Linguística Cognitiva e tem como objetivo geral investigar como líderes religiosos utilizam o Discurso Direto Fictivo em suas mensagens para potencializar a persuasão e a conexão emocional com seus ouvintes. A Interação Fictiva constitui-se do uso do *Frame* de Conversa para estruturar pensamento, gramática e discurso (Pascual, 2014). No caso específico do Discurso Direto Fictivo (Rocha, 2022), o molde canônico de discurso reportado é acionado não necessariamente para reportar falas proferidas, mas principalmente para veicular “pensamento em voz alta”, como debate interno. Têm grande importância na análise os postulados da Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1994) e da Teoria da Mesclagem Conceptual (Fauconnier, 1997), à medida que contribuem para descrever a armação cognitiva subjacente ao objeto de estudo. Também são acionados os conceitos de *Footing* (Goffman, [1979]/2013) e Argumentação (Schiffrin, 1987), comumente usados nas análises de fala-em-interação. A pesquisa é de base qualitativa (Denzin; Lincoln, 2000), sendo o *corpus* constituído de vídeos de mensagens do padre católico Fábio de Melo, do pastor evangélico Silas Malafaia e do palestrante espírita Divaldo Franco, publicadas na plataforma Youtube. Os resultados deste trabalho mostram que os casos de Discurso Direto Fictivo, produzidos por esses religiosos, introduzem espaços mentais abrangentes, genéricos e abstratos, em que interlocutores fictivos (não genuínos) dialogam sobre temas amplos e variados. Elementos de Discurso Direto Fictivo instanciados genericamente pelo orador, como a dêixis imprecisa, e componentes que integram posições subjetivas (argumentativas) latentes por parte dos ouvintes, podem ser projetados uns nos outros e culminar no que denominamos de Mescla da Carapuça, operação cognitiva de particularização de instâncias gerais (X GENÉRICO É X PARTICULAR). O fato de elementos do Discurso Direto Fictivo serem apresentados com instanciação genérica contribui para que o ouvinte preencha as lacunas com referentes do seu repertório pessoal. Dessa forma, ele pode ter a sensação de que sua posição, restrita ao seu pensamento, e contrária à do orador, de alguma forma, é acessada pelo líder religioso e revelada por meio de interlocutores fictivos, como se a mensagem religiosa fosse dirigida especificamente a esse ouvinte. Em última instância, desvela-se como a Interação fictiva em discurso direto sociocognitivamente gerencia o propósito potencialmente interventor sobre as subjetividades dos ouvintes.

Palavras-chave: Interação Fictiva. Discurso Direto Fictivo. Mesclagem Conceptual. Argumentação. Discurso Religioso.

ABSTRACT

This study falls within the field of Cognitive Linguistics and its general objective is to investigate how religious leaders use Fictive Direct Speech in their messages to enhance persuasion and emotional connection with their listeners. Fictive Interaction consists of using the Conversation Frame to structure thought, grammar and speech (Pascual, 2014). In the specific case of Fictive Direct Speech (Rocha, 2022), the canonical mold of reported speech is not necessarily used to report uttered speeches, but mainly to convey “thoughts out loud”, as an internal debate. The postulates of the Theory of Mental Spaces (Fauconnier, 1994) and the Theory of Conceptual Blending (Fauconnier, 1997) are of great importance in the analysis, as they contribute to describe the cognitive framework underlying the object of study. The concepts of Footing (Goffman, [1979]/2013) and Argumentation (Schiffrin, 1987), commonly used in speech-in-interaction analyses, are also used. The research is qualitative (Denzin; Lincoln, 2000), and the corpus consists of videos of messages from the catholic priest Fábio de Melo, the evangelical pastor Silas Malafaia and the spiritist lecturer Divaldo Franco, published on the Youtube platform. The results of this work show that the cases of Fictive Direct Speech produced by these religious introduce comprehensive, generic and abstract mental spaces, in which fictive (non-genuine) interlocutors dialogue on broad and varied themes. Elements of Fictive Direct Speech generically instantiated by the speaker, such as the imprecise deixis, and components that integrate latent subjective (argumentative) positions on the part of the listeners, can be projected onto each other and culminate in what we call *Mescla da Carapuça* (Cap Blending), a cognitive operation of particularization of general instances (GENERIC X IS PARTICULAR X). The fact that elements of Fictive Direct Speech are presented with generic instantiation helps the listener to fill in the gaps with referents from his personal repertoire. In this way, he may have the feeling that his position, restricted to his thinking, and contrary to that of the speaker, is somehow accessed by the religious leader and revealed through fictive interlocutors, as if the religious message were specifically addressed to that listener. Ultimately, it reveals how the Fictive Interaction in direct speech socio-cognitively manages the potentially intervening purpose on the subjectivities of the listeners.

Keywords: Fictivity. Fictive Interaction. Fictive Direct Speech. Conceptual Blending. Argumentation. Religious Speech.

LISTA DE ABREVIATURAS

DDFic - Discurso Direto Fictivo

DDFac - Discurso Direto Factivo

IF - Interação Fictiva

LC - Linguística Cognitiva

LISTA DE DIAGRAMAS

Diagrama 01 - Exemplo do Princípio do Acesso: ligação entre livros e autores	27
Diagrama 02 - Elementos do Princípio do Acesso	27
Diagrama 03 - Exemplo de espaço mental construído com o verbo acreditar	28
Diagrama 04 - Base da Mesclagem Conceptual	30
Diagrama 05 - Proposta de diagrama referente ao exemplo do casamento (namorado como conceptualizador)	31
Diagrama 06 - Adaptação do Diagrama do Princípio do Acesso	43
Diagrama 07 - Adaptação do Diagrama do processo de Mesclagem Conceptual	44
Diagrama 08 - Construção do Espaço mental do Pensamento de João	48
Diagrama 09 - Construção do Espaço mental DDFic do Padre	51
Diagrama 10 - Projeção entre elementos do Espaço do Pensamento de João e os do Espaço do DDFic do Padre	52
Diagrama 11 - Emergência do Espaço Genérico	53
Diagrama 12 - João experiencia a Mescla da Carapuça	55

Diagrama 13 - Argumento do padre em relação à posição do interlocutor fictivo no Espaço Base e no Espaço DDFic	57
Diagrama 14 - Alerta do Espaço DDFic incorporado ao Espaço Mescla da Carapuça	58
Diagrama 15 - Construção do Espaço mental do Pensamento de João	65
Diagrama 16 - Construção do Espaço mental do DDFic do Padre	68
Diagrama 17 - Projeção entre elementos do Espaço do Pensamento de João e do DDFic do Padre	71
Diagrama 18 - Emergência do Espaço Genérico	70
Diagrama 19 - João experiencia a Mescla da Carapuça	71
Diagrama 20 - Contra-argumento do padre para refutar o argumento do interlocutor fictivo	72
Diagrama 21 - Contra-argumento do padre integra a Mescla da Carapuça	73
Diagrama 22 - Construção do Espaço do Pensamento de Antônio	81
Diagrama 23 - Construção do Espaço do DDFic do Pastor	83
Diagrama 24 - Projeção entre elementos do Espaço do Pensamento de Antônio e do Espaço do DDFic do Pastor	84
Diagrama 25 - Emergência do Espaço Genérico	85

Diagrama 26 - Antônio experiencia a Mescla da Carapuça	86
Diagrama 27 - Pastor reafirma sua posição no Espaço Base e no Espaço DDFic	87
Diagrama 28 - Adição do elemento “É impossível na vida cristã separar secular do sagrado” no Espaço Mescla da Carapuça	88
Diagrama 29 - Acréscimo de “Até sexualidade na vida do cristão tem o sagrado” à posição do pastor no Espaço Base e a rejeição dela por Antônio no Espaço do Pensamento	89
Diagrama 30 - Acréscimo de “Até sexualidade na vida do cristão tem o sagrado” à posição do pastor no Espaço Base e no Espaço DDFic, e a rejeição dela pelo interlocutor fictivo	91
Diagrama 31 - Conceptualização de Antônio a partir da possibilidade da projeção do elemento “Separação entre Sagrado e Sexualidade” presente nas duas entradas	92
Diagrama 32 - Antônio conceptualiza a sustentação da posição que envolve sexualidade e sagrado	94
Diagrama 33 - Antônio conceptualiza a sustentação que envolve a relação dinheiro e sagrado	95
Diagrama 34 - Construção do Espaço do Pensamento de Antônio	102
Diagrama 35 - Construção do Espaço DDFic do Pastor	104
Diagrama 36 - Projeção entre elementos do Espaço do Pensamento de Antônio e do Espaço DDFic do Pastor	105

Diagrama 37 - Emergência do Espaço Genérico	106
Diagrama 38 - Construção do Espaço Mescla da Carapuça	107
Diagrama 39 - Acréscimo na posição de Antônio: dúvida sobre se quem blasfema de Deus pode ter riqueza	109
Diagrama 40 - Acréscimo na posição do interlocutor fictivo: dúvida sobre se quem blasfema de Deus pode ter riqueza	110
Diagrama 41 - Conceptualização de Antônio considerando sua refutação e a do interlocutor fictivo sobre a possibilidade de blasfemadores poderem ter riqueza	111
Diagrama 42 - Sustentação do pastor quanto a blasfemador poder ter riqueza, diferenciação do pregador entre riqueza e prosperidade e conceptualização de Antônio no Espaço Mescla	112
Diagrama 43 - Construção do Espaço do Pensamento de Carlos	121
Diagrama 44 - Construção do Espaço do DDFic do Palestrante Espírita	122
Diagrama 45 - Projeção entre elementos do Espaço do Pensamento de Carlos e do DDFic do Palestrante Espírita	123
Diagrama 46 - Emergência do Espaço Genérico	124
Diagrama 47 - Construção inicial do Espaço Mescla da Carapuça	125
Diagrama 48 - Conceptualização de Carlos do comando “Feche os olhos”	126

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - QR Code para acessar o vídeo “Pastor toma microfone do Pregador ao vivo durante o culto”	41
Figura 02 - QR Code para acessar o Fragmento 01 do vídeo do padre	46
Figura 03 - Padre com a mão direita junto ao peito, projetando os lábios	49
Figura 04 - Padre fala fechando os olhos	50
Figura 05 - QR Code para acessar o Fragmento 02 do vídeo do padre	63
Figura 06 - Padre performa um pessoa que fala fechando os olhos e projetando os lábios	66
Figura 07 - QR Code para acessar o Fragmento 01 do vídeo da mensagem do pastor	79
Figura 08 - Movimentação do pastor na mudança de <i>footing</i>	82
Figura 09 - Movimentação do pastor na mudança de <i>footing</i>	90
Figura 10 - QR Code para acessar o Fragmento 02 da mensagem do pastor no vídeo	100
Figura 11 - QR Code para acessar o fragmento da mensagem do palestrante espírita no vídeo	118

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Sequência Adjacente Posição-Disputa-Sustentação (PDS)

62

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	18
PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	22
1.1 ASPECTOS COGNITIVOS.....	22
1.1.1 Fictividade	22
1.1.2 Interação Fictiva	24
1.1.3 Teoria dos Espaços Mentais	26
1.1.4 Teoria da Mesclagem Conceptual	29
1.1.5 Intersubjetividade	33
1.2 Aspectos discursivos e interacionais	34
1.3 Cognição, Discurso e Sociedade	36
2 METODOLOGIA.....	38
2.1 CORPUS DA PESQUISA.....	38
2.1 PROCEDIMENTOS ESPECÍFICOS	39
2.3 ILUSTRAÇÃO DOS DIAGRAMAS.....	42
3 ANÁLISE DE DADOS	45
3.1 MENSAGEM DO PADRE FÁBIO DE MELO.....	45
3.1.1 Excerto 01 – Fragmento 01 da mensagem do padre Fábio de Melo	45
3.1.1.1 Processo cognitivo da Mescla da Carapuça: fragmento 01 do padre	47
3.1.1.2 Desdobramentos dos aspectos da estratégia argumentativa: fragmento 01 do padre	59
3.1.2 Excerto 02 - Fragmento 02 da mensagem do padre Fábio de Melo	62
3.1.2.1 Processo cognitivo da Mescla da Carapuça: fragmento 02 do padre	64
3.1.2.2 Desdobramentos dos aspectos da estratégia argumentativa: fragmento 02 do padre	74
3.2 MENSAGEM DO PASTOR SILAS MALAFAIA.....	77
3.2.1 Excerto 03 - Fragmento 01 da mensagem do pastor Silas Malafaia	79
3.2.1.1 Processo cognitivo da Mescla da Carapuça: fragmento 01 da mensagem do pastor	80
3.2.1.2 Desdobramentos acerca da estratégia argumentativa do pastor: Fragmento 01	96
3.2.2 Excerto 04 - Fragmento 02 da mensagem do pastor Silas Malafaia	100
3.2.2.1 Processo cognitivo da Mescla da Carapuça: fragmento 02 da mensagem do pastor	101
3.2.2.2 Desdobramentos acerca da estratégia argumentativa do pastor: fragmento 02	113
3.3 MENSAGEM DO PALESTRANTE ESPÍRITA DIVALDO PEREIRA FRANCO .	117
3.3.1 Excerto 05 - Fragmento único da mensagem do palestrante espírita Divaldo Franco	118
3.3.1.1 Processo cognitivo da Mescla da Carapuça: fragmento da mensagem do	

palestrante espírita	119
3.3.1.2 Desdobramentos acerca da estratégia argumentativa do palestrante espírita	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS	143

INTRODUÇÃO

De acordo com o dicionário online de Língua Portuguesa Caldas Aulete (2023), a expressão “enfiar/vestir a carapuça” significa “Assumir alguém crítica ou comentário que não lhe foram claramente dirigidos, ou que foram dirigidos a outrem”. Esta tese investiga processos sociocognitivos que subjazem à experiência perceptiva de se reconhecer ou de se identificar em comentários ou críticas de outrem, não necessariamente personalizados, ou seja, que não foram endereçados direta e explicitamente a uma pessoa específica. Nesse sentido, a hipótese central envolve a postulação de uma categoria já descrita por renomados autores da Linguística Cognitiva (Fauconnier; Turner, 2002). Trata-se do conceito de Mesclagem Conceptual, segundo a qual pelo menos dois espaços mentais (*inputs*), são mapeados entre si, licenciando o estabelecimento de um espaço genérico, bem como a criação de um espaço mescla, em que emergem estruturas novas e próprias baseadas em projeções parciais de elementos dos referidos *inputs*. A reorganização dessas categorias permite que o pensamento se desloque para novas direções.

Correlacionando o significado metafórico da expressão “enfiar/vestir a carapuça” com a noção abrangente de Mesclagem Conceptual, proposta por esses autores, postulamos nesta tese um processo cognitivo específico, o qual denominamos de Mescla da Carapuça. Ao “enfiarem/vestirem a carapuça”, segundo o que se prevê no significado dicionarizado da referida expressão, os sujeitos cognitivos ou conceptualizadores, parcial ou completamente, se colocam na “pele mental” (Tomasello, 2003, p. 7) de entes factivos, fictivos e fictícios, alvos de críticas ou comentários. Com isso, eles se concebem ou se percebem como destinatários personalizados e específicos dos discursos de outrem, produzidos nas mais diversas situações comunicativas, fazendo com que tenham a sensação de que o enunciador desses discursos está se dirigindo particularmente a eles. No espaço Mescla da Carapuça, tais sujeitos cognitivos ou conceptualizadores promovem as projeções novas e emergentes à medida que instanciam para si aquilo que não foi especificamente direcionado a eles. Como exemplos disso, temos expressões cotidianas que emblematizam nossas sensações de que alguém falou por nós: “essa música é pra mim”, “o filme que eu vi ontem sou eu”, “eu me vi naquela peça de teatro”, “aquele é o livro da minha vida” e “esse poema é antigo mas fala sobre o que eu sinto”.

Tendo também como base a Teoria da Fictividade proposta por Talmy (2000), a Mescla da Carapuça pode ser sintetizada conforme a seguinte fórmula fictiva: X GENÉRICO É X PARTICULAR. Nesse sentido, o preenchimento da variável X é o mesmo nas duas partes da

fórmula, tanto no domínio genérico quanto no particular, sendo que um é cognitivamente tomado pelo outro. Talmy (2000) defende que a fórmula da fictividade se apresenta deste modo: X É Y. Isso se aplica também à Metáfora Conceptual (Lakoff; Johnson, 1980), em que o domínio alvo é o próprio domínio fonte. A metáfora AMOR É UMA VIAGEM (e.g. “Nosso relacionamento chegou numa encruzilhada”) ilustra essa correspondência, à medida que AMOR pode ser tomado como X, e UMA VIAGEM, como Y. A fórmula da Mescla da Carapuça, em específico, faz equivaler o genérico ao particular, sendo X uma variável preenchida com tipos variáveis de gêneros discursivos, por exemplo: música, filme, teatro, livro, conversa cotidiana, etc.

Tendo em vista a escolha do banco de dados para análise desse fenômeno cognitivo, o conceito de Mescla da Carapuça é aplicado, neste trabalho, ao domínio do discurso religioso. Mais especificamente, o gênero discursivo que preenche o X da fórmula supracitada é a mensagem religiosa. Nesse sentido, a Mescla da Carapuça passa a ser compreendida especificamente como um processo cognitivo no qual o fiel, em geral, conta para si mesmo, em Interação Fictiva, que seu repertório de vida e suas posições, manifestadas apenas em pensamento, e principalmente as contrárias às de quem ministra a mensagem religiosa, são, de alguma forma, acessadas e reveladas pelo orador durante a ministração do culto, da missa ou da palestra, por meio da performance de uma espécie de personagem, aparentemente inventado, para ilustrar os conflitos humanos. Assim, esse fiel pode ter a sensação de que a pregação é dirigida particularmente a ele. Ao “enfiar/vestir a carapuça”, coloca-se propenso a ser persuadido por lideranças religiosas, à medida que ele experiencia o processo cognitivo da Mescla da Carapuça, que também pode, nesse ambiente discursivo, se dar parcial ou completamente segundo seus próprios modos conceptivos e perceptivos. O fiel concebe e percebe ao mesmo tempo sua própria história, indo do genérico ao particular, conforme vê e sente sua vida sendo retratada pelo discurso de outrem.

Em texto seminal sobre Fictividade, Talmy (2000) desfaz a distinção entre concepção e percepção propondo o termo “*ception*” (“cepção”) para abarcar um único domínio cognitivo contínuo, vinculado a parâmetros gradientes de palpabilidade visual. No estudo, o autor trata especificamente do movimento fictivo, que pode ser representado pelo clássico exemplo *The fence goes /zigzags /descends from the plateau to the valley* (A cerca vai / ziguezagueia / desce do planalto para o vale), em que o movimento da cerca é apenas uma “cepção” do conceptualizador, não do objeto em si, é claro. Ao relacionar cognição visual e cognição linguística, Talmy (2000) explica que o termo “*factivo*” pode ser aplicado à representação

visual e linguística mais palpável; e o termo “fictivo”, ao menos palpável. Assim, ele advoga que um indivíduo “vê” a representação factiva e apenas “percebe” a fictiva.

Podemos considerar então que há “cepções” menos palpáveis que podem ser sentidas de forma nem tão explícita, mas que ainda sim são sugeridas e passíveis de entendimento. No plano discursivo, por exemplo, pode haver margem para “cepções” mais ou menos palpáveis, mais ou menos fictivas. Ora, o que isso tem a ver com o discurso religioso, que é o objeto de análise escolhido por esta investigação? Talvez, tudo.

O objetivo geral deste trabalho é investigar como líderes religiosos utilizam o Discurso Direto Fictivo em suas mensagens para potencializar a persuasão e a conexão emocional com seus ouvintes. Os objetivos específicos buscam responder: (i) como o DDFic pode ser usado como recurso argumentativo e (ii) como o DDFic pode contribuir para a Mescla da Carapuça.

Nossa hipótese é a de que o DDFic potencializa a persuasão e a conexão emocional com o ouvinte devido à possibilidade de ser usado pelo líder religioso como recurso argumentativo para destacar possíveis argumentos contrários restritos ao pensamento desse ouvinte e também que o DDFic pode se constituir em um espaço mental que fornece elementos para processos cognitivos que culminam na Mescla da Carapuça.

Pascual (2014) já atentara para o uso geral de IF como recurso argumentativo. Para que se possa entender nossas propostas de resposta, faz-se necessário um percurso de leitura que envolva os pressupostos teóricos, de caráter cognitivista e sociointeracional, e os aspectos metodológicos de base qualitativa e interpretativa, até que se chegue a análise dos excertos referentes a mensagens de renomados líderes religiosos brasileiros, representantes do catolicismo, do protestantismo e do espiritismo kardecista.

O presente trabalho apresenta grande relevância por contribuir com o estudo do fenômeno da fictividade, haja vista que, como explica Rocha (2022), é um tema pouco explorado por linguistas brasileiros e portugueses, embora seja reconhecido por Langacker (2008) e Talmy (2000), exemplos de pesquisadores dedicados à Linguística Cognitiva (LC), como absolutamente fundamental para o fortalecimento das ciências que investigam o pensamento e a linguagem. Esta pesquisa evidencia, ainda, os benefícios investigativos gerados pela complementaridade teórica entre os conhecimentos da LC e da Sociolinguística Interacional.

No primeiro capítulo, abordamos os pressupostos teóricos que servirão de base para este trabalho. Em relação aos aspectos cognitivos, recorreremos a Talmy (2000) e Langacker (1999) para tratar de fictividade. Em relação à Interação Fictiva, adotaremos os conceitos usados por Pascual (2003). Já as noções de discurso direto fictivo têm basicamente como respaldo o trabalho de Rocha (2022). A Teoria dos Espaços Mentais proposta por Fauconnier (1994, 1997)

e o seu refino, a Teoria da Mesclagem Conceptual, desenvolvida por Fauconnier e Turner (2002, 2007) também ganha grande destaque neste capítulo.

Em relação aos conceitos comumente aplicados em análises de discurso, em contextos reais, enfatizamos os conceitos de *footing*, formato de produção e estrutura de participação propostos por Goffman ([1979]/2013) e a teoria argumentativa de Schiffrin (1987), os quais aplicamos na análise. Para finalizar o primeiro capítulo, mostramos que Romano e Porto (2016) já apontaram a relação “íntima e intrínseca” entre a Linguística Cognitiva e os estudos de discurso.

No segundo capítulo, apresentamos a metodologia utilizada nesta pesquisa. Indicamos inicialmente sua base qualitativa e interpretativa (Denzin; Lincoln, 2006). Em seguida informamos detalhes das três mensagens religiosas que compõem o *corpus* do trabalho, ilustramos os modelos adaptados de gráficos usados para representar os Princípios da Identificação (Fauconnier, 1994, 1997) e da Projeção (Fauconnier; Turner, 2002) e descrevemos os procedimentos metodológicos acionados durante a análise.

Já no terceiro e último capítulo, procedemos à análise dos cinco excertos selecionados, na qual os resultados desta pesquisa indicam que os três líderes religiosos usam o Discurso Direto Fictivo para criar espaços mentais com interlocutores genéricos e outros elementos que podem ser mapeados de forma cruzada com posições dos ouvintes factivos, fazendo com que estes experienciem a Mescla da Carapuça e tenham a sensação que a mensagem religiosa é dirigida particularmente a ele. Além disso, identificamos uma mesma sequência argumentativa em todos os casos analisados: apresentação da posição do orador, instauração de disputa por meio de Discurso Direto Fictivo e sustentação refutando o argumento do interlocutor fictivo. Por fim, tecemos considerações finais, resumindo os principais achados deste estudo.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1 ASPECTOS COGNITIVOS

1.1.1 Fictividade

A fictividade se manifesta com o uso de expressões linguísticas que não estão vinculadas diretamente a seus referentes. De acordo com Talmy (2000), o fenômeno apresenta-se como um padrão cognitivo de representações discrepantes de um mesmo objeto (em nosso caso, o discurso sobre o discurso), uma delas considerada mais verídica (factiva) e a outra menos verídica (fictiva). Assim, os usuários das línguas perspectivizam cenários que são avaliados como não verídicos (fictivos ou não genuínos) para conseguir acesso mental a cenários admitidos como verídicos. Como afirma Xiang (2016), os limites do *continuum* entre factivo e fictivo, o qual inclui o ficcional, podem ser muitas vezes imprecisos, e a distinção entre os três não é absoluta. Conforme Rocha (2022), a partir de Langacker (1999), o elemento factivo é avaliado como objetiva e subjetivamente efetivo; o fictivo, como objetivamente efetivo e subjetivamente virtual ou potencial; o elemento fictício, como objetivamente irreal e subjetivamente efetivo.

De acordo com Langacker (2008), a fictividade se expressa, entre outras formas, nos produtos de metáfora, como, por exemplo, em “O casamento está passando por uma fase de turbulências”, em que casamento se factiviza como uma viagem de avião; por conseguinte, a viagem de avião se fictiviza como casamento. Assim, os estudos de Talmy harmonizam-se com a Teoria da Metáfora de Lakoff e Johnson ([1980]2002), os quais apontam que essa discrepância entre as representações manifesta-se nos conceitos de domínio-fonte e domínio-alvo. A partir da metáfora conceptual “AMOR É VIAGEM” (Lakoff; Johnson, [1980]2002), é possível entender o esquema defendido por Talmy (2000), em que “X é Y” (AMOR É VIAGEM) é fictivo, e “X não é Y” (AMOR NÃO É VIAGEM) é factivo. O domínio-alvo “AMOR” é entendido factivamente, enquanto o domínio-fonte “VIAGEM” é compreendido fictivamente, menos verídico. A metáfora dependeria, então, do fato de que os interlocutores têm, em sua cognição, não só uma crença sobre o domínio-alvo contrária à sua representação cognitiva do que está sendo afirmado, mas também um entendimento da discrepância entre essas duas representações.

Segundo Rocha (2022), o conceptualizador teria, então, a capacidade de lidar com conflitos cognitivos tanto na produção quanto na interpretação do sentido, que se alterna entre mais denotativo e mais conotativo e mais semântico e mais pragmático. Assim, o sentido é gerido pelo gestaltismo das representações. Dessa forma, não há exclusão, necessariamente. Essas representações, conforme Talmy (2000), polarizam-se em factivas e fictivas e, em dimensões singulares, destoam-se uma das outras, como explicitado a seguir:

(i) Estado de ocorrência (presença factiva vinculada à ausência fictiva)

- Entidade fictiva: tem relação com nomes usados em afirmações genéricas, como entidades abstratas (“Ursos são animais ferozes”);

(ii) Estado de movimento (a representação menos verídica apresenta movimento e a mais verídica indica imobilidade, ou vice-versa):

- Mobilidade fictiva: a partir da projeção do conceptualizador, elementos estáticos parecem mover-se (“A tatuagem vai de um ombro ao outro”);

- Imobilidade fictiva: elementos dinâmicos tornam-se estáticos, na projeção do conceptualizador (“O rio está parado neste trecho”);

(iii) Estado de mudança (a representação mais verídica apresenta estabilidade e a menos verídica indica mudança, ou vice-versa)

- Mudança Fictiva: a mudança é irreal, mas é compreendida como se fosse real no processo de conceptualização (“A geladeira ficou maior agora quando retiramos tudo que havia nela”);

- Estabilidade Fictiva: a estabilidade é irreal, mas, no processo de conceptualização, é compreendida como real (“O ar está parado”)

A metaforicidade dependeria, então, do fato de que os interlocutores têm, em sua cognição, não só uma crença sobre o domínio-alvo contrária à sua representação cognitiva do que está sendo afirmado, mas também um entendimento da discrepância entre essas duas representações.

Vimos que a fictividade se expressa nos produtos da metáfora. Contudo, é preciso considerar que a metáfora, como processo, promove a fictividade, já que licencia uma das partes

conflitantes, ao mesmo tempo em que prevê *inputs* díspares para substanciar o espaço-mescla emergente. Termo cunhado por Fauconnier e Turner (1996), mesclagem é uma operação cognitiva que consiste na integração de estruturas parciais de dois domínios distintos em uma única estrutura, localizada em um terceiro domínio com propriedades emergentes e próprias. Esses dois domínios distintos são projetados segundo os MCIs (Modelos Cognitivos Idealizados; Lakoff, 1987) ativados, que funcionam como *inputs* para a criação desse novo domínio (espaço da mescla), onde se reorganizam categorias, permitindo que o pensamento se mova em novas direções.

Langacker (2008, p. 471) apresenta, como um dos casos de fictividade fora dos produtos de metáfora, a invocação fictiva de um cenário de ato de fala. Por exemplo: a proposição “Eu estarei lá”, em si, não tem *status* epistêmico, mas se tomada como promessa, evoca cenário fictivo. Como será explanado no próximo capítulo, Pascual (2003) trata a invocação fictiva de um cenário de ato de fala como Interação Fictiva, termo cunhado por ela.

1.1.2 Interação Fictiva

Pascual (2014) conceitua Interação Fictiva como o uso do *Frame* de Conversa, aparato cognitivo de caráter intersubjetivo sobre conhecimentos acerca do que é e como conversar, para estruturar pensamento, gramática e discurso. A Interação Fictiva manifesta-se em algumas instâncias, em que se pode aplicar a fórmula fictiva “X é Y”: ironia, por exemplo “Ah ele vai terminar a tese no prazo, sim, e eu vou ser eleito papa” (Pascual, 2014), em que X é dito para significar o contrário Y; pergunta retórica, por exemplo “Quem realmente precisa de ufologia para viver?”, em que X é uma pergunta que significa o comentário Y de que ninguém precisa de ufologia para viver; comando retórico, por exemplo “Fala sério, mãe! Eu não sou mais criança”, em que o imperativo X, de falar sério, não configura ordem, mas operação argumentativa Y para se defender a condição de adulto; afirmação fictiva, por exemplo “Deus sabe o quanto eu sofri”, em que a afirmação X se fictiviza para ressaltar o sofrimento; pedido retórico de desculpas, por exemplo “Me desculpe, mas não vou morrer por sua causa”, em que o pedido X de desculpas significa Y, uma discordância.

De acordo com Pascual (2014), as ocorrências de Interação Fictiva podem ser classificadas como: (i) intersentencial, como o padrão pergunta-resposta, tópico, foco, construções relativas e condicionais; (ii) sentencial, como afirmações, perguntas, comandos, pedidos de desculpas, cumprimentos e trocas de polidez; (iii) intrasentencial, nos níveis

clausal, sintagmático e lexical; (iv) compostos nominais de discurso direto. Como o foco deste trabalho diz respeito a usos de enunciados de Discurso Direto Fictivo, evocam-se não apenas sintáticos e semânticos. Nesse sentido, contemplamos o nível intersentencial, nos termos de Pascual (2014), mas o Discurso Direto Fictivo, na maioria das vezes, composto por combinações frasais, é por nós tratado no âmbito da fala realizada em contextos reais de produção, o que envolve de modo importante elementos pragmáticos e prosódicos.

Rocha e Arantes (2016) já apontaram tendências discursivas e melódicas envolvidas tanto na produção quanto na interpretação de usos factivos de autocitação (ex.: Eu falei: Joana, não vá agora!) e fictivos (ex.: Eu falei: meu Deus do céu! Que loucura!), o que comprovou o apoio pragmático da prosódia na distinção entre eles. Utilizando-se da ferramenta eletrônica Praat¹, esses autores apresentam tendências prosódicas que contribuem para demonstrar a fictividade e a factividade de instâncias do padrão construcional (EU) VERBO *DICENDI* X-ORACIONAL. De acordo com eles, a contraparte factiva em PB desse padrão, em diatopia mineira, apresenta maior frequência fundamental (F0) média, desvio padrão e variação do que sua contraparte fictiva, sendo que os contornos factivos sinalizam valores mais altos, em torno de 2 semitons, em comparação aos fictivos. O principal achado de Rocha e Arantes (2016) é o fato de que os aspectos prosódicos, principalmente o contorno do *pitch* (sensação auditiva que nos faz categorizar um som como agudo ou grave), trazem evidências para distinguir as interpretações DDFic e DDFac (discurso direto factivo) da construção (EU) VERBO *DICENDI* X-ORACIONAL. A verificação de que valores medianos para leituras factivas são maiores do que para leituras fictivas ajuda no reconhecimento da Interação Fictiva como uma alternativa não genuína de discurso direto.

Ainda de acordo com os autores, há também características contextuais presentes que endossam a leitura da contraparte fictiva da construção integrada ao discurso, a saber: (i) monólogos, digressões e expressões subjetivas com conteúdo fortemente emocional; (ii) cotexto epistêmico que precede a construção fictiva, com verbos a exemplo de “achar”, “pensar”, “desesperar”; (iii) presença de vocativos retóricos e de interjeições utilizados para adicionar drama ao uso argumentativo; (iv) manifestação de promessa, plano, avaliação e apreciação; (v) incongruência dêitica entre a cláusula encaixada e o material precedente.

Os aspectos prosódicos, discursivos e pragmáticos listados acima contribuem para delinear a emergência de casos de IF em Discurso Direto, estabelecendo-se como pistas que

¹ O Praat é um *software* utilizado para análise e síntese da fala (Boersma; Weenink, 2013).

disparam configurações sociocognitivas de espaços mentalmente concebidos de acordo com o desdobramento do fluxo discursivo. Por isso, trataremos, no capítulo seguinte, da categoria espaços mentais, já que a IF invoca fictivamente cenários de atos de fala (Pascual, 2003).

1.1.3 Teoria dos Espaços Mentais

A Teoria dos Espaços Mentais, proposta por Fauconnier (1994, 1997), aborda as relações existentes entre sinais linguísticos e processamento cognitivo, demonstrando a natureza das conexões que se operam entre domínios mentais durante a construção do sentido. Essas marcas servem de pista para a decifração do nível cognitivo.

Esses domínios são representados em estruturas, como conjuntos matemáticos, que possuem elementos (a, b, c,...) e relações entre si (R1ab, R2a, R3cbf,...). Sendo assim, novos elementos e novas relações podem emergir, não como uma sequência ordenada de conjuntos, mas considerando que espaços mentais são construídos durante o discurso *on-line* (processamento da significação em tempo real). O linguista conceitua espaços mentais como “construções distintas das estruturas linguísticas, mas que se constroem em qualquer discurso conforme as pistas fornecidas pelas expressões linguísticas”² (Fauconnier, 1994, p.16). A abstração e os conhecimentos semânticos e pragmáticos seriam construídos a partir de uma série de conexões processadas pela mente (Fauconnier, 1997).

Como essas operações são acionadas somente na construção do discurso, é importante destacar que Fauconnier (1994, 1997) e Fauconnier e Sweetser (1996) acrescentam ainda que espaços mentais são domínios conceptuais precários e criados localmente, que, ao se relacionarem, produzem bases temporárias de conhecimento, sustentadas na interação. Fauconnier explicita que sua natureza processual se realiza no fluxo discursivo, “servindo à construção de substrato cognitivo ao raciocínio e à interface com o mundo” (Fauconnier, 1997, p. 34). A organização dos espaços mentais provém de domínios conceptuais mais estáveis, como a moldura comunicativa, o esquema genérico e a estrutura ou *frame* de conhecimento pré-linguístico, o MCI.

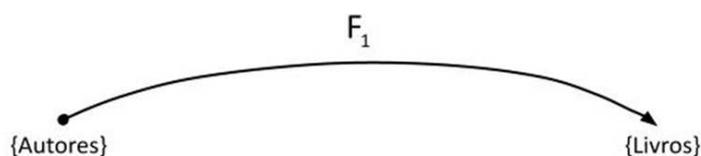
Salomão (1999, p. 32) aponta que “molduras comunicativas presumem a definição das identidades de seus participantes, dos papéis sociais que eles desempenham, do tipo de simetria

² “constructs distinct from linguistic structures but built up in any discourse according to guidelines provided by the linguistic expressions”.

das relações entre eles, do tipo de agendas que organizam os encontros”. A pesquisadora trata esquemas genéricos como expectativas desencarnadas que permitem flexibilidade. Eles podem ser configurados de forma menos abstrata ou mais abstrata. Os sintagmas ir ao supermercado, ir ao supermercado em Juiz de Fora e ir ao Carrefour em Juiz de Fora, por exemplo, apresentam expectativas progressivamente mais estruturadas.

Um dos fundamentos básicos da Teoria dos Espaços Mentais é o Princípio da Identificação ou Princípio de Acesso (Fauconnier, 1994, p. 3), o qual estabelece que se dois elementos a e b podem estar ligados por uma função pragmática F, em que $F(b = F(a))$, uma descrição de a pode ser usada para identificar sua contraparte b. O conector pragmático F liga dois domínios cognitivos.

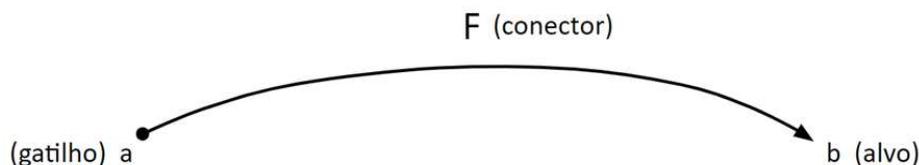
Diagrama 01 - Exemplo do Princípio do Acesso: ligação entre livros e autores



Fonte: Fauconnier (1994).

Fauconnier (1994, p. 4) propõe como exemplo uma função F_1 que liga autores aos seus livros (Diagrama 01). Tomando $a = \text{"Platão"}$ e $b = Fx(a) = \text{"livros de Platão"}$, o Princípio da Identificação permite a concepção da sentença “Platão está na prateleira de cima”, a qual pode significar que o livro escrito por Platão está na prateleira de cima.

Diagrama 02 - Elementos do Princípio do Acesso

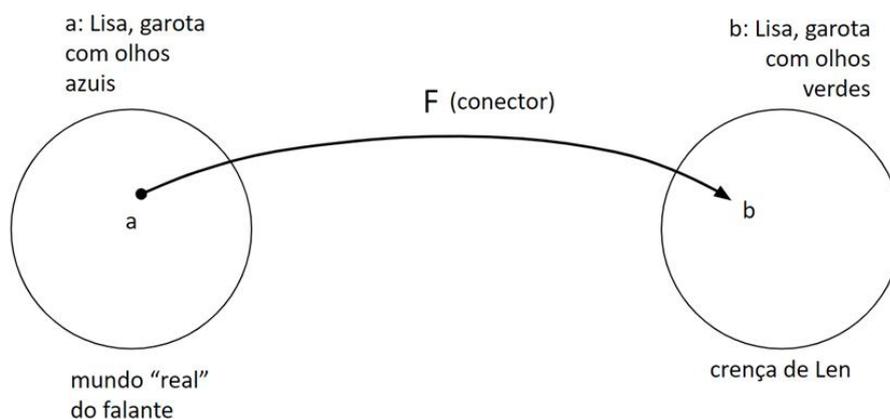


Fonte: Fauconnier (1994).

Conforme o Diagrama 02, “a” será o gatilho de referência e “b” o alvo de referência, tendo F como conector.

Na Teoria dos Espaços Mentais, têm grande relevância os construtores de espaço (*space-builders*), que são marcas linguísticas que sinalizam a existência de constructos mentais específicos, permitindo a conexão pragmática entre domínios epistêmicos diferentes e a descrição da relação entre elemento e contraparte, seja em termos de imagem, crença, hipótese, tempo, drama ou volição. Esses construtores criam um novo espaço mental (M) ou se referem a um já apresentado no discurso, podendo ser representados gramaticalmente por locuções prepositivas (em 1960), advérbios (teoricamente), conectivos (se A então _____) e combinações frasais sujeito-verbo (Carlos acredita _____). O espaço mental M sempre está incluído dentro de um espaço-mãe, que pode ser um outro M ou o Espaço R (Espaço Base (B)). Como ilustração, temos a seguinte representação diagramática:

Diagrama 03 - Exemplo de espaço mental construído com o verbo acreditar



Fonte: Fauconnier (1994).

Na sentença “Len acredita que a garota de olhos azuis tem olhos verdes”, ilustrada pelo Diagrama 03, no Espaço R, que está relacionado com o mundo “real” do falante, a garota tem olhos azuis (a). No entanto, o verbo acreditar introduz um espaço mental M, onde a garota tem olhos verdes (b). A função pragmática F conecta “a” e “b”.

Turner (1996) chamou a atenção para o fato de haver necessidade de refino do modelo de projeção de um espaço em outro, já que essa projeção é direta e positiva. Nesse sentido, surgiu a Teoria da Mesclagem Conceptual, que abordaremos a seguir.

1.1.4 Teoria da Mesclagem Conceptual

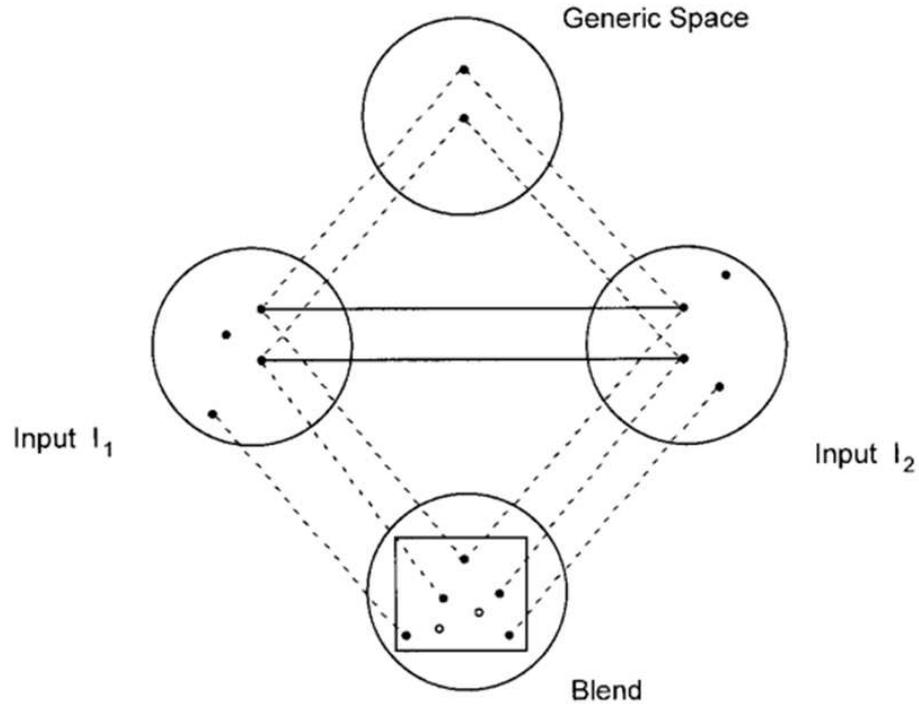
A Teoria da Mesclagem Conceptual, também denominada Integração Conceptual, é uma teoria desenvolvida por Gilles Fauconnier e Mark Turner, na década de 90, definida como uma operação mental básica que trabalha sobre espaços mentais. De acordo com os autores, essa operação leva a um novo significado, a um discernimento global, e a compressões conceituais úteis para a memória e manipulação de arranjos de significado que, de outra forma, permaneceriam difusos (Fauconnier; Turner, 2002). Os pesquisadores destacam que a Mesclagem Conceptual tem um papel fundamental não apenas em relação à construção de sentido na vida cotidiana, nas artes e nas ciências, mas especialmente nas ciências comportamentais e sociais.

Turner (2007) apresenta um exemplo em que um homem está na festa de casamento como padrinho. Enquanto desempenha esse papel, ele está se lembrando de quando foi com sua namorada, que não está na festa, ao Cabo de San Lucas mergulhar, na esperança de achar um tesouro afundado. O padrinho é capaz de habitar mentalmente essas duas histórias ao mesmo tempo, sem confundir a noiva com sua namorada, ou com o tesouro, ou com um tubarão. Não tenta nadar no corredor que leva ao altar no casamento.

Há também a possibilidade de fazer conexões com diferentes espaços mentais em um terceiro com estrutura emergente. O homem que era padrinho pode mesclar as contrapartes e imaginar que ele e sua namorada estão se casando. A partir daí, pode gostar da ideia e pretender fazer o pedido na realidade. Nesse espaço mesclado, quando pede a namorada em casamento, pode ouvir como resposta a namorada dizendo que nunca se casaria com ele. Como essa última situação é apenas uma mescla de espaços mentais, o namorado poderia se sentir aliviado, por exemplo.

Turner (2007) afirma que está na raiz do que nos torna humanos executar múltiplas redes consteladas de espaços mentais quando deveríamos ser absorvidos por apenas um, e mesclar quando deveriam permanecer separados. O autor apresenta diagramaticamente a base da Mesclagem Conceptual:

Diagrama 04 - Base da Mesclagem Conceptual

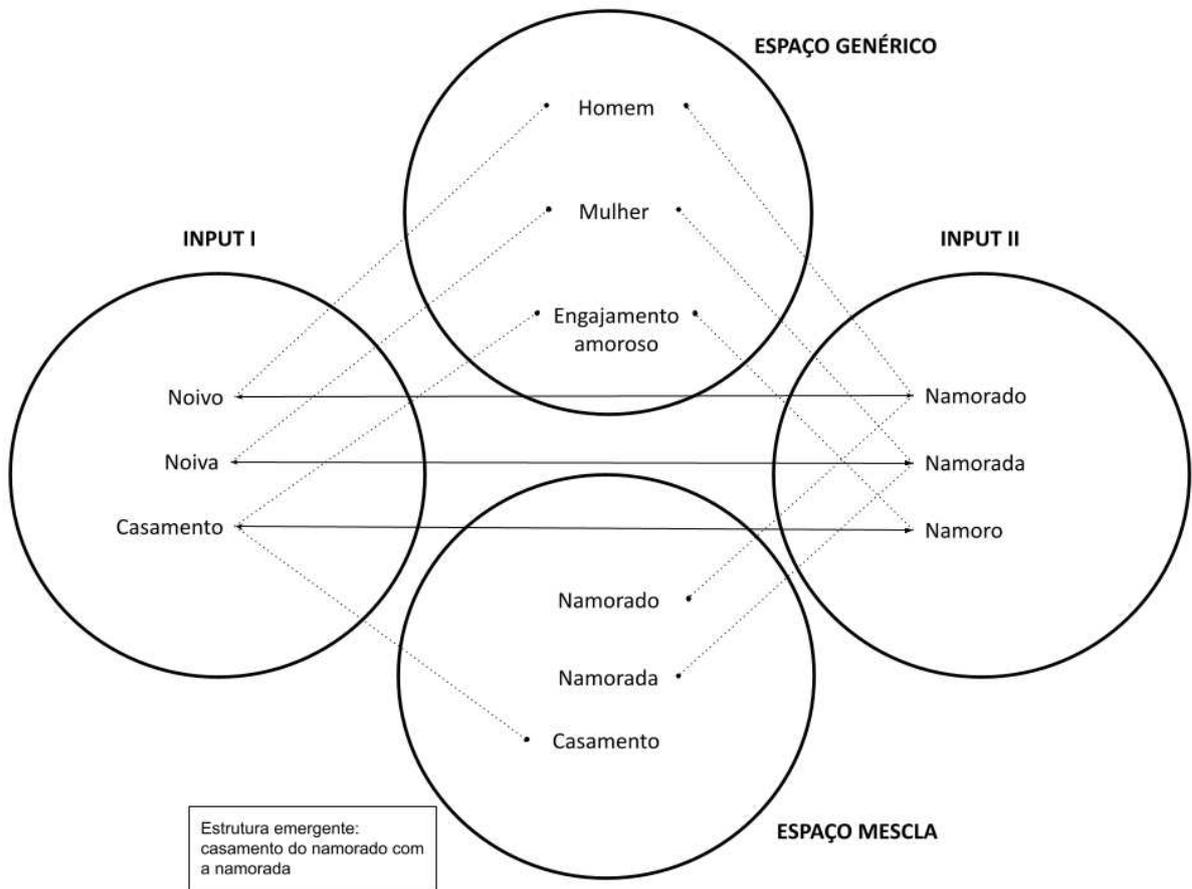


Fonte: Turner (2007).

As características centrais do conceito de Integração Conceptual estão ilustradas no Diagrama 04. Os círculos representam os espaços mentais. As linhas sólidas indicam a correspondência e o mapeamento cruzado entre as entradas (*inputs*), as linhas pontilhadas indicam conexões entre as entradas e o espaço genérico (*Generic Space*), e entre as entradas e o espaço mescla (*Blend*). Por fim, o quadrilátero representa a estrutura emergente. Esse modo estático do diagrama é sempre um *snapshot* de desenvolvimento imaginativo e complexo que pode envolver desativação de conexões anteriores, reenquadramento de espaços anteriores e outras ações.

Na sequência, apresentamos uma proposta de diagrama, relacionada ao exemplo do casamento:

Diagrama 05 - Proposta de diagrama referente ao exemplo do casamento (namorado como conceptualizador)



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Tendo como base o conjunto de princípios constitutivos a que obedece a mesclagem conceptual ilustrada no Diagrama 05, o *Input I* representa o espaço da cerimônia de casamento do noivo e da noiva. No *Input II*, temos o namoro do padrinho do casamento com sua namorada. Um mapeamento cruzado conecta algumas contrapartes nas entradas: noivo e namorado; noiva e namorada e casamento e namoro. Um espaço mental genérico (Espaço Genérico) mapeia cada uma das entradas e contém o que há de comum entre elas; nesse caso, homem e mulher engajados em uma relação amorosa. O quarto espaço é o Espaço Mescla, onde está o processo do namorado casar-se com sua namorada. A projeção das entradas para a mescla é seletiva, ou seja, não são todos os elementos e todas as relações que devem ser projetados para o espaço mescla.

Recebe destaque nessa teoria o fato de a Mesclagem Conceptual desenvolver uma estrutura emergente, representada pelo quadrado no diagrama anterior. No exemplo do casamento, é o padrinho que está na projeção de se casar com a namorada.

De acordo com Turner (2007), essa estrutura emergente é gerada de três maneiras. A primeira é a composição das projeções das entradas, como nesse exemplo, em que a mesclagem pode ser composta de elementos dos espaços de entrada para fornecer relações que não existem nas entradas separadas. A segunda é a conclusão com base em *frames* e cenários recrutados independentemente. Raramente percebemos a extensão do histórico de conhecimento e estrutura que trazemos em uma mescla inconscientemente. A mescla recruta uma grande gama de significado de fundo. Por fim, a partir da elaboração, realizamos mesclas tratando-as como simulações e as executamos imaginativamente de acordo com princípios estabelecidos para a integração conceptual.

Qualquer espaço mental na rede de integração pode ser modificado a qualquer momento na sua construção. Em particular, as entradas podem ser modificadas por mapeamento reverso da mescla. Turner (2007) mostra que, no exemplo do casamento, a mescla que representa o devaneio do padrinho pode alterar a percepção que ele tem de sua relação real com sua namorada. Essa execução por meio da imaginação foi detalhada na obra *The Literary Mind* (Turner, 1996). A mente moderna deriva da capacidade do ser humano de implantar um grupo de operações que trabalham juntas: história, projeção, mesclagem e parábola. A história é a nossa capacidade de construir e imaginar situações como eventos complexos, objetos e atores engajados em atividades interdependentes. Ela opera constantemente no pensamento e é quase inteiramente inconsciente, embora aspectos de sua operação possam ser trazidos para o estágio da consciência.

A projeção é a operação de fazer vários tipos de conexões mentais. Turner (2008) defende que, apesar de formas rudimentares de projeção serem observadas na cognição de mamíferos e primatas, como a mesclagem conceptual, os seres humanos desenvolveram a forma mais avançada, a mesclagem de escopo duplo, que é a mescla de *frames* de entrada em um *frame* mesclado que inclui pelo menos alguma estrutura de organização de cada um dos dois *frames* de entrada que não é compartilhado pelo outro. Já a parábola é o uso da mesclagem de escopo duplo na história, a qual cria estruturas conceituais narrativas mescladas do tipo que caracteriza a cognição humana de ordem superior, com capacidades excepcionais para criatividade e inovação.

Vimos, até aqui, que a fictividade do objeto que se analisa neste trabalho conta muito com o que a rede discursiva oferece em termos pragmáticos e interacionais. Como se entende

que a IF é uma estratégia discursiva voltada para a persuasão, evidencia-se o interesse em tratá-la como recurso argumentativo. Como já dissemos, este trabalho é de orientação cognitiva e interacional. Portanto, tenta alinhar pressupostos teóricos que se complementam, revelando que os exemplares de Discurso Direto Fictivo estão a serviço de dimensões discursivas, pragmáticas e interacionais. A seguir, abordaremos um importante conceito para a análise dos dados: a intersubjetividade.

1.1.5 Intersubjetividade

Traugott e Dasher (2005) definem intersubjetividade como codificação linguística ou expressão linguística que revela o foco de atenção do falante ou do escritor em relação à imagem do ouvinte ou do leitor por meio de um viés de caráter social epistêmico. Nesse sentido, a codificação linguística explícita ocorre por dêixis social e por marcadores de atenção do falante ao interlocutor, como de polidez e títulos honoríficos (Ferrari, 2016, p. 74). Compreendemos, dessa forma, que os conceitos de objetividade, subjetividade e intersubjetividade estão relacionados ao par falante/escritor-ouvinte/leitor no contexto dos propósitos comunicativos.

Ainda que Langacker (1987, 1991, 2008) não tenha tratado explicitamente de intersubjetividade, o modelo do autor incorpora a relação entre conceptualizadores. Ele reconhece que "uma expressão linguística envolve um potencial usuário, e em qualquer uso real, o falante e o ouvinte provavelmente estarão, pelo menos vagamente, conscientes de seu papel na seleção e na construção do significado evocado" (Langacker, 2019, p.166).

Já Verhagen (2005, 2007, 2008), baseado nos trabalhos de Langacker (1987, 1990, 1991, 2008), aborda os conceitos de subjetividade, intersubjetividade e objetividade. Alinhado às postulações de Tomasello (1999), o autor argumenta que a espécie humana possui a habilidade única de assumir a perspectiva de outrem. O pesquisador ressalta que essa capacidade tem grande importância para a vida, a cultura e o desenvolvimento em geral e deve ser representada na maneira como as expressões linguísticas são codificadas e interpretadas.

Verhagen (*op. cit.*) defende que a adoção de perspectiva é um exemplo apropriado de como a sintaxe e a semântica podem ser compreendidas por meio de operações cognitivas que falantes e ouvintes realizam. O falante assume sua subjetividade, em contraposição à objetividade, que se baseia no mundo real, de forma coletiva e impessoal, quando reconhece ele e os outros como agentes intencionais (Tomasello, 1999), os quais podem possuir opiniões

e crenças compartilhadas ou divergentes das de outros. Verhagen destaca esse aspecto, ou seja, a relação entre dois conceptualizadores que estão cognitivamente coordenados através da linguagem de intersubjetividade.

Pascual e Sandler (2016), por sua vez, concebem a Interação Fictiva como evidência importante para o papel fundamental que a intersubjetividade desempenha em definir o que o significado linguístico é. Os autores apontam que é por meio da conversa que as crianças adquirem linguagem e que é por meio dela que ocorre, predominantemente, a iniciação à cultura e à sociedade dos mais velhos. Os enunciados se tornam significativos em trocas de turno sequenciais situadas. A conversa é a forma mais básica de comunicação.

Considerando esse cunho fundamental da conversa, ela se apresenta como um domínio de experiência que molda não somente a maneira como nós conceptualizamos nosso mundo material e social, mas também nossos processos mentais. Conseqüentemente, a conversa face-a-face pode servir como um *frame* para a estruturação da cognição, do discurso e da gramática. Na sequência, tratamos de conceitos importantes utilizados em estudos sobre interação.

1.2 Aspectos discursivos e interacionais

Este trabalho requisita duas categorias de análise sob a ótica do discurso para, analiticamente, tratar seus dados: *footing* e argumentação. Considerando a dinamicidade das interações, que exige, a cada momento, novas orientações discursivas, o conceito de *footing* (Goffman, [1979]/2013) abrange “o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do ‘eu’ de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção” (Ribeiro; Garcez, 2013, p. 107). Quando uma mudança de *footing* ocorre interacionalmente, percebe-se um novo alinhamento que o participante assume para si mesmo e também para os outros, expresso na forma por meio da qual se conduz a produção ou a recepção de uma elocução. Uma mudança de *footing* é outra maneira de tratar de uma mudança no enquadre dos eventos.

A estrutura de participação e o formato de produção são categorias importantes ligadas ao *footing*. Quando trata da estrutura de participação, Goffman (2013) classifica os interagentes como falante e ouvinte. O primeiro produz o enunciado, e o segundo acompanha o que é produzido. Esse último poderá envolver-se na interação como um ouvinte ratificado, fazendo parte dela ou como ouvinte não-ratificado sem participar dela diretamente. O autor subdivide, ainda, os ouvintes ratificados em três tipos de *status*: ouvinte endereçado, para quem a fala é

dirigida diretamente; ouvinte não-endereçado, que tem um *status* participativo apesar de a fala não lhe ser dirigida diretamente e plateia, que representa o conjunto de ouvintes presentes em contextos institucionais.

Referindo-se ao falante, Goffman ([1979]2013) entende que a alternância de código é comum, e quando não pode ser percebida, pelo menos segmentos prosódicos como altura, ritmo, timbre, entre outros, poderão ser notados. Considerando o formato de produção, o falante é subdividido em animador, autor e responsável ou principal. A categoria animador refere-se ao falante como “a máquina de falar”, ao corpo que realiza a atividade acústica.

Além desse animador, pode existir um animador encaixado, exemplificado como uma figura cuja existência se dá somente no universo sobre o qual se está falando e não no universo no qual a narração em curso acontece. Basicamente, notamos o animador encaixado quando o animador atua como figura, produzindo enunciados como ele próprio, mas em outro momento de sua vida, como em situações hipotéticas, por exemplo. Neste trabalho, além dessa noção, lidaremos com a categoria de animador encaixado nos momentos em que há o encaixamento de um falante completamente diferente no corpo da elocução, já que os oradores criam diálogos fictivos nos quais animam não somente as falas deles, mas também de interlocutores fictivos.

Já o autor é o falante visto como agente, “dono do *script*”, aquele que escolhe as palavras e os sentimentos expressos. Por fim, responsável ou principal faz referência ao interlocutor com uma identidade social particular que se responsabiliza por sua posição e pelas opiniões e crenças que expressa.

A partir do momento em que se estuda o discurso proferido por líderes religiosos, outra categoria de análise se requisita: a argumentação, cuja história pode ser traçada desde a Grécia Antiga. Para Aristóteles (1978), um dos principais pensadores da Antiguidade sobre o assunto, raciocinar é saber extrair conclusões de proposições estabelecidas pela linguagem. No campo da Linguística, as ideias de Aristóteles têm sido ampliadas. Têm surgido também propostas de construção de modelos do discurso argumentativo baseados em dados de fala ou escrita, como a teoria Pragma-Dialética (Eemeren; Grootendorst, 1984; Eemeren, 1992), que se sustenta com base na Teoria dos Atos de Fala (Austin, 1962; Searle, 1969), analisando os argumentos que emergem de interações em que se observa divergência de opinião.

Adotamos neste trabalho a abordagem discursivo-interacional, em que a argumentação é tratada como um processo dinâmico e interativo, mediante o qual são negociadas posições expressas ou inferidas (Schiffrin, 1987). Essa autora estabelece uma proposta que identifica tanto as propriedades textuais de um monólogo, por exemplo, quanto as propriedades interativas, como o diálogo.

Schiffrin (1987, p.19) arregimenta a argumentação em três componentes: posição, disputa e sustentação. A posição é o ponto de vista a ser defendido pelo falante, sendo composta por uma ideia e pelo compromisso do falante em defendê-la, a exemplo da postura e da adesão, estendendo-se desde uma afirmação até à atenuação ou intensificação do que é dito. A disputa refere-se a um desacordo em relação à posição ou à sustentação. Por fim, o componente destinado a apoiar as posições em disputa é a sustentação do ponto de vista, em que se apresentam justificativas, explicações e evidências empíricas para induzir o interlocutor a chegar a uma conclusão a respeito da aceitabilidade ou legitimidade da posição. No Brasil, é um exemplo de estudo baseado na proposta de Schiffrin (1987) o trabalho de Vieira e Dias (2018) sobre dados de uma audiência de Juizado Especial Criminal. A abordagem proposta nesta tese, utilizando conceitos da Linguística Cognitiva e de outras áreas da Linguística que dão ênfase ao discurso e à interação, não é nova, como demonstrado a seguir.

1.3 Cognição, Discurso e Sociedade

Muitos pesquisadores têm se preocupado com a interseção entre discurso, cognição e sociedade. Como exemplo, citamos o trabalho organizado por Romano e Porto (2016), que mostra a relação íntima e intrínseca entre a Linguística Cognitiva e os estudos de discurso. Baseia-se principalmente em uma abordagem comum ao estudo da linguagem, à linguagem em uso e à linguagem como um processo dinâmico, complexo e interativo no qual o discurso emerge em contextos comunicativos reais. Essa articulação tem como foco não o discurso como produto final, mas explora as estratégias que colaboram para explicar como esse discurso real é construído e interpretado em interações reais, considerando recursos verbais e não verbais.

Embora as estratégias do discurso estejam sendo amplamente utilizadas em diversos campos linguísticos, como na Linguística do Texto, na Análise Crítica do Discurso e na Sociolinguística Interacional, foi nos últimos anos que o estudo do discurso, da cognição e da sociedade finalmente se entrelaçaram dentro da Linguística Cognitiva através do desenvolvimento de uma nova epistemologia e suas ferramentas empíricas, como apontam Romano e Porto (2016).

No âmbito da Linguística Cognitiva, o interesse pelos aspectos sociais da linguagem pode ser rastreado nos trabalhos de Langacker (1994), Geeraerts e Grondelaers (1995), Barlow (2000), Brandt e Brandt (2005), dentre outros. As autoras apontam que o número crescente de representantes da LC trabalhando tanto os aspectos teóricos quanto os empíricos das abordagens sociocognitivas da linguagem tem mostrado um renovado interesse pelo assunto.

As pesquisadoras percebem esse movimento como a “nova” virada social dentro da Linguística Cognitiva e afirmam que ele tem consequências tanto para o escopo de estudo quanto para a metodologia da LC.

Uma das principais consequências é o fato de o caráter abrangente e interdisciplinar da Linguística Cognitiva estar continuamente redefinindo os limites da linguística como disciplina. Essas redefinições sucessivas permitem um constante cruzamento de fronteiras e uma contínua fusão de ferramentas teóricas e metodológicas (Frank, 2008).

Trataremos a seguir dos aspectos metodológicos que envolvem este trabalho.

2 METODOLOGIA

Como já foi destacado, o objetivo geral deste trabalho é investigar como líderes religiosos utilizam o Discurso Direto Fictivo em suas mensagens para potencializar a persuasão e a conexão emocional com seus ouvintes. Quanto aos objetivos específicos, analisaremos o uso do DDFic como recurso argumentativo e como ele pode contribuir para a Mescla da Carapuça. Destacamos, ainda, que nossa hipótese é a de que o DDFic potencializa a persuasão e a conexão emocional com o ouvinte devido à possibilidade de ser usado pelo líder religioso como recurso argumentativo para destacar possíveis argumentos contrários restritos ao pensamento desse ouvinte. Além disso, o DDFic pode se constituir em um espaço mental que fornece elementos para processos cognitivos que culminam na Mescla da Carapuça.

No processo cognitivo da Mescla da Carapuça, os conceptualizadores, ao “enfiarem/vestirem a carapuça”, parcial ou completamente, se colocam na mesma posição de entes factivos, fictivos e fictícios, alvos de críticas ou comentários, concebendo-se ou se percebendo como destinatários específicos dos discursos dos pregadores. Assim, os ouvintes promovem projeções novas e emergentes à medida que instanciam para si aquilo que não foi particularmente direcionado a eles. Com base na Teoria da Fictividade proposta por Talmy (2000), a Mescla da Carapuça pode ser sintetizada na fórmula X GENÉRICO É X PARTICULAR, sendo o preenchimento da variável X o mesmo nas duas partes da referida fórmula, já que um é cognitivamente tomado pelo outro.

Na sequência, apresentamos o *corpus* usado para alcançar os objetivos supracitados.

2.1 CORPUS DA PESQUISA

De base qualitativa e interpretativa (Denzin; Lincoln, 2006), este trabalho recorre a dados linguísticos reais produzidos em eventos representativos das três religiões que mais possuem adeptos no Brasil. De acordo com informações do Censo (2010), divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os católicos romanos somavam 64,6% da população, seguidos pelos evangélicos de diferentes subgrupos (22,2%) e pelos espíritas (2%). A partir desses percentuais, selecionamos na plataforma de publicação de vídeos *Youtube* uma pregação de um líder renomado de cada uma dessas religiões para investigar o uso do Discurso Direto Fictivo na estratégia argumentativa.

Assim, foram escolhidos o padre católico Fábio de Melo, o pastor evangélico Silas Malafaia e o palestrante espírita kardecista Divaldo Pereira Franco, tendo em vista o fato de haver muitas mensagens deles publicadas no *Youtube* e por serem reconhecidos nacionalmente há muitos anos como pregadores e palestrantes. Após essa escolha, optamos por analisar uma mensagem de cada líder religioso que abordasse temas referentes a sucesso, vitória, felicidade e prosperidade.

O sermão do padre, “A vitória que vence o mundo, a Fé”, foi publicado em 18 de maio de 2017, no Canal Canção Nova Play, gerenciado pela instituição Canção Nova, cujo site traz a informação de que padre Fábio de Melo teve o encontro com o público na manhã do dia 9 de dezembro de 2012, no Centro de Evangelização Dom João Hipólito de Moraes, em Cachoeira Paulista (SP). No vídeo, o sacerdote menciona que o evento foi denominado Hosana Brasil. O acesso à gravação que tem 1:02:26 de duração pode ser feito por meio do seguinte link: <https://youtu.be/J3jwUWeR9Qg>.

Por sua vez, a mensagem de Silas Malafaia se intitula “Uma vida de prosperidade”. Segundo a descrição da postagem, a mensagem foi publicada em 11 de junho de 2012, pela Associação Vitória em Cristo (Avec), presidida pelo pastor e tem a duração de 50:24. No início do vídeo o pastor informa que pelo fato de a instituição não ter espaço físico próprio para realizar o culto de Santa Ceia, o evento estava acontecendo na Arena HSBC e sendo transmitido em tempo real via satélite pela empresa Embratel para cinco igrejas localizadas em pontos diversos do Brasil. A referida mensagem pode ser acessada neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=PpOQCEBHRpY>.

Já o vídeo do espírita kardecista Divaldo Pereira Franco foi publicado pelo canal “Bem Vindo” com o título “O amor como solução”. No vídeo que tem duração de 01:10:05, o palestrante propõe “Dez técnicas para uma vida feliz”. A publicação foi feita no dia 7 de setembro de 2015. No fundo do palco do evento percebemos um painel que apresenta em destaque “Mansão do Caminho” - uma referência à obra social que tem Divaldo Franco como um dos fundadores. A mensagem completa pode ser acessada nesta página do Youtube: https://www.youtube.com/watch?v=hXrkVAV8M c & list=PLU-oJLZEds_dXvi8VanTuNfrutswUS5yx & index=4.

2.1 PROCEDIMENTOS ESPECÍFICOS

Após a oitiva das mensagens religiosas, selecionamos casos em que o Discurso Direto Fictivo representa posições e/ou argumentos contrários à tese do orador e em que o líder religioso apresenta fundamentação para combatê-los. Encontramos duas ocorrências no sermão do padre Fábio de Melo, duas na pregação do pastor Silas Malafaia e uma na palestra do espírita Divaldo Franco.

A transcrição dos dados foi realizada de acordo com a pontuação canônica da norma culta da Língua Portuguesa, com exceção da utilização de parênteses duplos “(())” para indicar ocorrências paralinguísticas, como risos e aplausos. Também usamos negrito para destacar os trechos específicos de Discurso Direto Fictivo, que fazem parte do recorte dessa pesquisa. Antes da apresentação de cada transcrição, fornecemos *hyperlinks* e *QR codes* para que se possa acessar diretamente o momento exato de cada excerto no *Youtube*.

Já informamos que o banco de dados deste trabalho constitui-se de vídeos de mensagens religiosas publicadas no YouTube e que os fragmentos selecionados são transcritos. Ocorre que a metodologia de transcrição não contempla os aspectos para e extralinguísticos que são inerentes a um produto audiovisual, o que já foi justificado. Por isso, solicitamos que o audiovisual seja assistido antes de se lerem quaisquer transcrições, a fim de que o leitor possa perceber e sentir as nuances da multimodalidade no contexto religioso.

Destacamos que esses fragmentos são analisados seguindo a ordem cronológica do vídeo, e consequentemente a sequência das linhas da transcrição acompanha isso. É como se o estudioso da linguagem estivesse presente no momento da mensagem, com poderes para pausar o tempo toda vez que for necessário e ir avançando segundo a segundo, ou em frações de segundo, para analisar não apenas as falas dos líderes religiosos, mas também o que supostamente se passa na mente do ouvinte fictício em cada momento.

A fim de analisar essa conceptualização, para cada mensagem religiosa, criamos um ouvinte fictício diferente. Eles vão se reconhecer nos cenários fictivos criados pelos oradores. Fornecemos a seguir evidência empírica de que isso pode, de fato, acontecer. Uma página do Facebook publicou um vídeo intitulado “Pastor toma microfone do Pregador ao vivo durante o culto”. Solicitamos que esse vídeo seja assistido por meio deste *link*: <https://abre.ai/pastor-toma-microfone-do-pregador>.

Figura 01 - QR Code para acessar o vídeo “Pastor toma microfone do Pregador ao vivo durante o culto



Fonte: Elaborada pelo autor (2023).

Esse vídeo adicional é ilustrativo da plausibilidade de se proporem os referidos ouvintes fictícios como elementos de análise, visto que traz um conceptualizador que "veste" a carapuça. Além disso, é uma importante evidência do comportamento que um ouvinte da mensagem pode assumir. Aparentemente, foi gravado em uma igreja evangélica. Muitos termos utilizados pelos falantes indicam isso, como pastor e vigília. Além disso, é possível assistir a um pregador de terno e gravata, junto ao púlpito, e pessoas atrás dele no altar vestidas da mesma forma. O pregador diz: “Para de usar dinheiro pra trocar de carro, pra coisas banais. Faça a obra. Viva com decência, porque Deus vai levantar alguém pra sustentar”. Ele relata que escreve seus livros para que se alguém questionar de onde vem o carro dele, diga que vem do seu trabalho.

Na sequência do vídeo, o pregador argumenta que, mesmo que a igreja seja grande e que pague um bom salário, deve haver coerência. Ele exemplifica: “Pastor andando de Mercedes e a igreja cheia de gente desempregada. Sem vergonha!”. Nesse momento, a câmera foca apenas os livros do pregador sobre o púlpito. Mas é possível escutar uma outra voz que afirma “Eu tenho uma Mercedes, mas é fruto do meu trabalho”. Outra câmera mostra a seguir que o microfone segurado antes pelo pregador está na mão de um pastor, conforme informações do título do vídeo.

Esse pastor continua: “Fruto do meu trabalho. Para que alguém não crie uma imagem”. Ele fornece dados sobre a quilometragem que percorre mensalmente e o quanto gasta de gasolina para justificar o motivo de ter dois carros. Acrescenta que não são roubados, que ele não é presidente da igreja. Diz ter consciência, ponderando que a Mercedes não é nova e que não tem condições de comprar uma de 500 mil reais. Após destacar desgaste de pneu, de motor e consumo de óleo, justifica: “Então eu comprei uma barata, preço que uma pessoa pobre pode

comprar, uma de 50. Eu preciso esclarecer. É do meu salário”. O pastor alega que precisa fazer esse esclarecimento, já que, apesar de seu carro ser uma Mercedes, é velho, de 2009, e por causa da marca alguém poderia não perceber isso.

Vimos que o pregador classifica como “sem vergonha” um pastor que recebe salário da igreja e tem Mercedes, enquanto há muitos desempregados na congregação. Embora talvez o pregador nem soubesse que o pastor tinha um carro com essa marca, o próprio pastor que ouvia a mensagem se reconheceu no cenário criado pelo pregador e se sentiu na obrigação de interromper a pregação para se explicar, para que alguém não visse seu automóvel e o considerasse sem vergonha. Esse vídeo exemplifica a possibilidade de os ouvintes compararem cenários construídos por líderes religiosos com seu repertório de vida.

Com base nesse exemplo, considerado por nós como muito prototípico da Mescla da Carapuça, criamos os seguintes ouvintes fictícios para cada mensagem: João, o único músico de sua paróquia, o qual quer adiar o momento de perdoar sua mãe, sendo o ouvinte dos fragmentos do padre Fábio de Melo; Antônio, que não crê na relação entre ser ofertante e dizimista fiel e ter prosperidade, conceptualizando a mensagem do pastor Silas Malafaia; Carlos, que tem dificuldade de expressar amor, inclusive para sua esposa, sendo o ouvinte da mensagem do palestrante espírita Divaldo Franco.

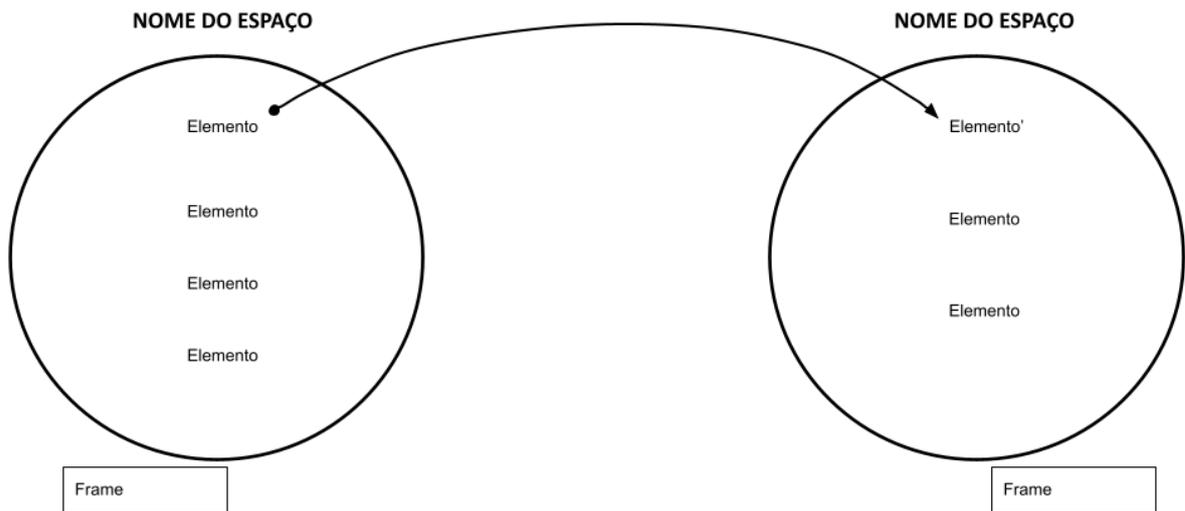
A criação dos ouvintes fictícios João, Antônio e Carlos, com suas respectivas histórias de vida, que podem ser projetadas nos cenários inventados por esses líderes religiosos, é um recurso metodológico valioso para demonstrar os processos cognitivos que podem levar um ouvinte real a vivenciar a Mescla da Carapuça.

Por fim, na análise de cada excerto, buscamos descrever: (i) os introdutores de espaços mentais; (ii) como os espaços mentais que servem de *inputs* foram construídos; (iii) a emergência do Espaço Genérico; (iv) o estabelecimento do Espaço Mescla da Carapuça e o acréscimo de elementos nesse espaço; e (v) os desdobramentos da estratégia argumentativa usada pelos líderes religiosos. Demonstramos, a seguir, o padrão dos diagramas usados neste trabalho.

2.3 ILUSTRAÇÃO DOS DIAGRAMAS

Na análise dos excertos citados, usamos diagramas baseados na Teoria dos Espaços Mentais e na Teoria da Mesclagem Conceptual, como este:

Diagrama 06 - Adaptação do Diagrama do Princípio do Acesso

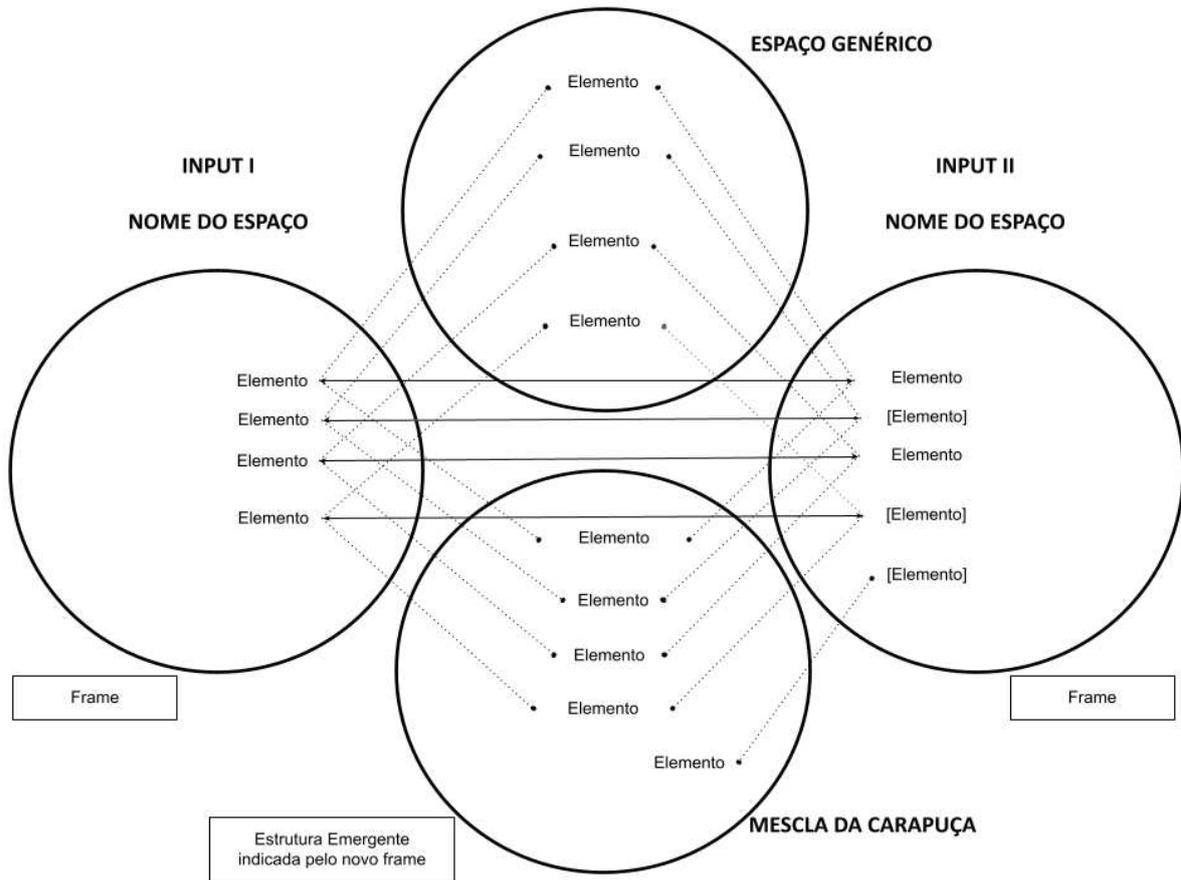


Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O diagrama básico do Princípio da Identificação será usado de forma adaptada, conforme ilustrado no Diagrama 06. Os espaços são representados por círculos. Dentro deles, inserimos os elementos respectivos e acima a respectiva denominação. A definição do *frame* está indicada em um retângulo na sua parte inferior dos espaços. Além disso, uma seta curva aponta, no outro espaço, a contraparte do elemento, a qual apresenta um apóstrofo (') após seu nome.

Já o diagrama básico adaptado do processo de Mesclagem Conceptual está ilustrado no Diagrama 07:

Diagrama 07 - Adaptação do Diagrama do processo de Mesclagem Conceptual



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Conforme o Diagrama 07, além da simbologia já explicada no Diagrama 05, as setas bidirecionais sólidas indicam a correspondência e o mapeamento cruzado entre os *inputs*, indicando a possibilidade de, por meio do Princípio da Projeção, elementos poderem ser projetados um no outro. As linhas pontilhadas indicam conexões entre as entradas e o Espaço Genérico, bem como entre cada *input* e o espaço que denominamos de Mescla da Carapuça, no qual indicamos a estrutura emergente com a definição do novo *frame* no retângulo próximo a esse espaço. Por fim, entre colchetes ([]), inserimos itens disponíveis para instalação particular.

Na sequência, iniciamos a análise dos excertos transcritos.

3 ANÁLISE DE DADOS

3.1 MENSAGEM DO PADRE FÁBIO DE MELO

Uma breve contextualização sobre a tese defendida por Fábio de Melo é inicialmente relevante para o desdobramento analítico dos excertos referentes ao padre. O vídeo completo de sua mensagem tem início com o sacerdote pedindo para a audiência abrir a Bíblia na I Carta de João, capítulo 5. Após exortar alguns dos presentes para que parem de tirar fotos e prestem atenção no sermão, o padre inicia a leitura do texto bíblico:

Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo foi gerado de Deus; E quem ama aquele que gerou, amará também aquele que dele foi gerado. E este é o nosso critério para saber que amamos os filhos de Deus, quando amamos a Deus e pomos em prática os seus mandamentos. Pois amar a Deus consiste nisto: que observemos os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são pesados. Pois todo que foi gerado de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que venceu o mundo: a nossa fé. Quem é o vencedor do mundo senão aquele que crê que Jesus é o filho de Deus? (BÍBLIA, I João, 5, 1-5)

O fragmento acima emblematiza a ideia que o padre defende ao longo de todo o sermão: o verdadeiro vencedor é aquele que pratica os mandamentos de Deus e não, necessariamente, aquele que tem reconhecimento público devido às atividades que realiza, inclusive relacionadas à própria religião, como lançar CDs. Nos excertos 01 e 02 a seguir, dois temas decorrentes da referida tese do sermão, respectivamente o perdão e a transformação pessoal, culminam em exemplares ilustrativos de Discurso Direto Fictivo, os quais contribuem para o processo da Mescla da Carapuça.

3.1.1 Excerto 01 – Fragmento 01 da mensagem do padre Fábio de Melo

O momento exato desse trecho (transcrito mais adiante), que começa na minutagem 13:13, pode ser acessado no YouTube apontando a câmera de um celular ou de um *tablet* para para o *QR Code* abaixo (Figura 01) ou por meio deste *link*: <https://abre.ai/excerto-1-do-padre>. Solicitamos que assista antes de ler a transcrição.

Figura 02 - QR Code para acessar o Fragmento 01 do vídeo do padre



Fonte: Elaborada pelo autor (2023).

Transcrevemos abaixo o referido fragmento do vídeo da mensagem do padre Fábio de Melo:

01	Mas é certo que muitos de nós ainda traz também uma matéria, trazem ainda
02	uma matéria prima que precisa ser quarada pelos céus. Nós ainda
03	não somos justos como precisamos. Nós ainda não somos os filhos que
04	os nossos pais poderiam ter, nós ainda não somos os esposos, nós ainda não somos
05	suficientemente fiéis. Nós ainda não amamos. Nós ainda não perdoamos. Eu tenho
06	certeza, sem medo de errar, que essa multidão aqui tá cheio de gente precisando perdoar.
07	Ah, mas eu trago uma mágoa no meu coração, padre Fábio. Eu não vou perdoar esse ano
08	não que eu quero que ela veja que ela me magoou. O ano que vem. Cuidado, pode não
09	haver o ano que vem._Não é que eu acredite que dia 21 de dezembro vai acabar tudo não.
10	Vô tá trabalhando no dia 21 feliz da vida. Num acredito nisso não. Mas hoje é o início e hoje
11	pode ser o fim. Quando Jesus dizia vigiai e orai porque não sabeis o dia e nem a hora
12	ele estava justamente querendo nos colocar nessa dinâmica inteligente. Porque isso é
13	inteligente. Isso é sábio. É você viver o dia de hoje nessa perspectiva: hoje é início, mas
14	hoje é também fim. Eu não sei o que eu tenho pela frente.

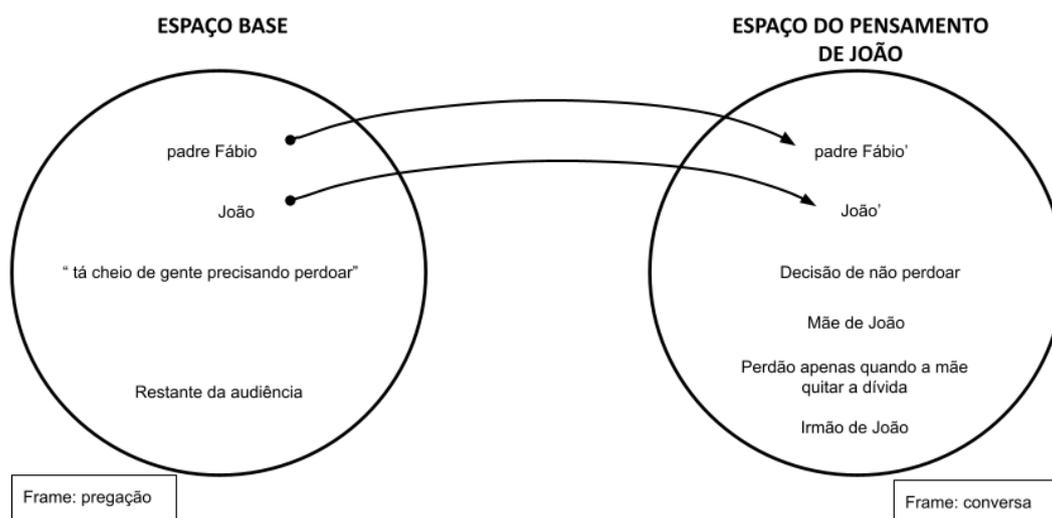
A seguir, demonstraremos como um ouvinte fictício que ainda não concedeu perdão à sua mãe pode experimentar a Mescla da Carapuça durante esse trecho da pregação.

3.1.1.1 Processo cognitivo da Mescla da Carapuça: fragmento 01 do padre

Para fins de exercício analítico inicial, como ideia-piloto, vamos imaginar um ouvinte dessa mensagem do padre, o qual chamamos de João, presente no evento. Há muitos anos, João cortou o relacionamento com sua mãe pelo fato de ela ter lhe pedido uma alta quantia de dinheiro emprestada para ajudar o irmão dele a comprar um carro. À época, a mãe mentira dizendo que precisava reformar a casa dela. Desde que descobriu isso, João decidiu que iria perdoá-la apenas quando ela quitasse a dívida. Essa história terá sua importância analítica no decorrer do texto, em função da sequência de potenciais conceptualizações realizadas por João acerca do discurso do padre.

Nas linhas 05 e 06 do Excerto 01, o padre Fábio de Melo afirma com plena convicção que, dentre os ouvintes conceptualmente ancorados no mesmo tempo-espaço que ele, há fiéis necessitando perdoar. Nesse ponto, a tese do padre é a de que as pessoas devem praticar o perdão. Quando ele diz “Eu tenho certeza sem medo de errar que essa multidão aqui tá cheio de gente precisando perdoar” (linhas 05 e 06), evocando um domínio epistêmico cuja factividade do verbo “sei” faz pressupor a existência de muitos fiéis nessa situação, João se reconhece como uma dessas pessoas e, nesse momento, manifesta para Fábio de Melo, apenas em pensamento, posição contrária à ideia de conceder perdão para sua mãe antes da devolução do dinheiro. Há um motivo para usarmos a expressão “manifesta para Fábio de Melo”: a manifestação oculta dessa posição tem destinatário específico, o padre, o que permitirá a conceptualização do *frame* que envolve o pensamento como conversa, conforme o Diagrama 08, que ilustra o que acontece até esse momento, de acordo com o Espaço do Pensamento de João:

Diagrama 08 - Construção do Espaço mental do Pensamento de João



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Observamos no diagrama anterior que, no Espaço Base, o aqui e agora da interação, Fábio de Melo prega no evento Hosana Brasil, dirigindo-se não somente a João, mas à audiência de uma forma geral (*frame* pregação). Quando o padre afirma que, entre os presentes, “tá cheio de gente precisando perdoar”, João começa a “vestir a carapuça”, reconhecendo-se como sendo uma dessas pessoas.

No pensamento de João, o *frame* é uma conversa que tem ele próprio como emissor da mensagem em que manifesta a posição de não perdoar sua mãe até que ela quite a dívida que fez com ele por causa de seu irmão. O sacerdote é o destinatário da mensagem no espaço mental construído. Pelo Princípio do Acesso, observamos que o padre Fábio e o João desse espaço aberto (padre Fábio' e João'), estruturado pelo *Frame* de Conversa, têm os mesmos referentes do Espaço Base.

O recurso ao Princípio do Acesso, também chamado de Princípio da Identificação, não é, necessariamente, uma referência ao fato de João ter se identificado como uma das pessoas da multidão que necessita perdoar alguém, apesar disso ter acontecido. A alusão a esse princípio ocorre porque podemos identificar que o padre Fábio do pensamento de João é o mesmo padre que está pregando no evento. O João representado no espaço mental é o mesmo João ouvindo a mensagem no Hosana Brasil. Lembremos que, na sentença “Len acredita que a garota de olhos azuis tem olhos verdes”, no espaço relacionado com o mundo “real” do falante, a garota tem olhos azuis. No entanto, o verbo acreditar introduz um espaço mental em que a garota tem olhos verdes. O referente de “a garota” é a mesma pessoa. Na nossa análise, o Diagrama 08 foi

introduzido para mostrar que as manifestações de João, como se estivesse conversando com padre, acontecem em um espaço mental que não se confunde com o Espaço Base. Vimos até aqui que o padre afirmou que, naquela multidão, havia muitas pessoas necessitando perdoar. Depois disso, João manifestou em pensamento para Fábio de Melo sua posição de não perdoar a mãe até que ela quite a dívida que fez por causa do irmão dele.

Avançando para os momentos seguintes do vídeo, o padre usa Interação Fictiva em Discurso Direto. Profere, intersubjetivamente, a ilocução “Ah, mas eu trago uma mágoa no meu coração, padre Fábio. Eu não vou perdoar esse ano que eu quero que ela veja que ela me magoou. O ano que vem” (linhas 07 e 08). Na animação desse trecho pelo sacerdote, é possível observarmos a suspensão das coordenadas espaço-temporais analisando a mudança de *footing* que ocorreu nesse fragmento. Fábio de Melo encena ou performa um interlocutor fictivo que usa uma prosódia distinta da dele, com um timbre de voz mais grave, projetando os lábios, e, no início da ilocução, coloca a mão direita fechada junto ao peito em alguns momentos, como reproduzido na Figura 03:

Figura 03 - Padre com a mão direita junto ao peito, projetando os lábios



Fonte: Canção Nova Play (2017).

Além dessas convenções de contextualização (Gumperz, [1982]1998), já citadas, que indicam a mudança de *footing*, Fábio de Melo também fecha os olhos enquanto fala, como é possível visualizar na Figura 03:

Figura 04 - Padre fala fechando os olhos

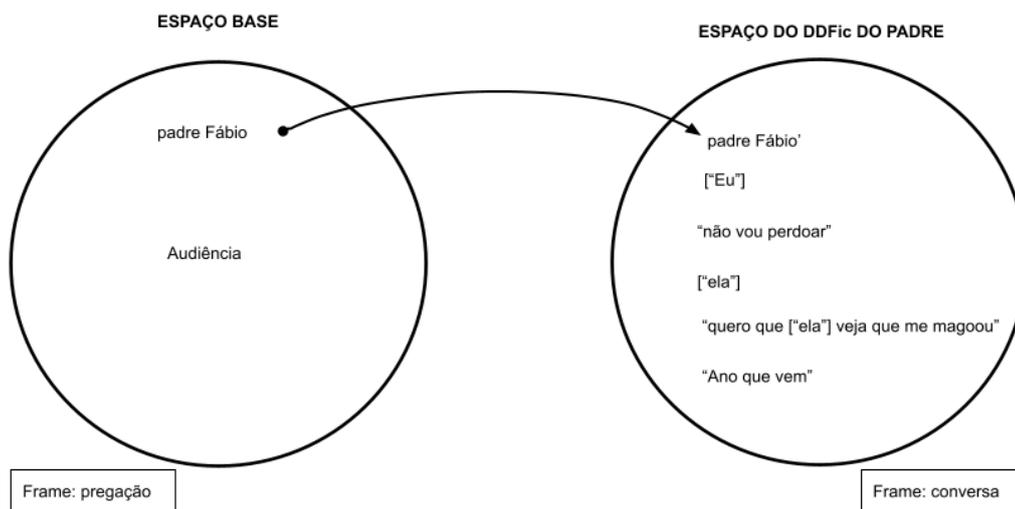


Fonte: Canção Nova Play (2017).

No fragmento “Ah, mas eu trago uma mágoa no meu coração, padre Fábio. Eu não vou perdoar esse ano que eu quero que ela veja que ela me magoou. O ano que vem” (linhas 07 e 08), a mudança de *footing* também fica evidente pela modificação do formato de produção. Esse discurso contra o perdão não está em consonância com a tese de que o vencedor é aquele que pratica os mandamentos que estão na Bíblia. Isso evidencia a presença de um animador encaixado, o qual é também autor desse discurso e responsável por ele. Além disso, de forma intersubjetiva, o destinatário desse discurso do animador encaixado é o alocutário “padre Fábio”, diferentemente da pregação em que o padre é o único emissor.

Esses elementos prosódicos e gestuais diferenciados, a mudança no formato de produção e na estrutura de participação demonstram que ocorre uma mudança de *footing* e que as coordenadas espaço-temporais referentes a essa sequência de enunciados fictivos das linhas mencionadas são distintas das do Espaço Base. Essa mudança de *footing* atua como construtora do espaço mental ilustrado no Diagrama 09:

Diagrama 09 - Construção do Espaço mental DDFic do Padre



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

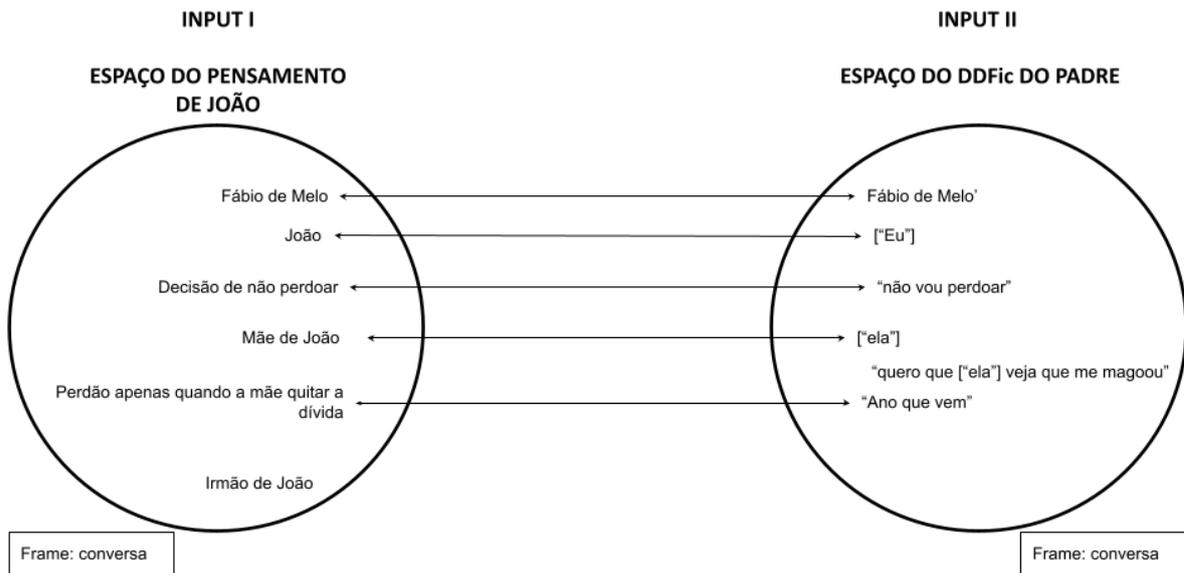
O Diagrama 09 mostra que, no Espaço Base, Fábio de Melo prega para a plateia de forma geral, subentendendo-se nesta análise a presença de João. Dissemos que o Discurso Direto Fictivo “Ah, mas eu trago uma mágoa no meu coração, padre Fábio. Eu não vou perdoar esse ano que eu quero que ela veja que ela me magoou. O ano que vem” (linhas 07 e 08) tem as coordenadas espaço-temporais diferentes do Espaço Base. Esse espaço mental criado está representado no Diagrama 09 como Espaço do DDFic do Padre. A seta curva que representa o Princípio do Acesso indica que o “padre Fábio” desse espaço mental tem como referente o mesmo sacerdote que prega no Espaço Base. Ainda nessa interação, o falante [“Eu”], é, em relação à ilocução em tela, animador, autor e responsável. Ele manifesta sua posição de não perdoar o alvo [“ela”], porque quer que a pessoa veja que o magoou. Por fim, a mudança dessa posição está prevista para “Ano que vem”.

Recapitulemos o que aconteceu até aqui: o padre disse “Eu tenho certeza sem medo de errar que essa multidão aqui tá cheio de gente precisando perdoar” (linhas 05 e 06). João se reconheceu como uma dessas pessoas e manifestou em pensamento para Fábio de Melo sua posição de não perdoar a mãe até que ela quite a dívida que fez por causa do irmão dele. Depois disso, o sacerdote fez uma encenação dizendo “Ah, mas eu trago uma mágoa no meu coração, padre Fábio. Eu não vou perdoar esse ano que eu quero que ela veja que ela me magoou. O ano que vem” (linhas 07 e 08).

Após essa encenação, João percebe que muitos elementos estritos ao que ele havia pensado são comuns, ou pelo menos pertencem a uma categoria comum, quando comparados

aos itens do cenário do Discurso Direto Fictivo criado pelo padre. Isso significa que João está experienciando o Princípio da Projeção, que representamos no Diagrama 10:

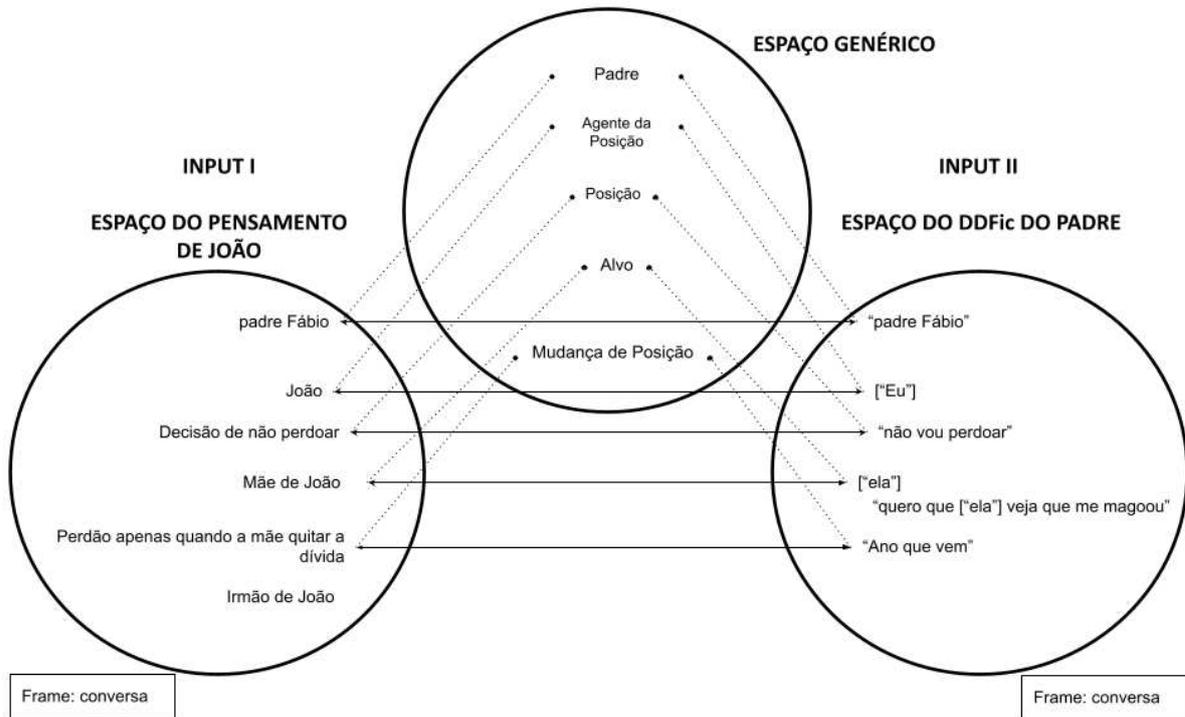
Diagrama 10 - Projeção entre elementos do Espaço do Pensamento de João e os do Espaço do DDFic do Padre



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O Diagrama 10 mostra o Espaço do Pensamento de João e o Espaço do DDFic do Padre como duas entradas distintas: *Input I* e *Input II*, respectivamente. Por meio do Princípio da Projeção, observamos que elementos de uma entrada podem ser projetados em unidades da outra. Essas correspondências são indicadas pelas setas bidirecionais. O padre Fábio é interlocutor nos dois espaços mentais. A decisão de João de não perdoar vai ao encontro da afirmação “não vou perdoar” do *Input II*, que tem como agente [“Eu”]. A mãe de João e o elemento representado por [“ela”] (*Input II*) são os alvos. João mudará sua posição quando sua mãe quitar a dívida. No *Input II*, isso acontecerá “Ano que vem”. Essa projeção entre elementos faz emergir o Espaço Genérico, um espaço conceitual que tem os elementos comuns aos dois *inputs*, como ilustrado no Diagrama 11:

Diagrama 11 - Emergência do Espaço Genérico



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A categorias presentes no Espaço Genérico do Diagrama 11 são: categoria Padre, relativa ao elemento “padre Fábio” (*Inputs* I e II); categoria Agente da Posição, emergida a partir dos elementos João (*Input* I) e [“Eu”] (*Input* 2); categoria Posição - tendo em vista a “Decisão de não perdoar” (*Input* I) e o uso da expressão “não vou perdoar” (*Input* 2) e, por fim, a categoria Mudança de Posição, que surge devido à afirmação de João que haverá “Perdão apenas quando a mãe quitar a dívida” (*Input* I), que encontra correspondência em “Ano que vem” (*Input* 2).

João poderia encarar essas projeções dos elementos de um espaço em outro e o mapeamento das categorias no Espaço Genérico como uma possibilidade trivial de que isso possa acontecer com frequência razoável devido ao fato de o cenário da falta de perdão não ser raro na sociedade. Essa concepção também se alinha à certeza do padre de que naquela multidão estava “cheio de gente precisando perdoar”. Nessa conceptualização específica, diferente do que virá mais adiante, João não assumiria que Fábio de Melo trata do seu caso particular, por exemplo, mas como algo genérico.

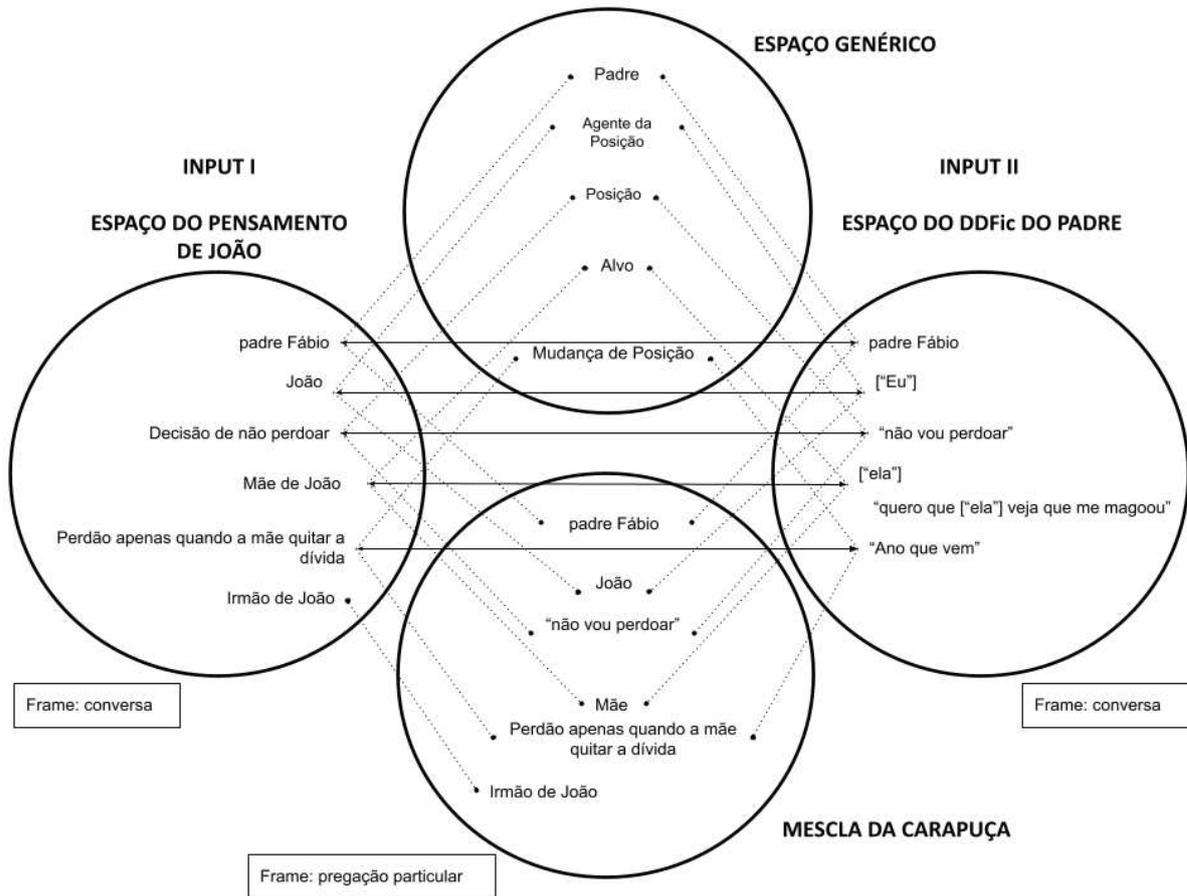
Após o momento em que João percebe essas correspondências entre as duas entradas, o que faz emergir o Espaço Genérico, ele passa a enquadrar a recepção da mensagem como uma pregação particularmente dirigida a ele, ou seja, João experimenta a mescla conceptual, que

denominamos mais especificamente de Mescla da Carapuça. No espaço mental da Mescla da Carapuça, João conta para si o que está acontecendo naquele momento por meio da imaginação narrativa. Como alguns elementos do espaço do DDFic criado pelo padre podem ser diretamente relacionados com o pensamento prévio do *Input I*, João concebe que o exemplo dado pelo padre não é genérico, mas está relacionado diretamente com o que ele tinha acabado de pensar e que, de alguma forma, o padre teria tomado conhecimento de sua posição em relação ao perdão, a qual foi manifestada apenas mentalmente.

João interpreta que a ilocução “Ah, mas eu trago uma mágoa no meu coração, padre Fábio. Eu não vou perdoar esse ano que eu quero que ela veja que ela me magoou. O ano que vem” (linhas 07 e 08) foi construída de forma muito pareada com o cenário estrito ao seu próprio pensamento. No Espaço Mescla da Carapuça, João preencherá elementos do Espaço do DDFic do Padre disponíveis para instanciação com itens do seu repertório de vida, haja vista as janelas dêiticas genéricas abertas na mencionada ilocução. O “padre Fábio” já estava instanciado nas duas entradas, assim como a posição de não perdoar. João instancia o elemento [“Eu”] com ele próprio. O elemento [“ela”], alvo dessa falta de perdão (*Input II*), é instanciado com a mãe dele.

Além disso, consideramos que “Ano que vem” não representa um marco exato para o perdão. Defendemos que essa expressão foi usada de forma genérica e por isso também está disponível para instanciação. João considera essa expressão como parte de um processo metafórico em que o significado pode ser substituído por outros elementos que também indicam que não há urgência em perdoar. João instancia o elemento “Ano que vem” como uma representação de quando vai perdoar sua mãe, ou seja, apenas quando ela quitar a dívida que fez com ele por causa do irmão. Com esse preenchimento dos elementos disponíveis para instanciação, João se convence de que Fábio de Melo trata especificamente do caso dele na referida Interação Fictiva em Discurso Direto, como se essa parte da pregação fosse dirigida particularmente a ele. Na sequência, ilustramos o Espaço Mescla da Carapuça no Diagrama 12:

Diagrama 12 – João experiencia a Mescla da Carapuça



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O Espaço Mescla da Carapuça é composto por elementos que têm origem nos dois *inputs*. O “padre Fábio” é importado das duas entradas, assim como a posição de não perdoar. O elemento que representa o agente dessa posição, João, procede do Espaço do Pensamento de João e também do pronome [“Eu”], sendo instanciado por João como sendo ele próprio. A mãe de João origina-se do *Input I* e do pronome [“ela”] do *Input II*. Nesse último caso, João instancia esse pronome como sendo também sua mãe. O item “Perdão apenas quando a mãe quitar a dívida” é decorrente do Espaço do Pensamento de João, mas também representa a expressão “Ano que vem”, presente no Espaço do DDFic do Padre, já que essa expressão foi instanciada com esse marco temporal e genérico para o perdão.

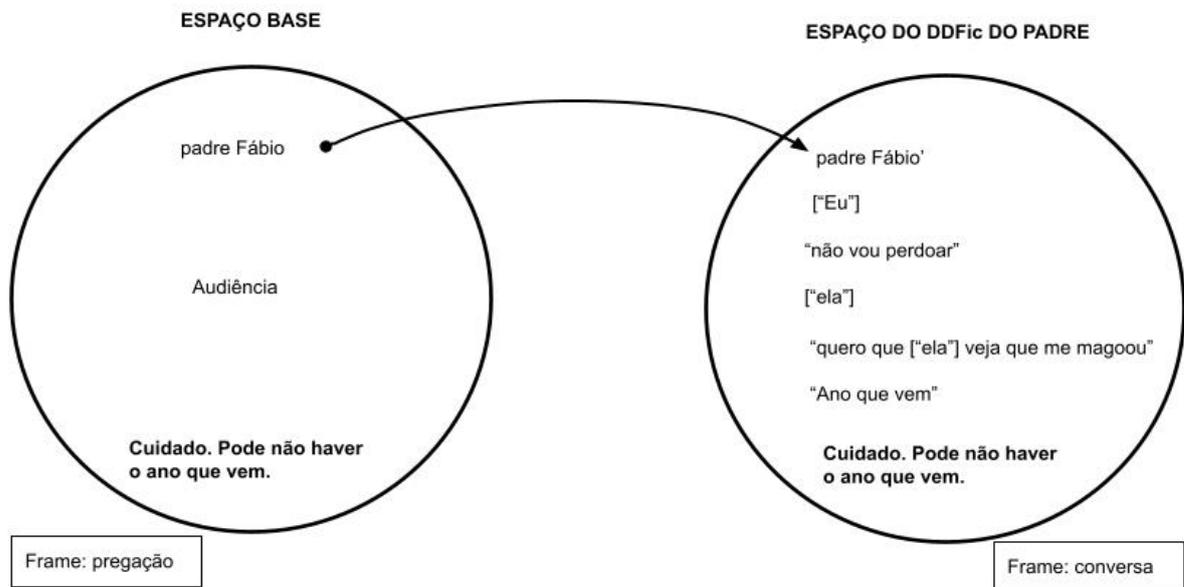
Já o irmão (*Input I*) integra a Mescla da Carapuça por fazer parte da história de João. No nosso exemplo, o ouvinte fictício não focaria, por exemplo, a sua atenção no elemento “quero que [“ela”] veja que me magoou” (*Input II*). Conseqüentemente, essa disposição de querer que a mãe perceba a mágoa não integraria a mesclagem. Optamos ora pela inclusão e ora pela

omissão de alguns elementos, respectivamente, para exemplificar que itens podem constar na Mescla da Carapuça mesmo sem ter um correspondente na outra entrada, como o irmão de João, e que nem todos as unidades de um *inputs* devem ser necessariamente utilizadas na mesclagem. Essas possibilidades estão previstas no diagrama básico apresentado no referencial teórico.

Postulamos ainda no espaço mescla a estrutura emergente “pregação particular” (retângulo lateral), entendida como um novo *frame* que se estrutura como uma pregação não genuína ou fictiva exclusivamente dirigida a João e recebida por ele. Por outro lado, a pregação factiva pressupõe uma mensagem de caráter genérico, não sendo necessariamente endereçada a uma pessoa específica. Já na Mescla da Carapuça, João entende que a mensagem é direcionada especialmente a ele. Esse processo de integração conceptual realizado por João consequentemente tem impacto na forma como ele concebe a estrutura de participação. Para o próprio ouvinte fictício, ele é o ouvinte ratificado e endereçado da mensagem de Fábio de Melo no evento Hosana Brasil e não apenas um participante da interação ratificado como plateia. Nessa interação, João ocupa até mesmo a função de “falante”, ao conceptualizar que o padre tem acesso às suas manifestações internas e o responde.

Na sequência do vídeo, depois de o padre animar a ilocução “O ano que vem”, acontece outra mudança de *footing*, como podemos observar nas linhas 08 e 09: “Cuidado, pode não haver o ano que vem”. O padre deixa de animar a voz do interlocutor fictivo e passa a animar a própria voz. Nesse momento, Fábio de Melo volta a falar com prosódia e gestual habitual. Esses sinais contribuem para indicar que esse alerta é dirigido ao interlocutor dele no Espaço DDFic do Padre e que o sacerdote, que era ouvinte nesse espaço, passa a ser o falante que responde a esse interlocutor fictivo impiedoso. Esse novo turno de fala visa a alertar o falante anterior sobre a possibilidade de não chegar o momento para a mudança de posição que ele havia fixado, ainda que genericamente (“Ano que vem”). Mas também é um alerta para a plateia no Espaço Base, conforme ilustrado no Diagrama 13:

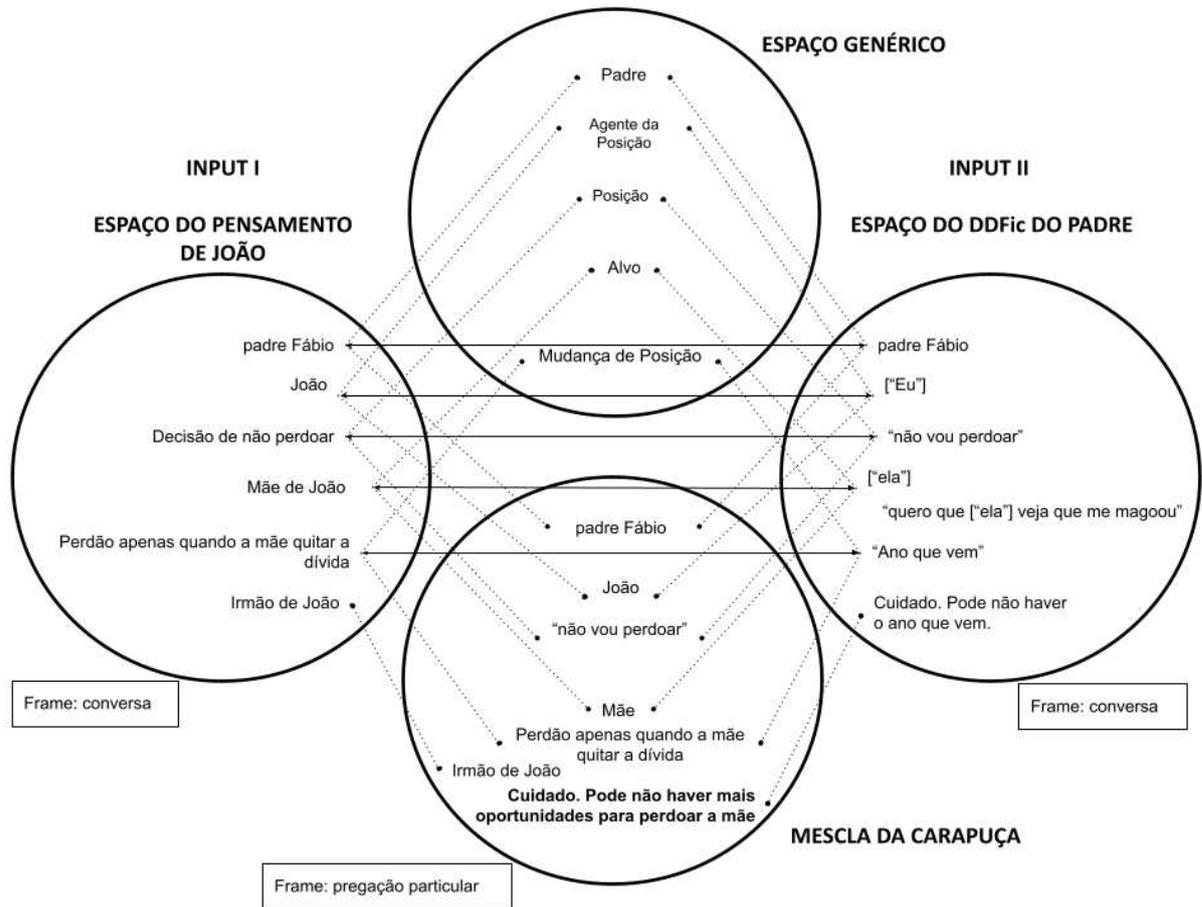
Diagrama 13 – Argumento do padre em relação à posição do interlocutor fictivo no Espaço Base e no Espaço DDFic



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O Diagrama 13 ilustra que o enunciado “Cuidado, pode não haver o ano que vem” foi acrescentado ao Espaço DDFic do Padre como resposta à decisão do interlocutor fictivo de perdoar apenas “Ano que vem”, e também ao Espaço Base como um alerta genérico para a plateia. João já está conceptualizando a mensagem como uma pregação particular. Esse alerta também passa a compor a Mescla da Carapuça:

Diagrama 14 – Alerta do Espaço DDFic incorporado ao Espaço Mescla da Carapuça



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Para João, esse alerta não é genérico. Como a expressão “Ano que vem” representa o momento da quitação da dívida e do conseqüente perdão, ele concebe que essa exortação é dirigida a ele especificamente, ou seja, Fábio de Melo chama sua atenção para o fato de que as oportunidades para perdoar sua mãe podem se esgotar. João percebe que ele ou sua mãe pode morrer antes que a dívida seja quitada, por exemplo.

Na sequência do vídeo, a ideia de que o elemento “Ano que vem” está disponível para instanciação confirma-se. De acordo com Fábio de Melo, essa expressão tem sentido conotativo: “Não é que eu acredite que dia 21 de dezembro vai acabar tudo não. Vô tá trabalhando no dia 21 feliz da vida. Num acredito nisso não” (linhas 09 e 10). Nesse trecho, que arranca risos da audiência pela referência à interpretação de uma profecia maia que dava como certo o fim do mundo nesse dia, e nesse ano da pregação, além de obter confirmação de engajamento atencional, o padre mostra que “Ano que vem” não se refere, necessariamente, ao

intervalo anual. Nas linhas 10 a 14, o padre continua a explicação: “hoje é o início e hoje pode ser o fim”. Ele prossegue dizendo que Jesus queria colocar as pessoas numa dinâmica inteligente quando dizia vigiai e orai porque não sabeis o dia e nem a hora, já que não há como saber o que está “pela frente”. Essas explicações reforçam para João no espaço Mescla da Carapuça que Fábio de Melo defende uma urgência em perdoar.

A análise do Fragmento 01 da mensagem do padre confirma que a Mescla da Carapuça pode ser sintetizada na fórmula fictiva X GENÉRICO É X PARTICULAR. O sermão sobre a necessidade de perdoar é genérico. Não é destinado a um ouvinte específico. Até mesmo porque o sacerdote diz “tá cheio de gente precisando perdoar”, referindo-se à multidão que compõe sua audiência no evento. No entanto, João “veste a carapuça” e conceptualiza que a mensagem trata do perdão que ele deve conceder à sua mãe. Nesse caso, na fórmula, o preenchimento da variável X é o mesmo nas duas partes: pregação. Ou seja, João toma a pregação genérica como particularmente destinada a ele.

Descrevemos o processo de conceptualização de João que culmina na Mescla da Carapuça. Trataremos a seguir mais especificamente dos desdobramentos dos aspectos da estratégia argumentativos que envolvem esse fragmento, analisando como o padre utilizou o Discurso Direto Fictivo como estratégia discursiva.

3.1.1.2 Desdobramentos dos aspectos da estratégia argumentativa: fragmento 01 do padre

Veremos que, no fragmento da mensagem anteriormente analisado, Fábio de Melo percorre três fases de uma sequência argumentativa pareada com enunciados que antecedem e sucedem a Interação Fictiva em discurso direto (linhas 07 e 08). Chamamos de Sequência Adjacente Posição-Disputa-Sustentação, como demonstrado na Tabela 01:

Tabela 01 - Sequência Adjacente Posição-Disputa-Sustentação (PDS)

Fase	Descrição
1	Posição do orador
2	Disputa por meio de Discurso Direto Fictivo
3	Sustentação refutando o argumento do interlocutor fictivo

Fonte: Elaborada pelo autor (2023).

Na Fase 1 da sequência Posição-Disputa-Sustentação, o líder religioso apresenta sua posição. Na Fase 2, ele introduz uma disputa por meio de Discurso Direto Fictivo. Por fim, na Fase 3, o orador sustenta sua posição refutando o argumento contrário que ele mesmo inseriu como desacordo, performando a voz de um interlocutor fictivo. A seguir, veremos a utilização dessa sequência pelo padre. A posição de Fábio de Melo é que as pessoas precisam perdoar (Fase 1). Nessa fase, Fábio de Melo afirma que muitos dos presentes traziam uma “matéria-prima” que precisava ser “quarada pelos céus” (linhas 01 e 02). O padre crê que, para alcançar o *status* de vencedor preceituado pelas escrituras, o indivíduo não poderia continuar sendo impiedoso. No início do fragmento, ele assevera: “Eu tenho certeza, sem medo de errar, que essa multidão aqui tá cheio de gente precisando perdoar” (linhas 05 e 06).

Quando ele diz que tem certeza sobre a condição de muitos fiéis em relação ao perdão, sugere que conhece profundamente sua audiência. Observe a dêixis da expressão “essa multidão aqui”, que engaja o discurso às coordenadas espaço-temporais do aqui e agora da situação comunicativa, por meio do uso do pronome demonstrativo “essa” e do advérbio de lugar “aqui”. O fato de haver uma multidão no evento já aumenta a probabilidade de haver muitas pessoas nessa condição. Mas acreditamos também que a atividade sacerdotal de ouvir confissões contribui para essa certeza que o padre parece ter.

Na sequência do discurso, o sacerdote opta por estabelecer uma disputa por meio da Interação Fictiva em Discurso Direto (Fase 2), animando a voz de um interlocutor fictivo impiedoso: “Ah, mas eu trago uma mágoa no meu coração, padre Fábio. Eu não vou perdoar esse ano que eu quero que ela veja que ela me magoou. O ano que vem” (linhas 07 e 08). Nessa

fase, supomos que o padre tem a expectativa de que o ouvinte experimente o processo cognitivo da Mescla da Carapuça, em algum momento das três fases da sequência.

Defendemos que a Fase 2, correspondente ao DDFic mencionado acima, é substancial para o efeito parabólico da referida mescla ter mais condições de se efetivar na mente dos ouvintes. Isso porque, com a mudança da coordenada espaço-temporal do Espaço Base para o Espaço Mental, o padre instaura um domínio discursivo de uma pequena história, na qual se tem o interlocutor fictivo manifestando verbalmente sua posição de não perdoar, sendo ele um interlocutor genérico estabelecido para que a audiência faça as suas instanciações particulares. Nesse sentido, o ouvinte, que manifesta sua posição apenas em pensamento, pode se ver exposto pelo sacerdote.

A Mescla da Carapuça depende da relação entre genericidade e particularidade. Observamos que a genericidade pode ser atribuída às três fases argumentativas de formas diferentes. Na primeira, o padre lança mão de uma posição genérica codificada por um enunciado declarativo e abrangente acerca da necessidade de perdoar, performando a própria voz. Já na segunda, ele personifica uma posição de disputa, encenando um interlocutor fictivo e sua fala. Ainda assim, ocorre genericidade, porém ela se expressa de uma forma bem diferente da anterior. Por influência do *Frame* de Conversa, a estratégia argumentativa recorre a uma atuação performática que, de alguma maneira, fornece vivacidade para a posição da Fase 1. Isso faz com que a genericidade ganhe um contorno um pouco mais particular, já que há um personagem falando, mesmo sendo ele fictivo, como também sua fala. Por fim, na terceira fase, mantém-se a genericidade um pouco mais particularizada, à medida que o padre responde ao interlocutor fictivo, inclusive discordando dele quanto ao posicionamento de não ter urgência em perdoar (“Ano que vem”). Na progressão sutil do genérico para o menos genérico, é como se o padre estivesse paulatinamente sugerindo que o ouvinte particularize a cena representada por ele.

O Discurso Direto Fictivo, produzido pelo sacerdote, é usado com o propósito comunicativo e argumentativo de se criar identificação conceptual com a audiência, objetivando sua adesão emocional e espiritual para que condutas sejam modificadas. Assim, Fábio de Melo exemplifica genericamente a contraposição de um fiel impiedoso, teatralizando-a, com alinhamento de gesto e prosódia diferentes daqueles que usa habitualmente quanto anima sua própria voz e é autor e responsável pelas crenças que transmite em seu sermão. Com o uso desse recurso, o padre pretende levar o ouvinte a transpassar uma interpretação genérica e adotar atitudes que estão alinhadas com sua religião. É desejável que esse ouvinte se

reconheça nos exemplos em Discurso Direto Fictivo como alguém que tem posturas indesejadas.

Especialmente na Fase 3, o padre refuta a posição do interlocutor fictivo, o qual indica que perdoará apenas no marco temporal “Ano que vem”. Fábio de Melo tenta persuadir o interlocutor a mudar de posição, argumentando que esse “Ano que vem” pode não chegar, ou seja, as oportunidades para perdoar podem se esgotar e que, por isso, deve haver urgência em perdoar. Ele insiste demonstrando que as pessoas devem ser vigilantes, conforme o comando de Jesus, considerando cada dia como “fim”, como a última possibilidade para perdoar. Na linha 14, ele também justifica a urgência do perdão com a afirmação “Eu não sei o que eu tenho pela frente”. O sacerdote parece objetivar que, nessa fase, o ouvinte da mensagem já esteja experienciando a Mescla da Carapuça e receba esse alerta como um novo elemento para o referido processo cognitivo, relacionando-o às especificidades do seu próprio repertório. No entanto, se o ouvinte não experimentar esse processo, esse alerta também chegará a ele, mas de forma genérica. Na análise do excerto a seguir, veremos que o padre repete essa estratégia discursiva.

3.1.2 Excerto 02 - Fragmento 02 da mensagem do padre Fábio de Melo

Já dissemos que, ao longo de todo o sermão, Fábio de Melo defende que o verdadeiro vencedor é aquele que pratica os mandamentos de Deus e não, necessariamente, aquele que tem reconhecimento público devido às atividades que realiza, inclusive relacionadas à própria religião, como lançar CDs e escrever livros. Antes transcrevermos o excerto objeto de análise desse tópico, é importante destacar que, em 16:20, o sacerdote diz achar que Deus nem deve ficar sabendo dessas atividades. Ele exemplifica com uma situação hipotética, dizendo que Nossa Senhora deve perguntar para Deus: “O Senhor viu o CD novo do Padre Fábio de Melo?” E Deus deve responder: “Ué!? Outro? Já não tinha saído um outro dia mesmo?” O padre inventa, em seguida, uma possível desculpa dada por Nossa Senhora: “Pois é. Acabou saindo antes do tempo... num sei o quê...”. O líder religioso afirma que esse diálogo é uma “brincadeira para dizer que Deus está se ocupando com coisas maiores”.

Nesse momento do vídeo, Fábio de Melo apresenta representações discrepantes do mesmo objeto. Ainda que não utilize os termos técnicos da Linguística, segundo ele próprio, a performance desse diálogo é uma “brincadeira”, ou seja, um cenário fictivo que tem o objetivo de dizer que “Deus está se ocupando com coisas maiores”, sendo esse último enunciado um

cenário factivo. Essa afirmação metalinguística do padre sinaliza que ele acredita na eficiência das representações, respectivamente, de um cenário menos verídico para fazer a plateia compreender o cenário mais verídico.

O uso de fictividade nessa performance favorece a introdução de disputa em Interação Fictiva em discurso direto, como observaremos no trecho transcrito mais adiante, que tem como início 17:42 e término em 19:06, o qual pode ser diretamente acessado no YouTube apontando a câmera de um celular ou de um *tablet* para a figura do *QR Code* abaixo ou por meio deste *link*: <https://abre.ai/excerto-2-do-padre>. Solicitamos que se assista antes de ler a transcrição.

Figura 05 - *QR Code* para acessar o Fragmento 02 do vídeo do padre



Fonte: Elaborada pelo autor (2023).

Transcrevemos a seguir o referido fragmento da mensagem do padre Fábio de Melo:

01	O que Deus quer realmente saber é o que nós vivemos para que o produto acontecesse. E será a
02	matéria-prima da nossa salvação. Não os resultados que apresentamos. Não aquilo que nós
03	conseguimos fazer enquanto vivíamos. Mas é aquilo que aconteceu como um desdobramento
04	no silêncio do nosso coração. É o quanto que a música, que você cantou, cantou em você primeiro.
05	É o quanto que o trabalho que você realizou lá na sua paróquia, na sua pastoral, agiu em você.
06	Engana-se você que Pastoral da Liturgia precisa de você. Tem quarenta e dois anos que eu sou
07	coordenadora da equipe. E se eu sair, padre... ha ha ha ha ha ha ha ha. ((risos e aplausos da audiência))

08	Se você acha que Deus está interessado no seu trabalho, esqueça. Tem gente muito mais
09	competente do que nós. E olha que eu sou a favor de dar a Deus a competência. Eu sou a favor
10	de nós lutarmos para que cada vez mais nós estejamos qualificados para exercer a função que
11	nós temos na igreja.

Na sequência, demonstraremos como um ouvinte fictício pode “vestir a carapuça” e se reconhecer como uma pessoa que se acha imprescindível em determinada atividade na paróquia.

3.2.2.1 Processo cognitivo da Mescla da Carapuça: fragmento 02 do padre

Antes do trecho correspondente ao fragmento transcrito acima, Fábio de Melo já tinha afirmado que conquistas como gravar de CDs e escrever livros não têm grande relevância para Deus quando comparadas às mudanças que uma pessoa pode experimentar no processo de elaboração desses produtos. No início do Excerto 02, nas linhas 01 a 04, o padre diz que os desdobramentos ao longo dos processos são mais importantes que o produto. O sacerdote defende que uma das coisas “que Deus quer realmente saber” (linha 01) é o quanto o católico foi transformado a partir do trabalho realizado. Como exemplo, ele cita: “o quanto que a música, que você cantou, cantou em você primeiro” (linha 04) e “o quanto que o trabalho que você realizou lá na sua paróquia, na sua pastoral, agiu em você” (linha 05).

Na sequência, a ilocução “Engana-se você que a Pastoral da Liturgia precisa de você” (linha 06) contribui para que o ouvinte busque identificar se está entre aqueles que ocupam essa posição de achar-se imprescindível no trabalho que realiza na paróquia. A Pastoral Litúrgica ou Pastoral da Liturgia é um modo de organizar a comunidade religiosa por meio da formação de equipes de fiéis envolvidos diretamente na realização dos encontros, como músicos e aqueles que fazem leituras de textos em missas.

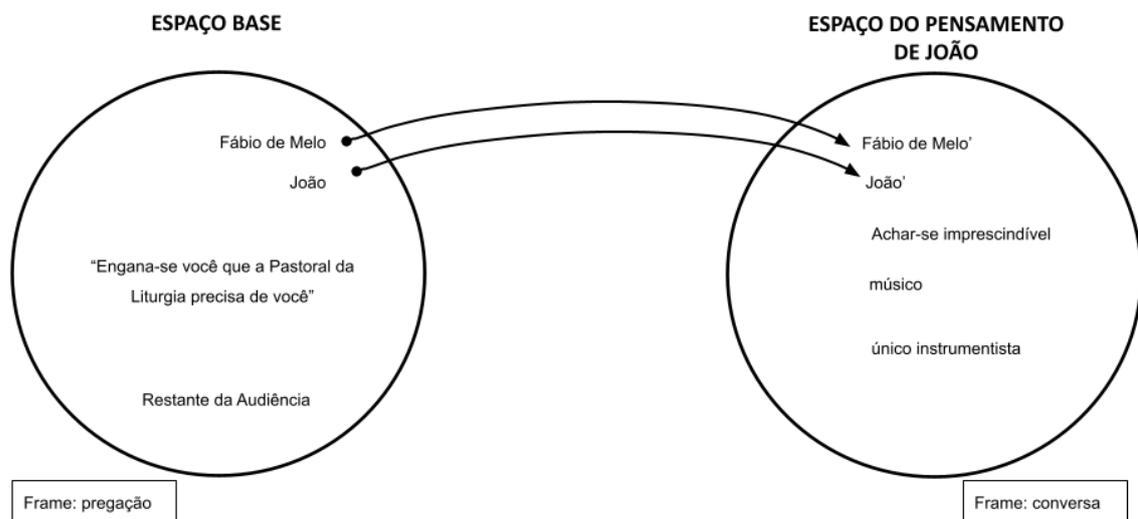
Para ilustrar a Mescla da Carapuça que virá mais adiante, vamos propor que o João, criado por nós para fins exemplificativos, comumente pensa, ou até mesmo fala, sobre sua importância na pequena paróquia de que faz parte, haja vista que ele toca violão em todas as missas, sendo o único instrumentista. A afirmação “Engana-se você que a Pastoral da Liturgia precisa de

você” (linha 06) faz com que ele acesse seu repertório e “diga”, mentalmente, ao padre que existe uma situação em que essa assertiva não se aplica: se João sair da sua função na igreja, os encontros religiosos não serão tão agradáveis pelo fato de não contarem mais com o som do seu instrumento musical na execução das harmonias enquanto os fiéis cantam. Para João, a Pastoral da Liturgia precisa dele.

Na sequência do vídeo, Fábio de Melo produz o DDFic “Tem quarenta e dois anos que eu sou coordenadora da equipe. E se eu sair, padre... ha ha ha ha ha ha” (linhas 06 e 07), e João tem a sensação de que o sacerdote tomou conhecimento da posição que ele expressou apenas mentalmente e de que esse Discurso Direto Fictivo foi proferido com base nela, dando um viés de especificidade à pregação. A seguir, o enunciado “Se você acha que Deus está interessado no seu trabalho, esqueça. Tem gente muito mais competente do que nós” (linhas 08 e 09) é recepcionado por João de forma particular, como uma referência ao seu trabalho como instrumentista na igreja durante as celebrações. Ele sente que o sacerdote está dizendo pra ele que outra pessoa mais competente poderia passar a integrar a paróquia e tocar violão.

Vamos ilustrar, por meio de diversos diagramas, o que acontece com João nesse processo de conceptualização que culmina na Mescla da Carapuça. No Diagrama 15, observamos a construção do Espaço mental do Pensamento de João:

Diagrama 15 - Construção do Espaço mental do Pensamento de João



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O Diagrama 15 ilustra que, no Espaço Base (*frame* pregação), o padre diz “Engana-se você que a Pastoral da Liturgia precisa de você” (linha 06). Em seguida, João, no seu pensamento, torna-se também um emissor de mensagem, enquadrando esse novo cenário no *Frame* de Conversa. O fiel dirige-se particularmente ao padre. Pelo Princípio do Acesso, identificamos que João’ e Fábio de Melo’ têm seus respectivos referentes no Espaço Base. A posição de se achar imprescindível como “músico” é manifestada para o sacerdote, tendo como motivo o fato de João ser o “único instrumentista” da paróquia.

Na sequência do vídeo, Fábio de Melo dá exemplo de uma coordenadora de equipe que tem uma posição semelhante à de João. Ela acredita que, se deixar o cargo, esse trabalho de organização ficará prejudicado: “Tem quarenta e dois anos que eu sou coordenadora da equipe. E se eu sair, padre... ha ha ha ha ha ha” (linhas 06 e 07). Em seguida, a audiência manifesta-se com risos e palmas, o que evidencia a identificação dos ouvintes com o cenário proposto, relacionando-o a si ou a outrem, além demonstrar engajamento atencional.

Esse discurso direto das linhas 06 e 07 pertence a um espaço mental de fictividade que foi introduzido pelo padre por meio de uma mudança de *footing*. As coordenadas espaço-temporais desse espaço mental criado são diferentes das do Espaço Base. Nesse trecho do vídeo, é possível observar que essa ilocução é dita com voz anasalada, olhos fechados e lábios projetados, conforme a Figura 06:

Figura 06 - Padre performa um pessoa que fala fechando os olhos e projetando os lábios



Fonte: Canção Nova Play (2017).

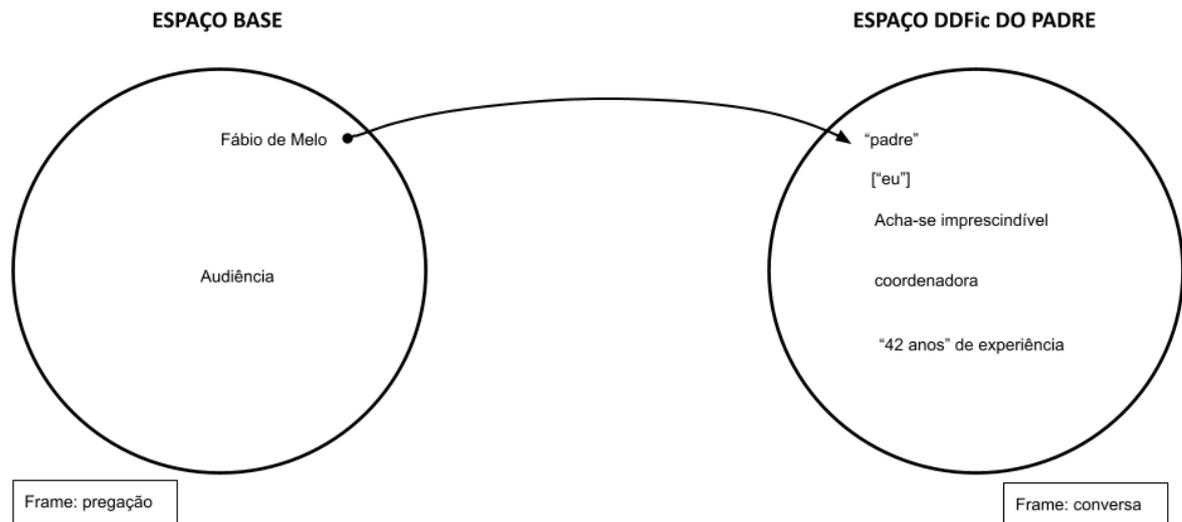
Além disso, o trecho “E se eu sair, padre” (linha 07) inicia em uma altura bem grave e chega em um ponto agudo, percorrendo boa parte da extensão vocal do pregador. O riso caricatural “ha ha ha ha ha ha” (linha 07) é expresso com um intervalo bem definido entre as sílabas. O timbre anasalado e a exploração de extremos de grave e agudo permitem notar que, mais uma vez, Fábio de Melo usa o aparelho fonador com um alinhamento que permite estabelecer os limites conceptuais entre sua voz factiva e a voz de um interlocutora fictiva.

Em relação ao formato de produção, a autoria do enunciado fictivo está disponível para instanciações particulares. Não é possível determinar o autor específico desse discurso fictivo, visto ser ele deiticamente genérico. A responsabilidade em relação à referida fala, não é do padre, pois, ao contrário do que expressa essa voz fictiva, ele cita como exemplo que a Pastoral da Liturgia não precisa do fiel que se acha imprescindível e que o trabalho realizado não é o mais importante. A responsabilidade é mais um elemento disponível para ser instanciado, o que nos leva a concluir que existe um animador encaixado também sem instanciação a quem Fábio de Melo empresta sua voz.

Além dessa mudança no formato de produção, observamos também alguns elementos que não são consistentes com as coordenadas espaço-temporais do Espaço Base em que Fábio de Melo é o pregador. No enunciado das linhas 06 e 07, o ouvinte/alocutário é o próprio padre (“E se eu sair, padre...”).

Concluimos que os elementos prosódicos e gestuais diferenciados, as mudanças no formato de produção e na estrutura de participação e o uso do termo “coordenadora”, no gênero feminino, demonstram que ocorre uma mudança de *footing* e que as coordenadas espaço-temporais referentes a essa sequência de enunciados fictivos das linhas mencionadas são distintas das do Espaço Base. Essa mudança de *footing* atua como construtora do espaço mental ilustrado no Diagrama 16:

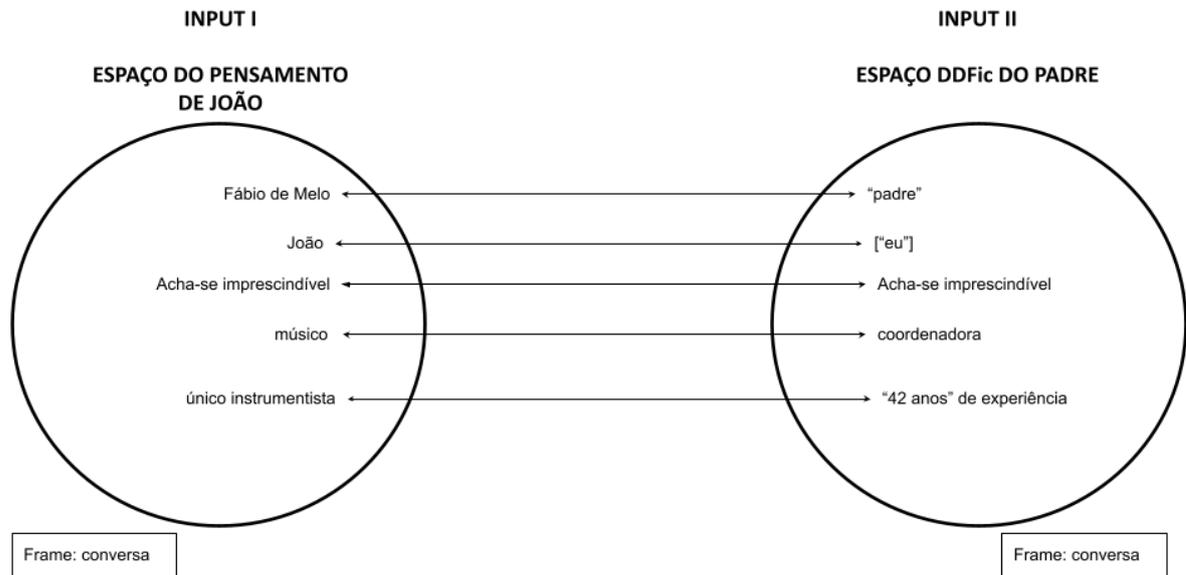
Diagrama 16 - Construção do Espaço mental do DDFic do Padre



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O Diagrama 16 ilustra que Fábio de Melo prega para a audiência de forma geral no Espaço Base, e ao dizer “Tem quarenta e dois anos que eu sou coordenadora da equipe. E se eu sair, padre... ha ha ha ha ha ha” (linhas 06 e 07) introduz o espaço mental que denominamos Espaço DDFic do Padre. Pelo princípio do Acesso, assumimos que “padre”, alocutário da interlocutora fictiva no DDFic, tem como referente Fábio de Melo do aqui e agora. Nesse espaço mental, em que o *frame* é uma conversa, o sacerdote é inicialmente ouvinte. A posição de achar-se imprescindível tem como agente essa pessoa representada pelo pronome “[eu]”, que ocupa o cargo de “coordenadora” da Pastoral da Liturgia. O motivo apontado para que ela não seja dispensável sem que ocorram prejuízos ao trabalho é a experiência de 42 anos na função. O Diagrama 17 mostra que elementos desse Espaço do DDFic do Padre podem ser projetados em itens do Espaço do Pensamento de João:

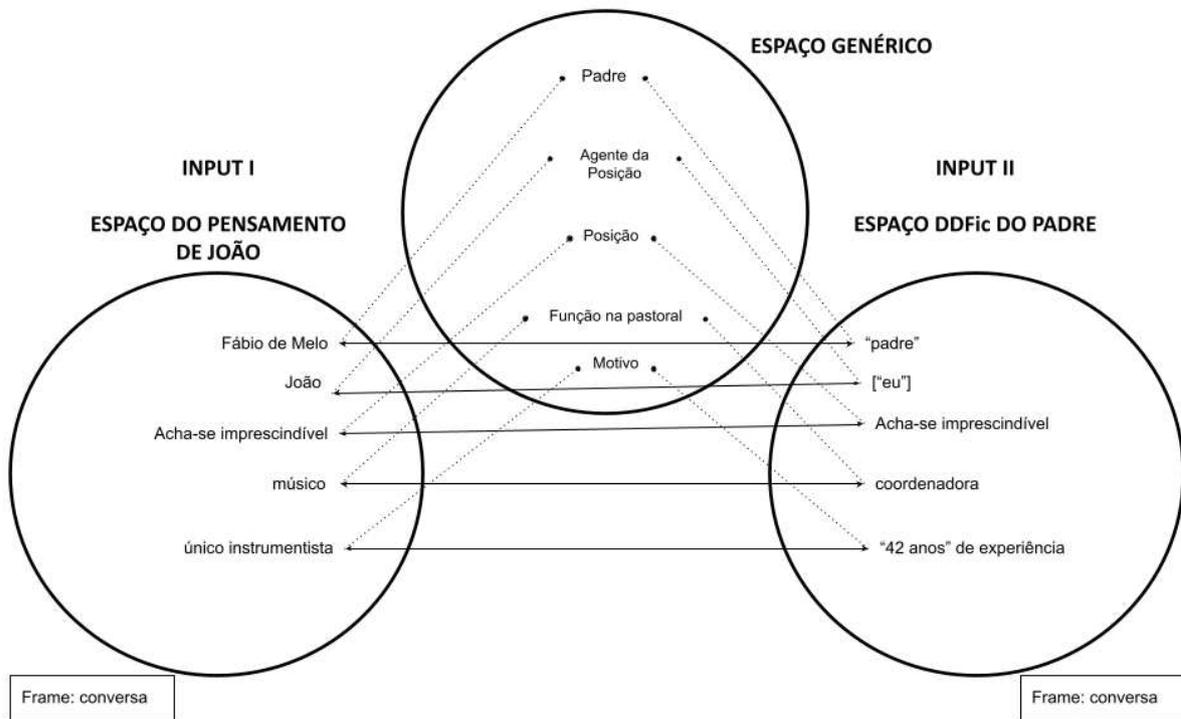
Diagrama 17 - Projeção entre elementos do Espaço do Pensamento de João e do DDFic do Padre



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Por meio do Princípio da Projeção, observamos no Diagrama 17 que tanto o Espaço do Pensamento de João (*Input I*) quanto o Espaço DDFic do Padre (*Input II*) foram construídos com base no *Frame* de Conversa e que elementos de uma entrada podem ser projetados em unidades da outra. O participante a quem João dirige-se em pensamento, Fábio de Melo, tem um “padre” como correspondente no DDFic. A posição de se achar imprescindível manifestada em pensamento também está presente na segunda entrada. João é o agente dessa posição no *Input I*. No *Input II*, o elemento dessa categoria está representado pelo pronome [“eu”], disponível para instanciação particular. A função de músico de João e o cargo de coordenadora do Espaço DDFic também podem ser projetados um no outro. Por fim, ser o único instrumentista (Espaço do Pensamento de João) e ter “42 anos de experiência” (Espaço DDFic do Padre) apresentam correspondência por serem motivos que justificam a posição de achar-se imprescindível. O Diagrama 18 ilustra a emergência do Espaço Genérico:

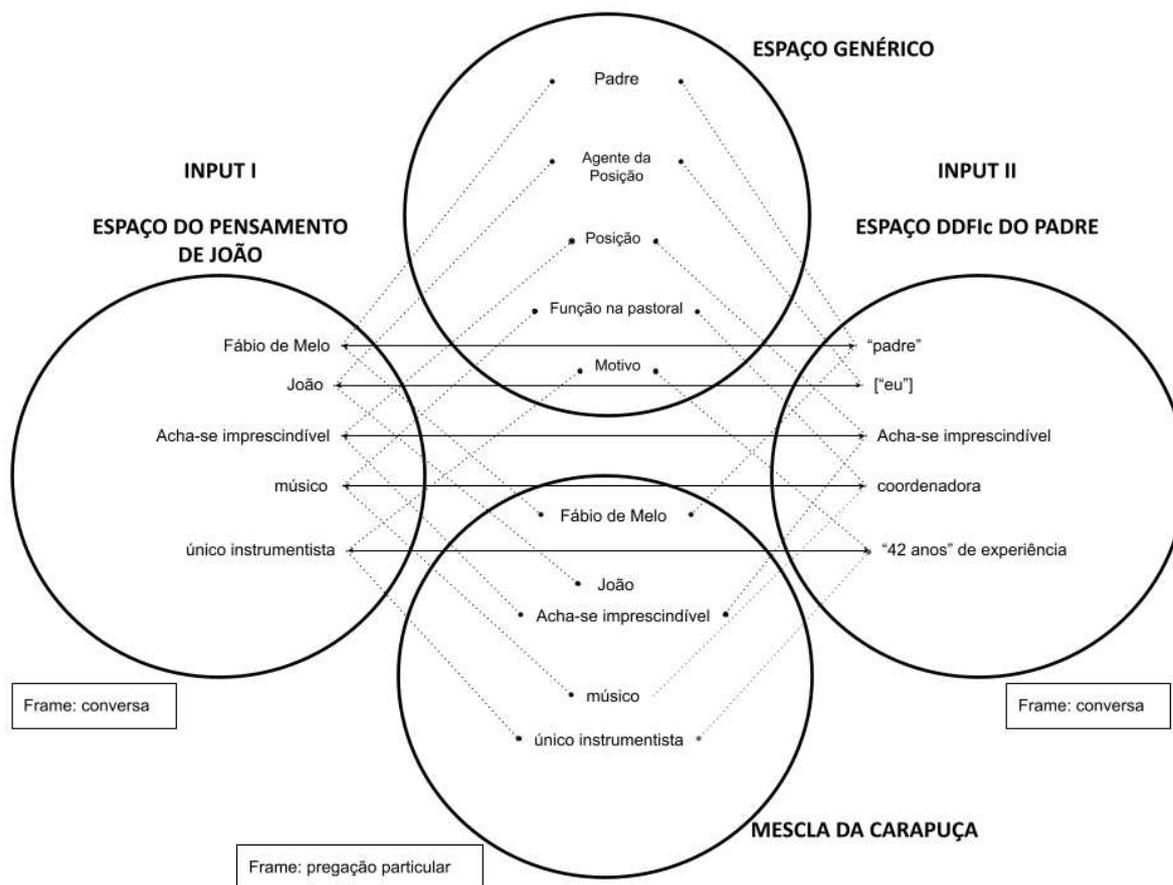
Diagrama 18 - Emergência do Espaço Genérico



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

As categorias presentes no Espaço Genérico são: categoria Padre, relativa ao elemento “Fábio de Melo” (*Input I*) e “padre” (*Input II*); categoria Agente da Posição, emergida a partir dos elementos João (*Input I*) e [“eu”] (*Input 2*); categoria Posição, já que o item “Achar-se imprescindível” está presente nas duas entradas; categoria Função na Pastoral, decorrente das unidades “músico” (*Input I*) e “coordenadora” (*Input II*); e por fim, categoria Motivo, que emerge das justificativas para a ocupação dessa posição: ser o “único instrumentista” (*Input I*) e ter “42 anos’ de experiência” (*Input II*). O Diagrama 19 representa a primeira configuração da Mescla da Carapuça:

Diagrama 19 - João experiencia a Mescla da Carapuça



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O padre cria o Espaço DDFic com elementos que têm categorias correspondentes no Espaço do Pensamento de João. Por sua vez, nosso ouvinte fictício conceptualiza, por meio da imaginação narrativa, que Fábrio de Melo conheceu a posição que ele (João) manifestou apenas mentalmente e que o padre construiu a Interação Fictiva em discurso direto com base no que foi pensado pelo próprio João. O Espaço Mescla da Carapuça é composto por Fábrio de Melo, que tem origem tanto no Espaço do Pensamento de João quanto no elemento "padre" do *Input* II. A posição de achar-se imprescindível origina-se das duas entradas. O elemento João é decorrente do *Input* I e do *Input* II, quando João preenche o pronome dêitico "eu" com ele mesmo.

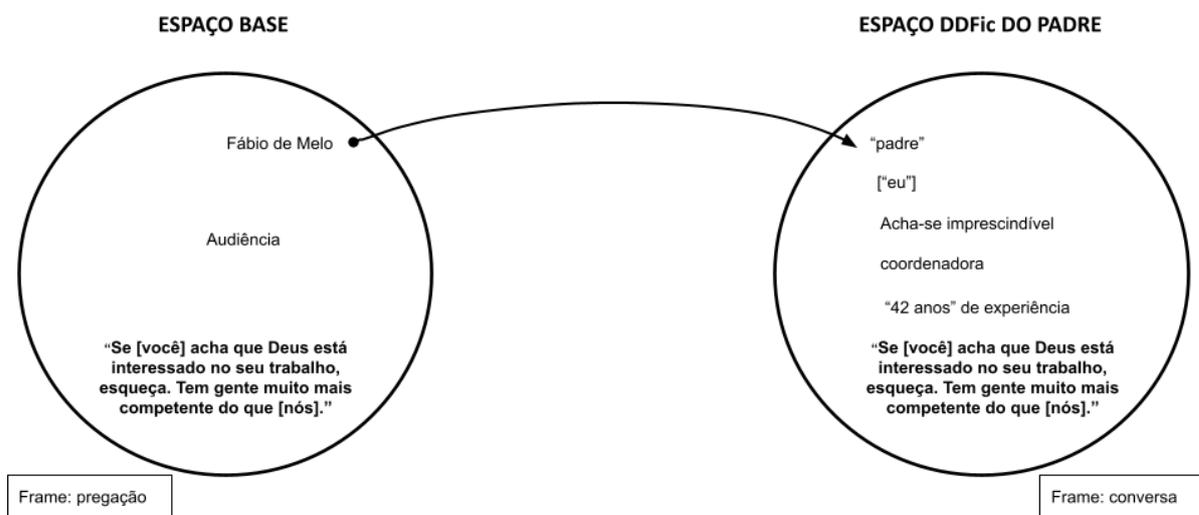
Além disso, João ressignifica alguns elementos que pertencem à mesma categoria. A função de músico é proveniente do Espaço do Pensamento de João e da ressignificação da função de coordenadora do Espaço do DDFic do Padre. O item "único instrumentista", que representa o motivo para a posição de achar-se imprescindível, advém do *Input* I e da

ressignificação da unidade “42 anos’ de experiência” do *Input II*. Assim, João não mais concebe a situação comunicativa como uma pregação canônica em que o pregador dirige-se à audiência de forma geral. A partir do momento em que João sente que Fábio de Melo tem acesso aos seus pensamentos, essa pregação ganha um caráter particular. Esse é o novo significado que constitui a Mescla da Carapuça. A estrutura emergente é a conceptualização da pregação particular.

Outro fator que constitui o novo significado trazido pela mescla é a mudança na estrutura de participação. Nosso ouvinte, em termos de análise, via-se como plateia, já que, para ele, suas manifestações ao padre como conversa operavam-se apenas mentalmente. Depois da Mescla da Carapuça, João considera-se o único ouvinte endereçado, haja vista que ele acredita ser o seu o caso exposto pelo sacerdote. A autoridade de Fábio de Melo para um aconselhamento sobre o assunto é reforçada, pois o ele demonstra não apenas conhecer o tema, mas principalmente a posição específica de João. Isso também aumenta o engajamento atencional e emocional.

O Diagrama 20 apresenta o contra-argumento do padre para refutar o argumento da interlocutora fictiva:

Diagrama 20 - Contra-argumento do padre para refutar o argumento do interlocutor fictivo

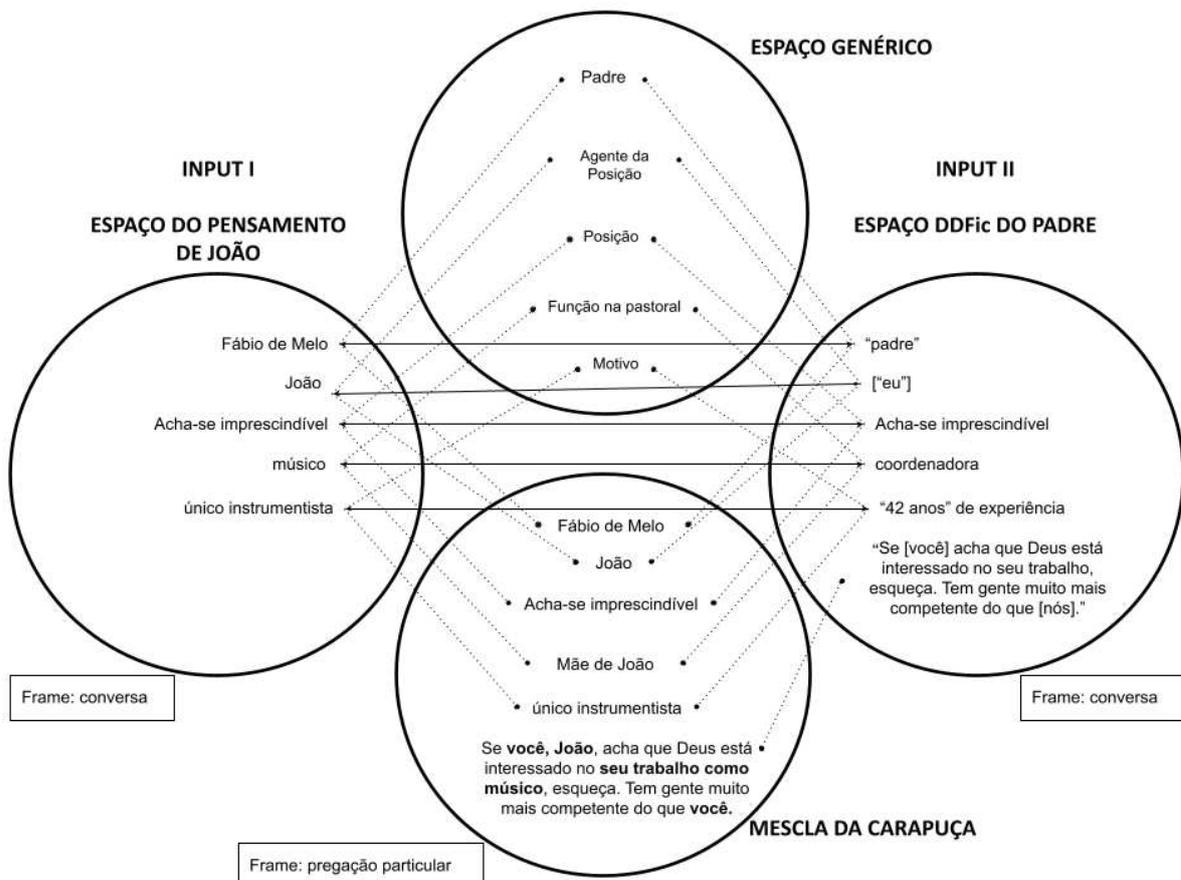


Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Após animar a voz dessa coordenadora, Fábio de Melo muda novamente o *footing*, retomando prosódia e gestual habituais. O padre que era ouvinte no Espaço DDFic ocupa sua vez de falar na conversa e adiciona informação nesse espaço mental, como ilustrado no Diagrama 20: “Se você acha que Deus está interessado no seu trabalho, esqueça. Tem gente muito mais competente do que nós” (linhas 08 e 09). Nesse momento, as coordenadas espaço-temporais são fundidas. Esse mesmo enunciado está representado também no Espaço Base, haja vista que por meio dele o padre refuta o argumento dessa coordenadora e no DDFic, no Espaço Base, exorta a plateia dizendo que Deus não está preocupado com a função que os fiéis desempenham nas paróquias e que há pessoas que podem executar melhor essas tarefas. Ele pondera que isso não significa que os que realizam essas atividades devem abdicar da busca pelo desenvolvimento pessoal (linhas 09 a 11).

O Diagrama 21 ilustra como João conceptualiza esse contra-argumento do padre no Espaço Mescla da Carapuça:

Diagrama 21 - Contra-argumento do padre integra a Mescla da Carapuça



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O Diagrama 21 ilustra como João experimenta a Mescla da Carapuça considerando essa contra-argumentação do padre que foi inserida no Espaço DDFic e no Espaço Base. Nesse momento, os pronomes e outros elementos genéricos ganham referentes específicos. Na pregação particular, João preenche o pronomes dêiticos “você” e “nós” com ele próprio e a expressão “seu trabalho” como sendo sua função de músico na pastoral.

Assim, na conceptualização do nosso ouvinte fictício, Fábio de Melo diz que se o próprio João acha que Deus está interessado na música que ele toca, isso deve ser esquecido, ou seja, essa visão deve ser abandonada. O fato de ser o único instrumentista não é motivo para que ele se ache imprescindível, pois uma pessoa mais competente que ele poderia passar a integrar a paróquia e assumir essa função. Essa conceptualização está assim representada no Espaço Mescla da Carapuça: “Se você, João, acha que Deus está interessado no seu trabalho como músico, esqueça. Tem gente muito mais competente do que você”.

A análise deste segundo fragmento da mensagem do padre também confirma que a Mescla da Carapuça pode ser sintetizada na fórmula fictiva X GENÉRICO É X PARTICULAR. Esse trecho em que Fábio de Melo defende que as pessoas não devem achar-se insubstituíveis é genérico, sem destinação para um ouvinte específico. Contudo, João “veste a carapuça” e acredita que o exemplo dessa coordenadora foi criado pelo sacerdote para abordar o fato do nosso ouvinte fictício pensar que não pode ser substituído. Nesse caso, a pregação continua preenchendo a variável X nas duas partes da fórmula. João continua tomando a pregação genérica como especificamente dirigida a ele.

A seguir, vamos nos concentrar nos desdobramentos dos aspectos da estratégia argumentativa usada pelo padre.

3.1.2.2 Desdobramentos dos aspectos da estratégia argumentativa: fragmento 02 do padre

Veremos que, como na análise do Excerto 01, Fábio de Melo percorre as três fases de da sequência argumentativa Posição-Disputa-Sustentação (PDS) pareada com enunciados que antecedem e sucedem a Interação Fictiva em discurso direto (linhas 06 e 07). Reproduzimos novamente a Tabela 01:

Tabela 01 - Sequência Adjacente Posição-Disputa-Sustentação (PDS)

Fase	Descrição
1	Posição do orador
2	Disputa por meio de Discurso Direto Fictivo
3	Sustentação refutando o argumento do interlocutor fictivo

Fonte: Elaborada pelo autor (2023).

Supomos que o padre espera que o ouvinte experimente o processo cognitivo da Mescla da Carapuça em algum momento das três fases dessa sequência. Na Fase 1, Fábio de Melo expõe sua posição, a qual está firmada na convicção de que uma pessoa que acredita ser imprescindível para a Pastoral da Liturgia está enganada. Ele afirma: “Engana-se você que a Pastoral da Liturgia precisa de você” (linha 06). O padre já havia defendido que, mais importante que o trabalho realizado na paróquia, é o quanto esse trabalho agiu no fiel.

Na Fase 2 da sequência PDS, o padre escolhe criar uma disputa por meio da Interação Fictiva em Discurso Direto, dando voz a uma interlocutora fictiva que se acha imprescindível no trabalho paroquial: "Tem quarenta e dois anos que eu sou coordenadora da equipe. E se eu sair, padre... ha ha ha ha ha ha ha" (linhas 06 e 07). Argumentamos que a Fase 2, correspondente ao DDFic mencionado acima, tem grande relevância para que o efeito parabólico da referida mescla se efetive na mente dos ouvintes. Isso ocorre porque, ao mudar a coordenada espaço-temporal do Espaço Base para o Espaço Mental, o padre estabelece um domínio discursivo de uma pequena história na qual o interlocutor fictivo verbaliza sua posição de achar-se imprescindível, sendo ele um interlocutor genérico estabelecido para que a audiência faça suas próprias instanciações particulares. Assim, o ouvinte, que expressa sua opinião apenas em pensamento, pode ter a sensação de que foi exposto pelo sacerdote.

Na análise desse excerto, também percebemos que a eficácia da Mescla da Carapuça está diretamente vinculada à relação entre genericidade e particularidade. É possível observar a genericidade presente nas três fases argumentativas, de diferentes formas. Na primeira fase, o padre, animando a própria voz, usa uma posição genérica codificada por um enunciado declarativo e abrangente sobre o fato de as pessoas estarem enganadas quando acreditam que a

Pastoral da Liturgia precisa delas. Na segunda fase, ele personifica uma posição de disputa, performando a fala de uma interlocutora fictiva. Embora haja ainda alguma genericidade nessa fase, ela é expressa de maneira diferente da primeira. Por meio do *Frame* de Conversa, a estratégia argumentativa recorre a uma atuação performática que dá vivacidade à posição da Fase 1. Isso faz com que a genericidade ganhe um contorno mais particular e expressivo, já que há uma personagem falando, mesmo que fictiva, assim como, conseqüentemente, a sua fala. Na terceira fase, a genericidade é ainda mais particularizada, à medida que o padre responde ao interlocutor fictivo e discorda dele sobre o posicionamento de achar-se imprescindível na pastoral. À medida que o padre progride do genérico para o menos genérico, supomos que ele espera que o ouvinte também esteja conceptualizando essa parte da mensagem de forma mais particular.

O Discurso Direto Fictivo, produzido pelo sacerdote, tem um propósito comunicativo e argumentativo de criar identificação conceptual com a audiência, visando a obter sua adesão emocional e espiritual para mudar comportamentos. Dessa forma, Fábio de Melo exemplifica genericamente a contraposição de um fiel presunçoso, teatralizando-a com gestos e prosódia diferentes daqueles que usa habitualmente quando anima sua própria voz e é autor e responsável pelas crenças que transmite em seu sermão. Ao usar esse recurso, o padre pretende levar o ouvinte a transcender uma interpretação genérica e adotar atitudes que estejam alinhadas com o discurso religioso. Supomos que, para o sacerdote, é importante o ouvinte se reconhecer nos exemplos do Discurso Direto Fictivo como alguém que tem essa postura indesejada de achar-se imprescindível.

Assim, cada ouvinte poderá, individualmente, ter a sensação de que a posição da interlocutora do padre no DDFic é a mesma que a dele. Na Mescla da Carapuça, cada um deles poderá acreditar que Fábio de Melo tomou conhecimento da posição que estava restrita ao seu pensamento e por isso o padre inseriu esse Discurso Direto Fictivo na pregação. Dessa forma, cada conceptualizador pode “vestir a carapuça” oferecida e enxergar-se como o único ouvinte endereçado, sentindo que o líder religioso fala particularmente para ele.

Especificamente na Fase 3, o padre sustenta sua posição refutando o contra-argumento da interlocutora fictiva. Faz a exortação de uma só vez para a plateia e para a coordenadora presente no DDFic. Fábio de Melo faz essa refutação justificando que há pessoas mais competentes para realizar as atividades da pastoral. Supomos que o sacerdote parece objetivar que, nessa fase, o ouvinte da mensagem já esteja experienciando a Mescla da Carapuça e receba essa admoestação como um novo elemento para o referido processo cognitivo, relacionando-o às especificidades do seu próprio repertório. Isso contribui para o processo de convencimento,

à medida que pode aumentar o engajamento atencional e emocional e gerar no ouvinte a sensação de que Fábio de Melo é especialista no seu caso dele.

A seguir, analisaremos como Silas Malafaia faz uso do Discurso Direto Fictivo para conduzir o ouvinte a experienciar o processo cognitivo da Mescla da Carapuça.

3.2 MENSAGEM DO PASTOR SILAS MALAFAIA

Por sua vez, a posição sustentada na mensagem pelo pastor Silas Malafaia, de orientação evangélica, é a de que, para se ter uma vida de prosperidade, é necessário ser um ofertante fiel. Nas coordenadas espaço-temporais da situação comunicativa corrente, o pregador se comunica presencialmente e por meio da transmissão audiovisual via satélite para igrejas. A gravação dessa mensagem foi posteriormente vendida em DVD e exibida em programa de TV publicado no *Youtube*. Durante a referida pregação, Malafaia dirige-se não só à multidão de fiéis que o assiste naquele momento, mas também ao futuro telespectador.

É importante destacar a introdução que o pastor faz antes mesmo de dizer qual o tema da mensagem. A partir de 02:00, ele propõe uma metodologia, principalmente para aqueles que lhe assistiriam pela TV, que deve ser usada durante a recepção de mensagens religiosas, independente de quem as ministra. De acordo com Silas Malafaia, esse público é colocado em evidência porque é onde, possivelmente, estão as pessoas que não o conhecem, diferentemente dos membros da igreja que assistem à pregação ao vivo ou nos templos através da transmissão feita pela empresa Embratel. Já os potenciais telespectadores da gravação, posteriormente disponibilizada, poderiam acessar o programa de Malafaia enquanto zapeavam pelos canais, por exemplo. Conseqüentemente, isso exige daquele que ministra a “palavra” um maior esforço para engajar atencionalmente esse público flutuante, principalmente quando se trata de um assunto considerado espinhoso por muitos.

A metodologia ensinada pelo pastor consiste em seguir três passos consecutivos, sendo o primeiro e o último ilustrados com o uso de Interação Fictiva em Discurso Direto: duvidar, criticar e determinar. Duvidar significa que “você não pode receber aberto, direto, uma palavra sem você antes analisá-la”. Em outros termos, é dizer “Deixa eu prestar atenção pra ver o que este camarada tá falando”. Esse último enunciado, em Interação Fictiva, por meio do qual Malafaia performa a fala de um interlocutor fictivo, possivelmente um telespectador potencial, além de ser usado como recurso pedagógico (Magalhães, 2018; Costa, 2019) para explicar o que é duvidar, demonstra que o pastor não apenas espera que fiéis manifestem posições

contrárias enquanto ouvem a mensagem. Ele incentiva essa atitude.

Malafaia esclarece que o segundo passo do procedimento metodológico, criticar, é “fazer uma análise do que você tá ouvindo”. Por fim, o ouvinte deve “determinar”, ou seja, concordar ou não com o que foi exposto. A IF em Discurso Direto “É verdade. Eu recebo” também foi usada pelo líder religioso como recurso para exemplificar um ato de fala representativo do que é determinar.

Defendemos que o objetivo do pregador nessa introdução é estabelecer uma metodologia que fará com que o ouvinte “receba” a mensagem com base nessas três etapas. Observamos a ilustração de duas metáforas quando o pastor usa o verbo “receber”: PALAVRA É OBJETO e PALAVRA É BEM. Isso ficará evidente nas últimas ilocuições de Malafaia no vídeo, quando o líder religioso encerra o sermão (47:57). Nesse momento, ele convida os fiéis para estender suas mãos, viradas para cima, com a postura de quem vai obter um objeto, para receber a palavra, ou seja, tomar posse dos bens destinados àqueles que aceitam a tese de que é necessário ser um ofertante fiel para alcançar as graças listadas em seguida: “conservar o que tem, multiplicar o que tem e ter o que não tem”.

Voltando à introdução, Silas Malafaia diz que mensagens sobre prosperidade, dízimo e oferta não são tão comuns nas igrejas evangélicas. Segundo ele, o assunto envolve preconceito de cristãos, alguns pastores que têm medo de falar do assunto, ação do diabo para neutralizar os fiéis sobre o assunto, bravatas emocionais, argumento filosófico e, muitas vezes, “pouca Bíblia”. Na sequência, o pastor revela que o tema da mensagem é “Uma vida de prosperidade”.

Já temos até aqui indícios de que essa metodologia sugerida para o ouvinte irá ao encontro da estratégia de argumentação que será empreendida pelo pastor. Se o fiel a segue, manifestará posições contrárias em pensamento, as quais poderão ser reveladas por meio de Interação Fictiva, gerando projeção e culminando na Mescla da Carapuça. Com essa crítica, o engajamento atencional por parte da audiência aumentará. O pregador, então, poderá sustentar sua posição e ter a expectativa de que o conceptualizador vai “receber” a mensagem, segundo a visão do pastor.

Nas análises dos dois excertos da mensagem do pastor, vamos tomar como exemplo um telespectador fictício chamado Antônio. Ele se encaixa no perfil que o próprio Silas Malafaia já previra. Antônio nunca se convenceu da relação direta entre ser ofertante fiel e ter uma vida de prosperidade. Precisamos chamar atenção para a definição do Espaço Base. A mensagem foi ministrada para o público presente na Arena HSBC, em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, quando o evento foi transmitido ao vivo para a rede de igrejas da qual o pastor é presidente. No entanto, Antônio somente terá contato com a mensagem quando ela é exibida no programa de TV.

Apesar da peculiaridade relacionada ao Espaço Base do evento gravado, em contraponto ao tempo-espço posterior de acesso à mensagem, representaremos um único Espaço Base, já que Silas Malafaia fala como se o telespectador estivesse assistindo de sua casa naquele momento. Nesse mesmo sentido, Antônio recepcionará a mensagem como se ele pudesse interagir com ela ao vivo. Assim, as duas coordenadas espaço-temporais, a do pastor no momento da pregação presencial e a de Antônio, remota e posterior, serão consideradas como fundidas para fins de análise.

No excerto analisado a seguir, Silas Malafaia usa o Discurso Direto Fictivo para tentar convencer os ouvintes de que não se pode separar a vida cristã de assuntos que muitos consideram apenas seculares, como intimidade sexual e dinheiro.

3.2.1 Excerto 03 - Fragmento 01 da mensagem do pastor Silas Malafaia

O momento exato desse fragmento do vídeo pode ser acessado por meio deste link: <https://abre.ai/f1eR>. Solicitamos que se assista a ele antes da leitura da transcrição. Há também a opção de acessar o fragmento, que vai de 33:52 a 36:01, apontando a câmera do celular ou do tablet para o *QR Code* abaixo:

Figura 07 - *QR Code* para acessar o Fragmento 01 do vídeo da mensagem do pastor



Fonte: Elaborada pelo autor (2023).

Transcrevemos abaixo o referido fragmento do vídeo da mensagem do pastor Silas Malafaia.

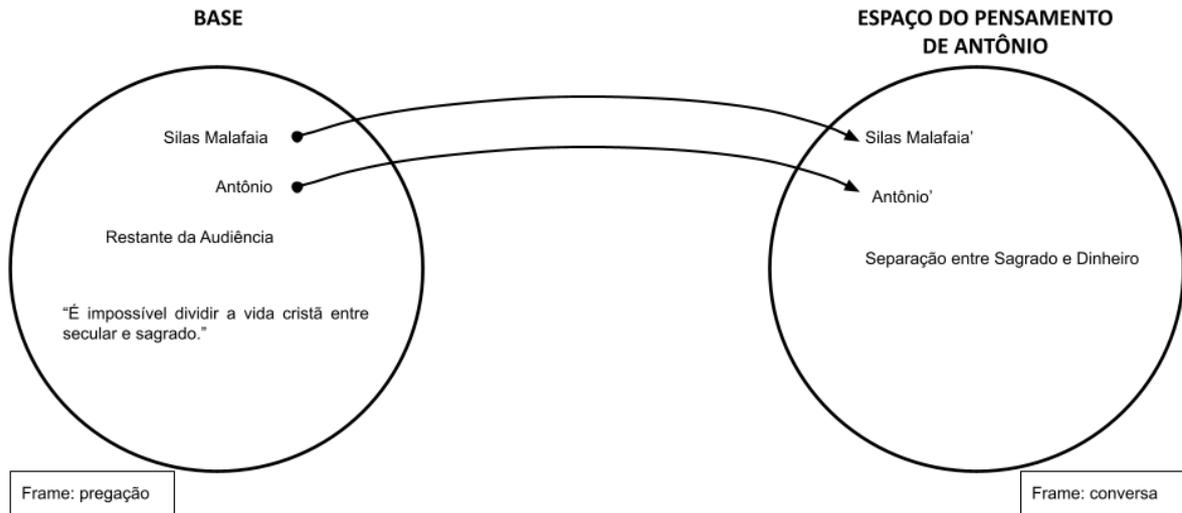
01	Primeiro. Preste atenção. É impossível dividir a vida cristã entre secular e sagrado. Pastor, dinheiro
02	é secular. Finança é secular. Aleluia, glória a Deus, cantar hinos, pregar, orar, evangelizar é
03	sagrado. (som de estalos com a boca). É impossível na vida cristã separar secular do sagrado. Não
04	fica arrepiado com o que eu vou falar, que eu vou aprofundar aqui. Segura. Fica frio. Até sexualidade
05	na vida do cristão tem o sagrado. (inspiração rápida pela boca como se tivesse levado susto).
06	Sangue de Jesus tem poder! Meu Deus! Heresia! Cê tá precisando ler a Bíblia. I Pedro, 3:07:
07	“Maridos, tendes relações sexuais com as vossas mulheres com entendimento, dando à mulher a
08	honra, para que as vossas orações sejam respondidas. Hum! Tem oração que não passa do teto,
09	hein, filho. Aqui. Oração respondida tem a ver com intimidade, gente. Espiritual.
10	Até a sexualidade você não separa. Até o ato sexual na Bíblia tem a ver com o sagrado.
11	A oferta é tão espiritual quanto dar glória a Deus, ou melhor, quanto a adorar a Deus,
12	orar, evangelizar e pregar. Aqui nesse texto de II Coríntios, capítulo 9, versículo 11 - 13, diz que por
13	causa da oferta se dá graças a Deus e por causa da oferta se dá glória a Deus. Tem coisa mais
14	espiritual do que dar graças a Deus e glória a Deus? A oferta é um assunto espiritual como qualquer
15	outro.

Demonstraremos, a seguir, como um ouvinte fictício que acredita na separação entre entre secular e sagrado, bem como entre sexualidade e sagrado, pode experimentar a Mescla da Carapuça.

3.2.1.1 Processo cognitivo da Mescla da Carapuça: fragmento 01 da mensagem do pastor

Na linha 01 da transcrição, Silas Malafaia pede à audiência que preste atenção no que ele vai dizer. Na sequência, ele afirma que “É impossível dividir a vida cristã entre secular e sagrado” (linha 01). Apenas mentalmente, Antônio manifesta para o pastor sua crença de que existe separação entre sagrado e dinheiro. Ilustramos no Diagrama 22 essa posição manifestada por Antônio:

Diagrama 22 - Espaço Base e Espaço do Pensamento de Antônio



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Na ilustração do Diagrama 22, Silas Malafaia, no Espaço Base, prega para a plateia e para Antônio que assiste pela TV. Já dissemos que, como Silas Malafaia, durante a gravação, dirige-se aos telespectadores como se esses estivessem assistindo ao vivo, esse espaço representa a situação comunicativa no momento que a pregação aconteceu e também quando Antônio tem contato com ela em casa. É como se essas duas coordenadas espaço-temporais estivessem fundidas. Quando o pastor diz que “É impossível dividir a vida cristã entre secular e sagrado” (linha 01), Antônio manifesta para o seu interlocutor Silas Malafaia sua posição contrária, no *Frame* de Conversa. Pelo Princípio do Acesso, percebemos que, nesse espaço mental, Antônio e o pastor têm os mesmos referentes do Espaço Base fundido. O telespectador acredita que é possível separar o sagrado de outras áreas da vida, mais especificamente dos assuntos relacionados a dinheiro.

Nas linhas 01 a 03, Silas Malafaia faz uma mudança de *footing* ao dizer “Pastor, dinheiro é secular. Finança é secular. Aleluia, Glória a Deus, cantar hinos, pregar, orar, evangelizar é sagrado”. O alocutivo “Pastor” evidencia que nessa ilocução o líder religioso figura em um *frame* em que é destinatário, como em uma conversa. Mas no *frame* da pregação, ele é o emissor. Concluimos, então, que Silas Malafaia, intersubjetivamente, fala com ele mesmo nesse momento do evento, mas como se estivesse encenando uma situação em que uma pessoa que ele ainda não identificou para a audiência falasse com ele, o interlocutor fictivo.

Além disso, essa ilocução transcrita nas linhas 01 a 03, ao separar de um lado dinheiro e finança, considerados assuntos seculares, e do outro ações consideradas sagradas, apresenta

uma ideia contrária à posição que o pastor acabara de manifestar. Daí a conclusão de que Silas Malafaia não é responsável por essa ilocução, a qual não tem autoria instanciada por se configurar como uma fala genérica. O pastor, como animador principal no Espaço Base, anima a voz de um animador encaixado que também não está instanciado. Ademais, ele performa uma pessoa que cita ações que considera sagradas no trecho “Aleluia, Glória a Deus, cantar hinos, pregar, orar, evangelizar”, com uma prosódia diferente da empregada por ele nos instantes anteriores à manifestação da posição contrária.

A Figura 08 mostra quadros exportados do vídeo com intervalo de dois segundos, os quais ilustram momentos da performance do pastor:

Figura 08 - Movimentação do pastor na mudança de *footing*

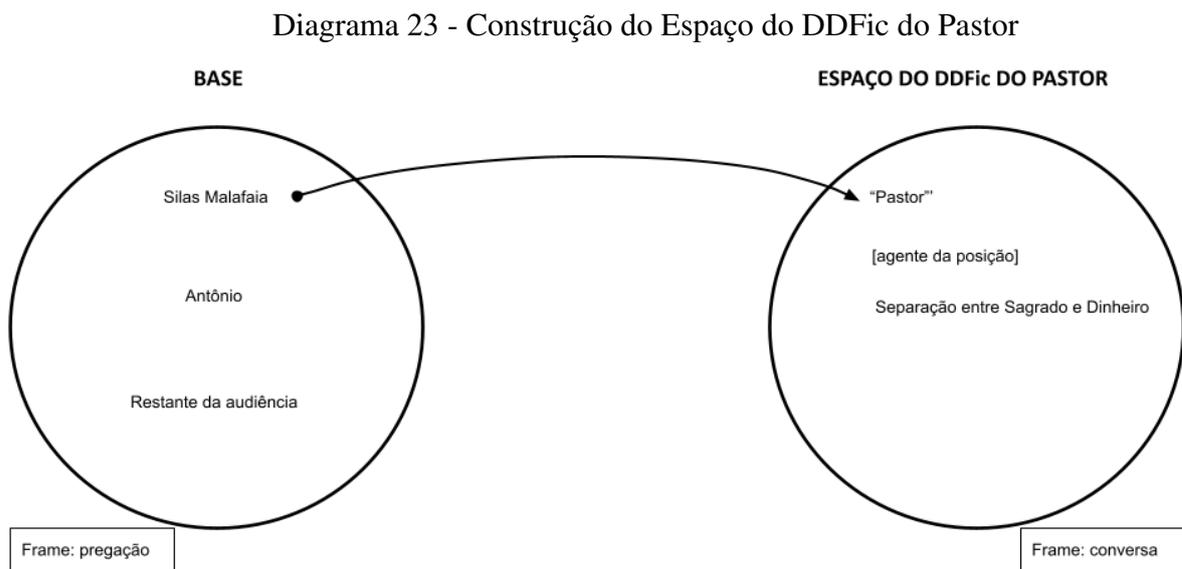


Fonte: Elaborada pelo autor (2023) com quadros exportados de Associação Vitória em Cristo (2012).

Os exemplos no âmbito do sacro, “Aleluia, Glória a Deus, cantar hinos, pregar, orar, evangelizar”, são elencados pela pessoa performada de modo muito metódico a partir de 34:12, quando o pregador está posicionado quase totalmente de frente para o púlpito. As expressões “Aleluia, Glória a Deus” (linha 02) são verbalizadas por ele olhando para o alto, como se a pessoa encenada estivesse dirigindo-se diretamente a Deus, conforme o primeiro quadro da Figura 08. De maneira sincrônica, os exemplos dessa ilocução são ditos na mesma velocidade com que o pastor gira o corpo: primeiro para a esquerda dele (34:14), e depois finalizando a fala desse trecho virado para sua direita (34:16). Há o estabelecimento de um limite conceptual entre a voz factiva do pastor e a voz do interlocutor fictivo. A Interação Fictiva em Discurso

Direto aciona o *Frame* de Conversa para estruturar o discurso do pastor não apenas pela via melódica, mas também pelas expressões faciais, gestos e movimentos corporais. A mudança de *footing* se opera por uma convergência de fatores que dá relevo à performance em toda sua dimensão teatralizada.

O uso do alocutivo “Pastor”, a mudança na estrutura de participação, os aspectos prosódicos, gestuais e corporais diferenciados introduzem um espaço mental com coordenadas espaço-temporais diferentes das do Espaço Base, conforme a Diagrama 23:

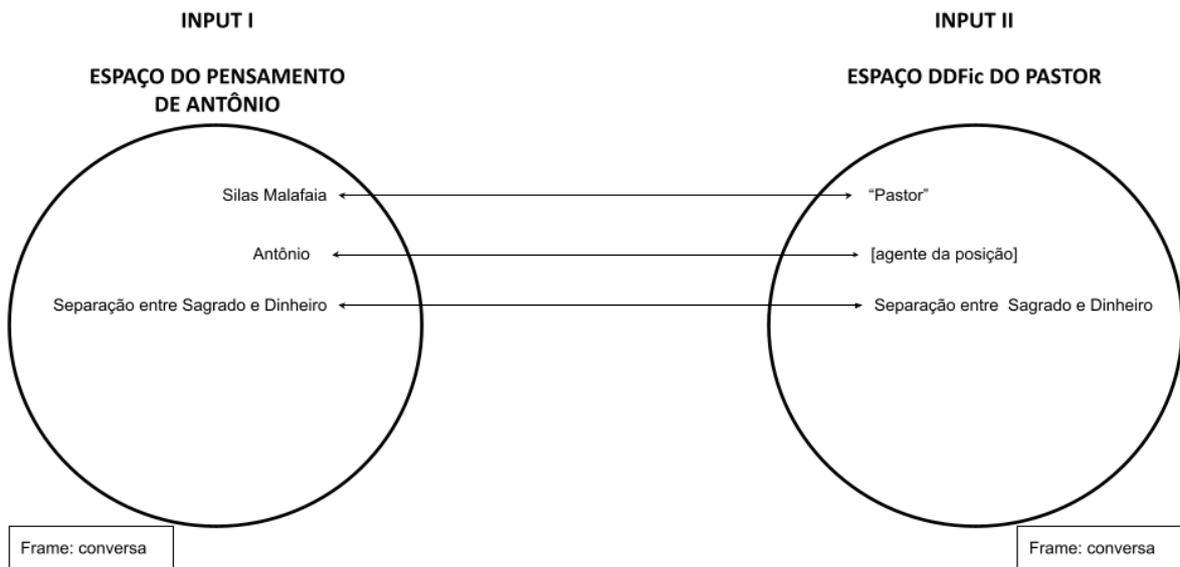


Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Com o Diagrama 23, ilustramos que, na pregação do Espaço Base, Silas Malafaia fala para a audiência de forma geral. A Interação Fictiva em Discurso Direto das linhas 01 a 03 possui coordenadas espaço-temporais diferentes desse espaço e é produzida por meio do *Frame* de Conversa. Como não há outra referência para “Pastor” no contexto da pregação, pelo Princípio do Acesso, assumimos que esse alocutivo tem como referente o Silas Malafaia do Espaço Base, para quem o interlocutor fictivo manifesta a posição de que há separação entre sagrado e dinheiro. O agente dessa posição não está particularmente instanciado nessa conversa.

Depois da construção do espaço mental do DDFic do Pastor, Antônio pode perceber que a ilocução “Pastor, dinheiro é secular. Finança é secular. Aleluia, Glória a Deus, cantar hinos, pregar, orar, evangelizar é sagrado” (linhas 01 a 03) possui categorias e elementos presentes no espaço referente ao seu próprio pensamento, como ilustrado a seguir no Diagrama 24:

Diagrama 24 - Projeção entre elementos do Espaço do Pensamento de Antônio e do Espaço do DDFic do Pastor

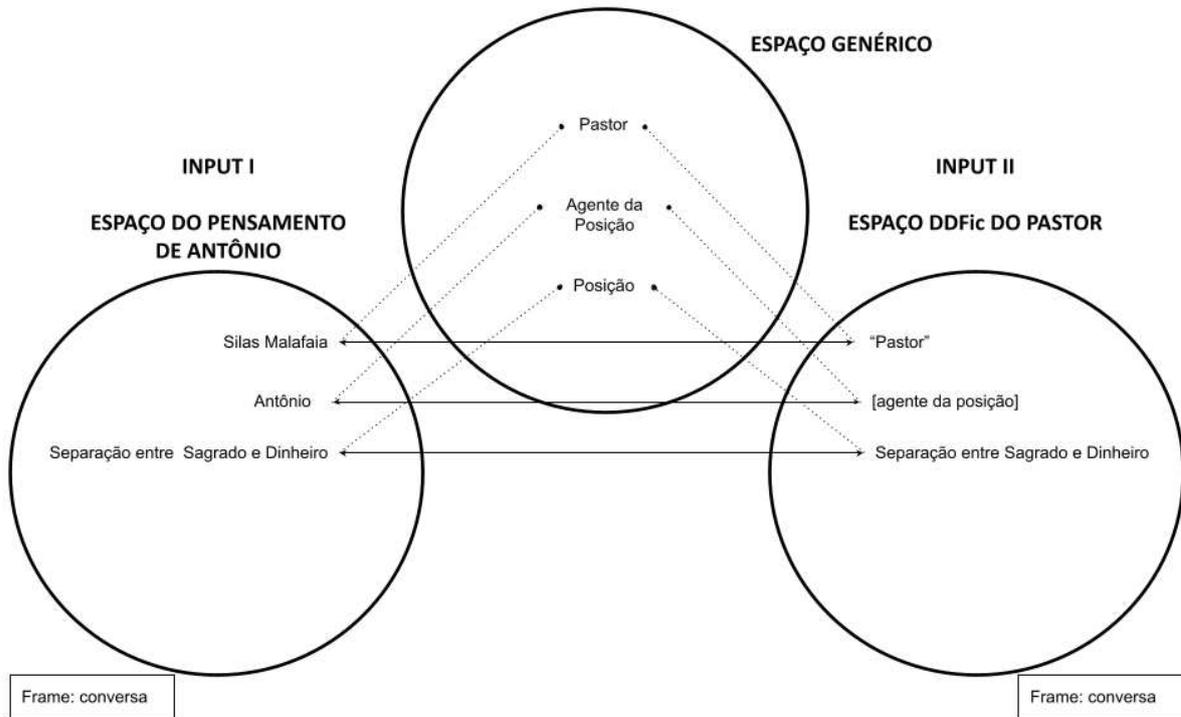


Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A partir do Princípio da Projeção, elementos de um *input* podem ser projetados em itens do outro. O *Input I* representa o Espaço do Pensamento de Antônio e o *Input II*, o espaço do DDFic do Pastor. Por pertencerem às mesmas categorias, podem ser projetados entre si os elementos Silas Malafaia e "Pastor", as unidades Antônio e [agente da posição]. Isso também ocorre com a posição de crença na separação entre sagrado e dinheiro, presente nas duas entradas.

O Diagrama 25 mostra o espaço genérico que emerge com as categorias comuns aos dois *inputs*:

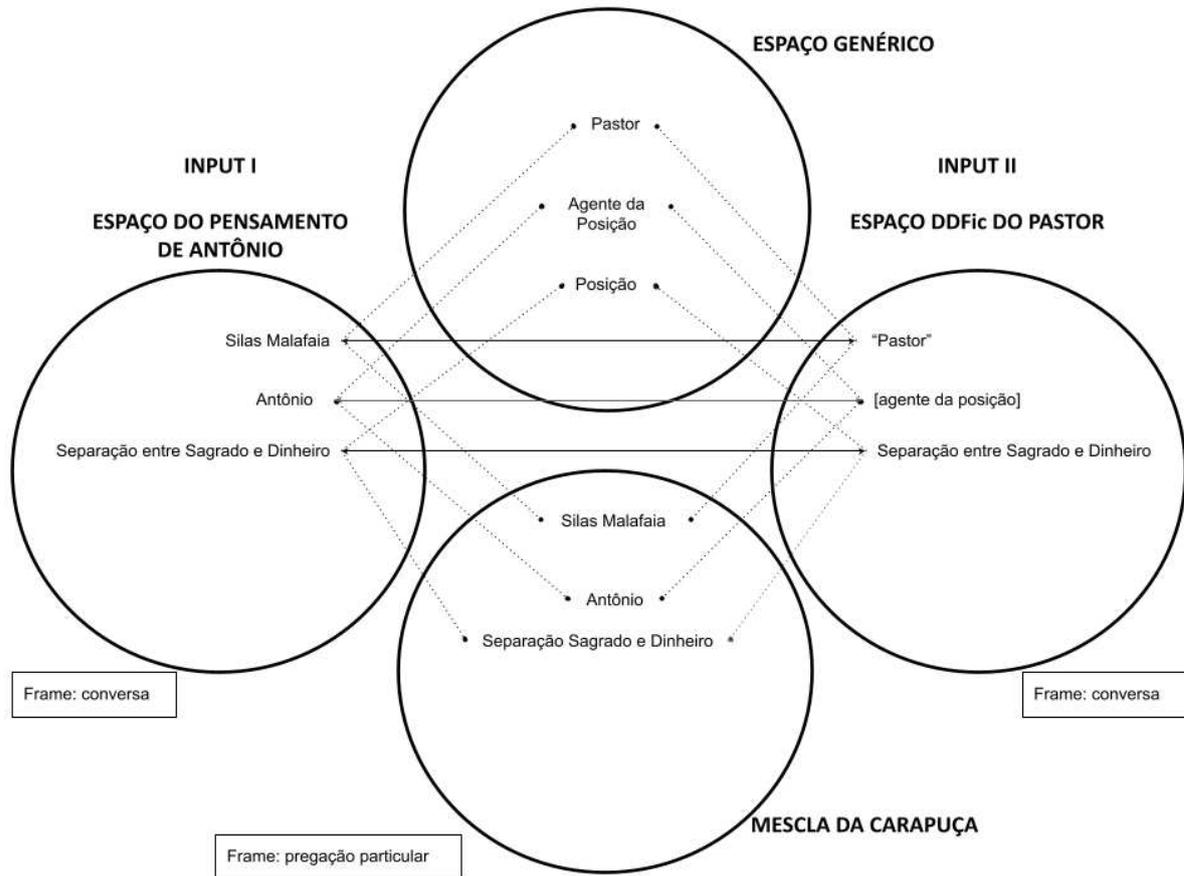
Diagrama 25 - Emergência do Espaço Genérico



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Os elementos Silas Malafaia (*Input I*) e “Pastor” (*Input II*) pertencem à categoria Pastor. O [agente da posição] representado no *Input II* e seu correspondente Antônio integram a categoria Agente da Posição. A crença na separação entre sagrado e dinheiro presente nos dois *inputs* faz parte da categoria Posição. A seguir, Antônio experiencia a Mescla da Carapuça, como ilustrado no Diagrama 26:

Diagrama 26 - Antônio experiencia a Mescla da Carapuça



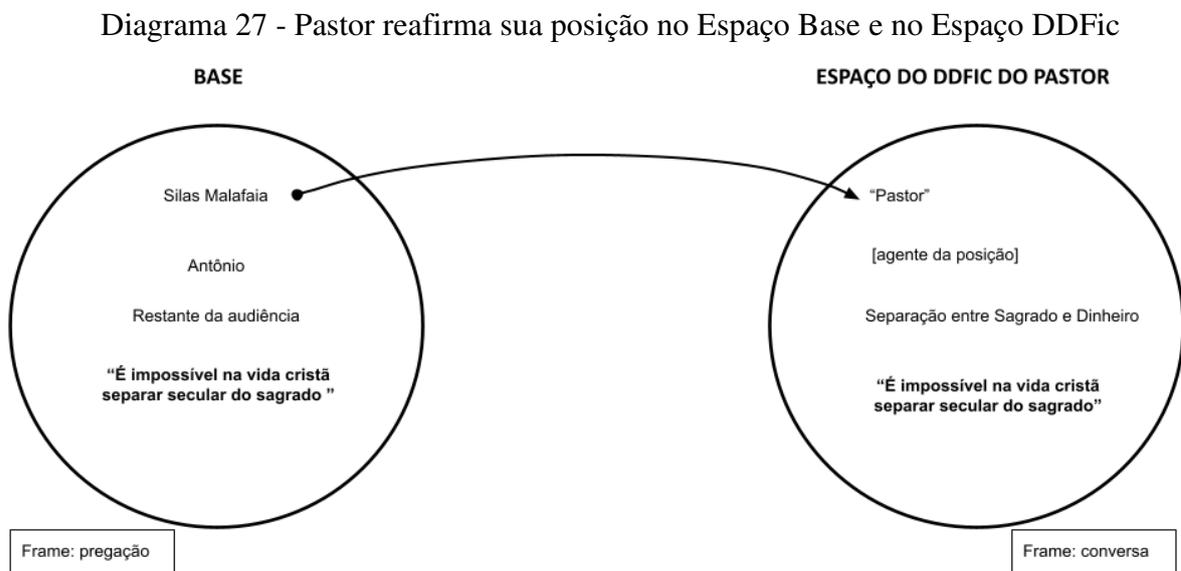
Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Por meio do Diagrama 26, destacamos a estrutura emergente: Antônio acredita que o *frame* é uma pregação dirigida a ele de forma particular. Como elementos dos *inputs* I e II podem ser diretamente relacionados, o fiel crê que o exemplo de posição dado por Silas Malafaia, quando diz “Pastor, dinheiro é secular. Finança é secular. Aleluia, Glória a Deus, cantar hinos, pregar, orar, evangelizar é sagrado” (linhas 01 a 03), foi construído tendo por base a posição que ele tinha manifestado somente em pensamento. Antônio conclui que de alguma maneira o líder religioso acessa o que ele pensa. Na verdade, como a mensagem já havia sido ministrada e Antônio assiste ao programa de TV em que ela é exibida, o impacto nesse conceptualizador poderia ser ainda mais especial. Ele poderia conceptualizar que Silas Malafaia, no culto, teve acesso a um pensamento que Antônio teria apenas no futuro.

A Mescla da Carapuça é formada pela posição “Separação entre Sagrado e Dinheiro” que tem origem nos dois *inputs*, pelo elemento “Silas Malafaia”, decorrente do Espaço do Pensamento de Antônio e do Espaço do DDFic do Pastor, à medida que nosso ouvinte fictício

preenche a unidade “Pastor” com esse líder religioso. O agente da posição origina-se do *Input* I e do *Input* II, quando [agente da posição] é preenchido por Antônio com ele próprio.

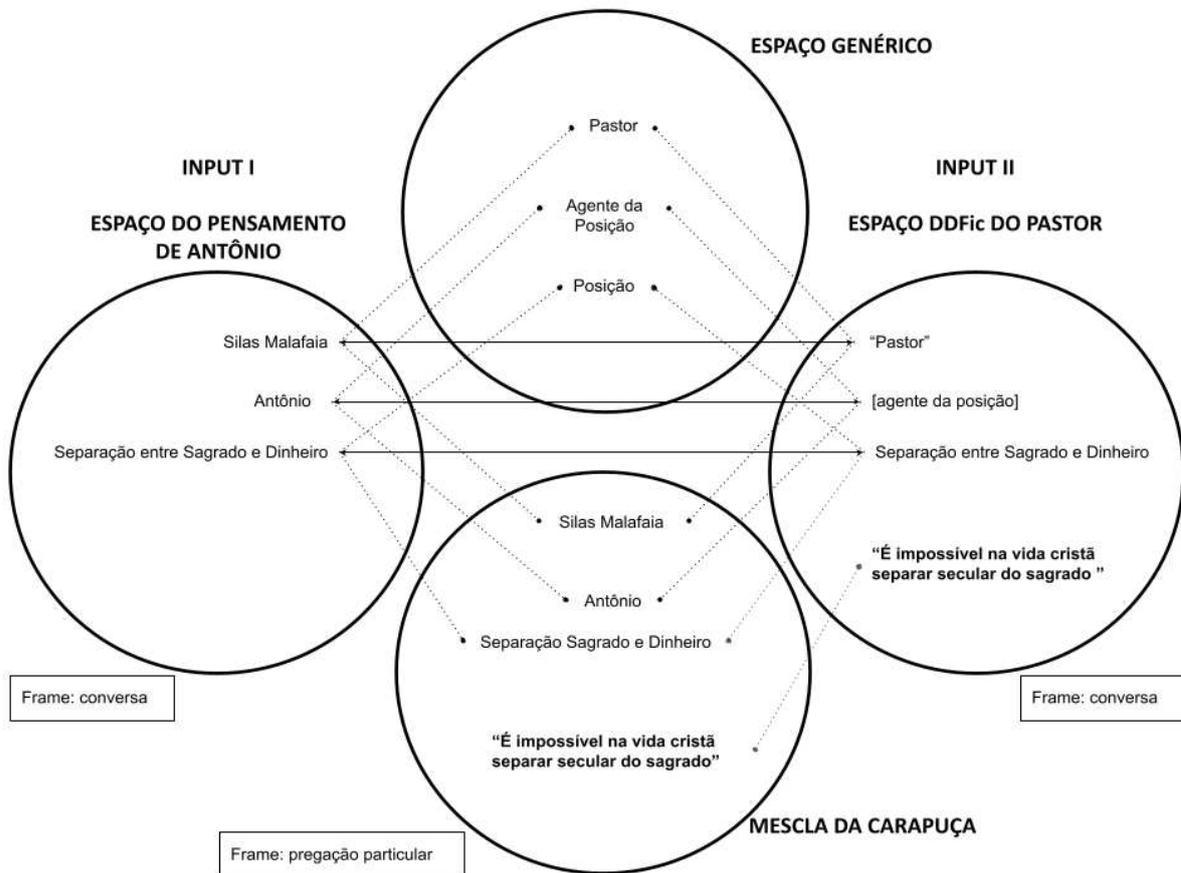
Na sequência do vídeo, percebemos uma mudança de *footing*. Voltando a adotar prosódia e gestual habitualmente usados enquanto anima sua própria voz, Malafaia alinha-se novamente com sua posição. Após produzir estalos com a boca, indicando discordância do enunciado “Pastor, dinheiro é secular. Finança é secular. Aleluia, Glória a Deus, cantar hinos, pregar, orar, evangelizar é sagrado” (linhas 01 a 03), ele faz uma paráfrase de “É impossível dividir a vida cristã entre secular e sagrado” (linha 01) ao dizer “É impossível na vida cristã separar secular do sagrado” (linha 03). Essa última ilocução está ilustrada no Diagrama 27:



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

No Diagrama 27, ilustramos que o enunciado “É impossível na vida cristã separar secular do sagrado” (linha 03) é não apenas uma reafirmação da posição do pastor para o interlocutor fictivo do Espaço DDFic que crê na separação entre sagrado e dinheiro, mas também para a plateia. Por isso, essa ilocução está representada tanto no Espaço Base quanto no Espaço do DDFic do Pastor. Demonstramos no Diagrama 28 o processo de integração conceptual considerando agora esse novo elemento:

Diagrama 28 - Adição do elemento “É impossível na vida cristã separar secular do sagrado” no Espaço Mescla da Carapuça



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Já dissemos que a estrutura emergente é a crença de Antônio de que a pregação é particularmente dirigida a ele. Esse novo elemento integra a Mescla da Carapuça. O fiel recebe essa ilocução da linha 03 como uma reafirmação da tese direcionada especificamente a ele, tendo em vista que ele mesmo acredita que Malafaia tomou conhecimento da posição contrária que tinha sido manifestada somente no Espaço do Pensamento de Antônio.

Na sequência do vídeo, o pastor diz “Não fica arrepiado com o que eu vou falar, que eu vou aprofundar aqui” (linhas 03 e 04). Ele acrescenta: “Segura. Fica frio” (linha 04). Em seguida, o líder religioso afirma que “Até sexualidade na vida do cristão tem o sagrado” (linhas 04 e 05). O operador avaliativo “Até” corrobora a ideia de que o próprio pastor considera essa afirmação ainda mais difícil de ser justificada quando comparada à sua posição de que há relação entre sagrado e dinheiro. Antônio, que já se opunha à relação sagrado e dinheiro, também manifesta posição contrária a essa ilocução, considerando-a uma heresia, conforme o

Diagrama 29:

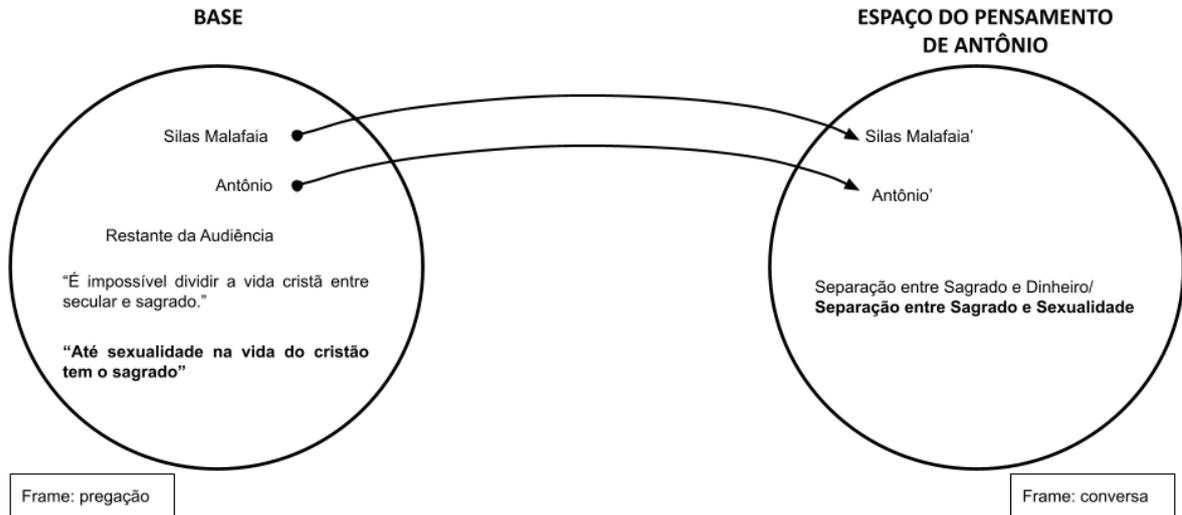
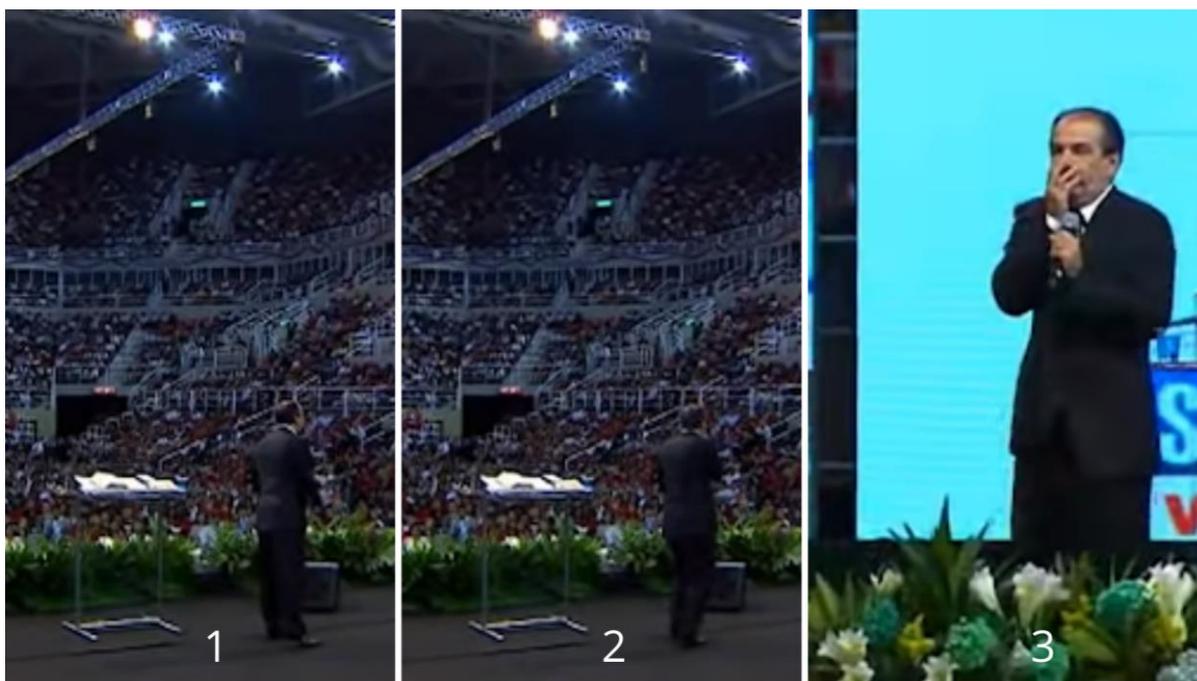


Diagrama 29 - Acréscimo de “Até sexualidade na vida do cristão tem o sagrado” à posição do pastor no Espaço Base e a rejeição dela por Antônio no Espaço do Pensamento

O Diagrama 29 mostra esse acréscimo na posição do pastor ao propor no Espaço Base que “Até sexualidade na vida do cristão tem o sagrado” (linhas 04 e 05). Ilustra também que, no espaço referente ao pensamento do ouvinte fictício, foi adicionada sua posição de que há separação entre sagrado e sexualidade, com a inserção no Espaço do Pensamento de Antônio do elemento “Separação entre Sexualidade e Sagrado”.

Na sequência do vídeo, mais uma mudança de *footing* é realizada por Silas Malafaia (Figura 09), que resultará em nova Interação Fictiva em Discurso Direto:

Figura 09 - Movimentação do pastor na mudança de *footing*

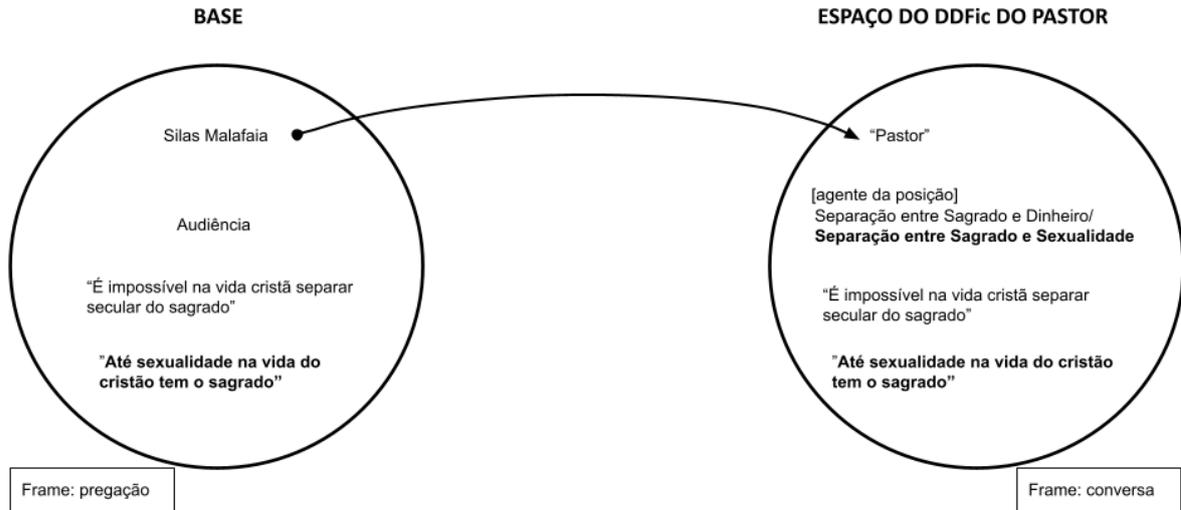


Fonte: Elaborada pelo autor (2023) com quadros exportados de Associação Vitória em Cristo (2012).

Na Figura 09, o pastor está virado, com o corpo ereto, para o público posicionado mais à direita dele (quadro 1) quando afirma que “Até sexualidade na vida do cristão tem o sagrado” (linhas 04 e 05). Em seguida, flexiona um pouco as pernas (quadro 2), inspirando rapidamente pela boca como se tivesse se assustado com a afirmação que ele mesmo tinha acabado de fazer, e diz de forma acelerada e com a voz trêmula, colocando a mão na frente da boca (quadro 3): “Sangue de Jesus tem poder! Meu Deus! Heresia!” (linha 06). Essa ilocução fictiva é dita com feição de medo. Especialmente a expressão “Meu Deus” constitui-se de um chamamento fictivo, na qual Deus parece ser o alocutário, mas, na verdade, é uma interjeição de assombro endossando a posição contrária ao que o pastor defende.

Esse enunciado fictivo, como um todo, invocando o poder do sangue de Jesus por conta de uma suposta heresia confronta-se com a posição do pastor na pregação quando ele defende a relação entre sexualidade e sagrado ao animar sua própria voz. Portanto, Silas Malafaia não é considerado responsável por esse discurso fictivo, visto que é atribuído a um interlocutor genérico e não factivo. O líder religioso é o animador principal, mas há um animador encaixado que não está particularmente instanciado, assim como a autoria também não está. Novamente, a prosódia e o gestual diferenciados, juntamente com a mudança no formato de produção, introduzem um espaço mental que tem as coordenadas espaço-temporais diferentes do Espaço Base, como ilustrado no Diagrama 30:

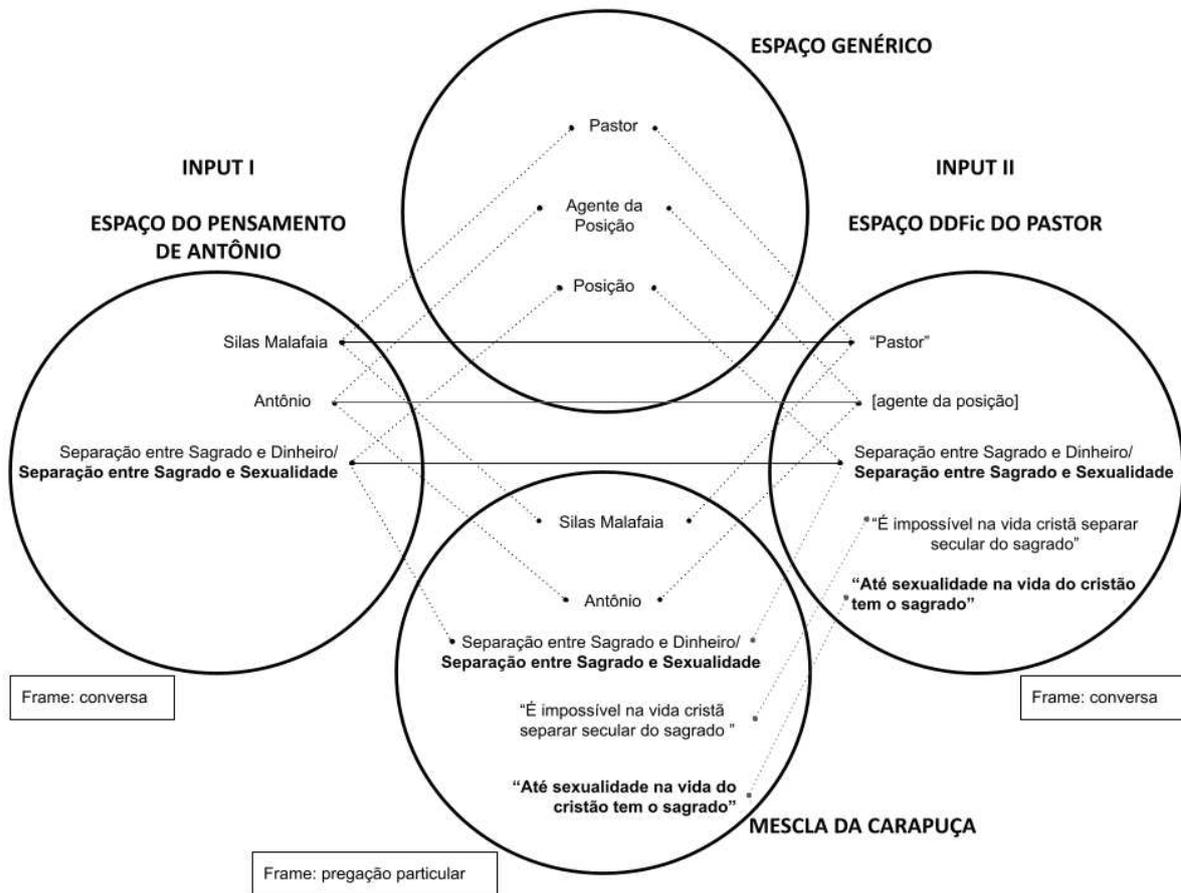
Diagrama 30 - Acréscimo de “Até sexualidade na vida do cristão tem o sagrado” à posição do pastor no Espaço Base e no Espaço DDFic, e a rejeição dela pelo interlocutor fictivo



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O Diagrama 30 demonstra que o enunciado “Até sexualidade na vida do cristão tem o sagrado” (linhas 04 e 05) foi inserido não apenas no Espaço Base, mas também no Espaço DDFic do Pastor, já que o interlocutor fictivo a rejeita por meio da ilocução “Sangue de Jesus tem poder! Meu Deus! Heresia!” (linha 06), a qual está representada como “Separação entre Sagrado e Sexualidade” nesse espaço mental. Ilustramos como Antônio conceptualiza esses novos elementos no Espaço Mescla da Carapuça (Diagrama 31):

Diagrama 31 - Conceptualização de Antônio a partir da possibilidade da projeção do elemento “Separação entre Sagrado e Sexualidade” presente nas duas entradas



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O Diagrama 31 emblemiza o processo da Mescla da Carapuça que Antônio está experienciando, dessa vez com os novos elementos já apresentados. No Espaço Base e no Espaço DDFic, o pastor adiciona à sua posição o elemento “Até sexualidade na vida do cristão tem o sagrado” (linhas 04 e 05). A rejeição dessa crença é manifestada por Antônio apenas no Espaço do Pensamento, o que está representado com o componente “Separação entre Sexualidade e Sagrado”. No *Input II*, o interlocutor fictivo também rejeita essa posição com o uso da ilocução “Sangue de Jesus tem poder! Meu Deus! Heresia!”. Isso também é representado no Espaço DDFic com a unidade “Separação entre Sexualidade e Sagrado”.

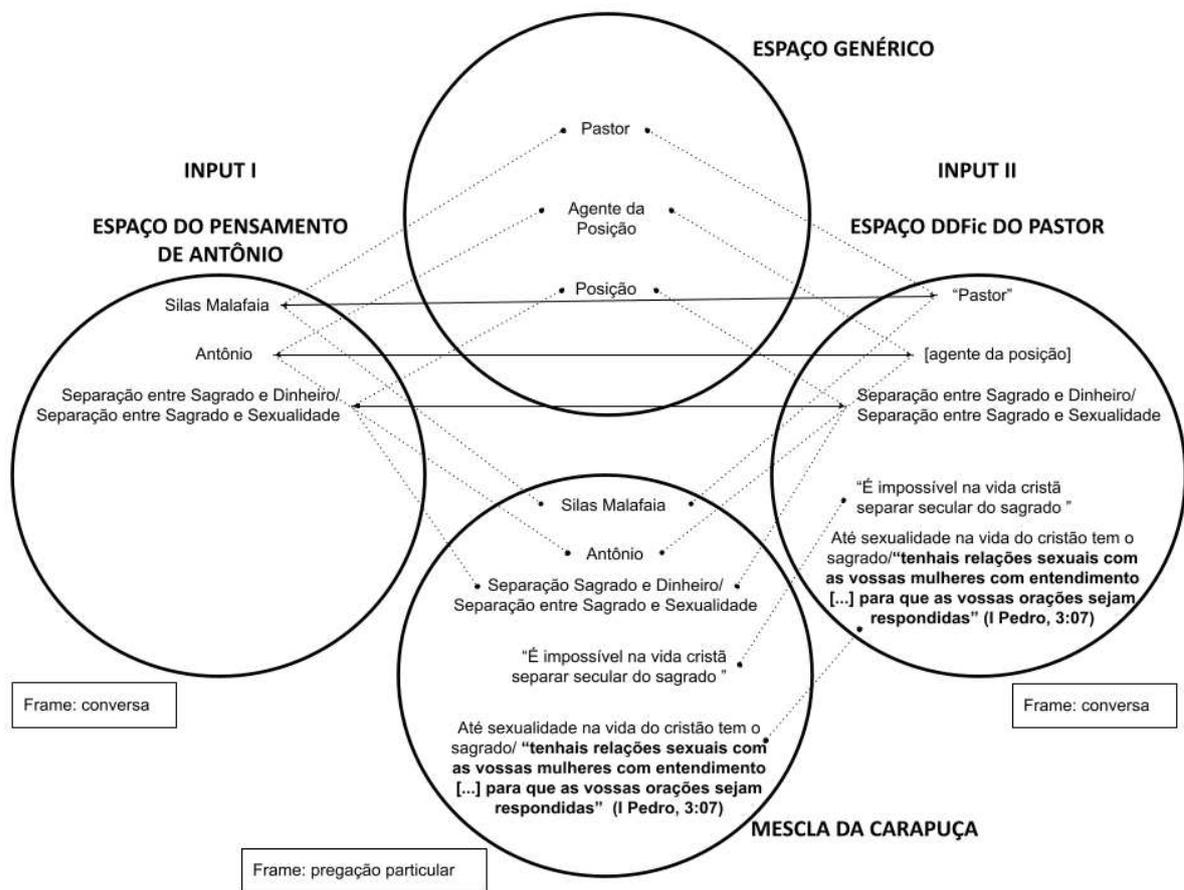
O elemento “Até sexualidade na vida do cristão tem o sagrado” (linhas 04 e 05) integra a Mescla, já que nesse momento Antônio está convencido de que a mensagem é dirigida particularmente a ele. Além disso, ele percebe que a posição “Separação entre Sexualidade e Sagrado”, que foi manifestada por ele próprio mentalmente, também foi expressada pelo

interlocutor fictivo no Espaço DDFic do Pastor. Isso aumenta a sensação de Antônio de que Malafaia continua tendo acesso às posições do seu próprio pensamento, reveladas por meio do interlocutor fictivo.

Na sequência da transcrição, ainda na linha 06, Silas Malafaia alerta: “Cê tá precisando ler a Bíblia”. O pronome “Cê”, de caráter informal, contribui para diminuir a distância formal ou a assimetria entre pregador e ouvinte. O destinatário “Cê” pode ser instanciado por alguém que faz parte da audiência geral do Espaço Base, pelo interlocutor do padre no Espaço DDFic e, mais especificamente, por Antônio no Espaço Mescla da Carapuça.

Em seguida, Malafaia diz que, em I Pedro, 3:07, consta: “Maridos, tenhais relações sexuais com as vossas mulheres com entendimento, dando à mulher a honra, para que as vossas orações sejam respondidas” (linhas 07 e 08). O pastor também usa a expressão “Tem oração que não passa do teto, hein, filho” (linhas 08 e 09). Ambas as menções tem o propósito de justificar a conexão entre ter relação sexual com entendimento e ter a oração respondida. Nas linhas 09 e 10 o pregador repete essa posição e o dito conteúdo desse versículo com paráfrases. O Diagrama 32 ilustra como Antônio conceptualiza essa sustentação:

Diagrama 32 - Antônio conceptualiza a sustentação da posição que envolve sexualidade e sagrado



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

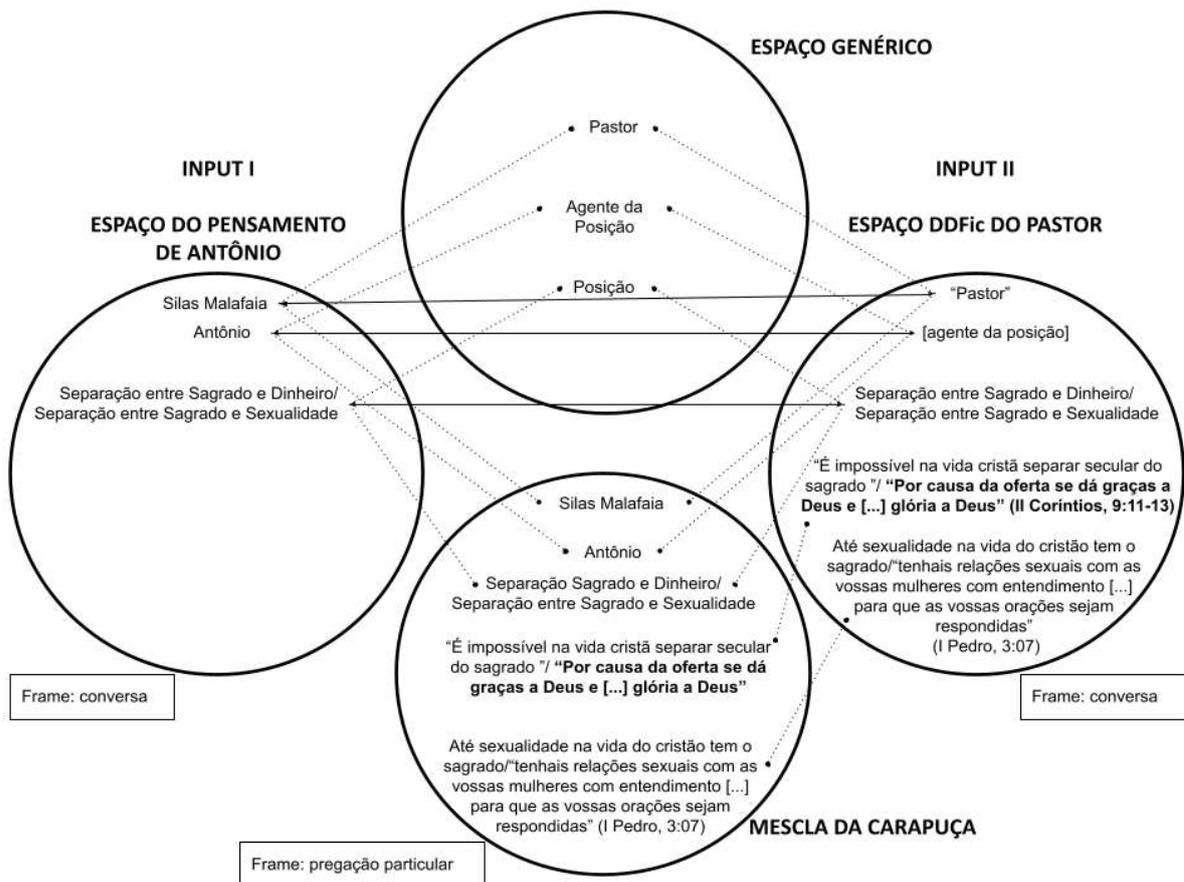
No Diagrama 32, observamos que essa sustentação de posição foi utilizada para tentar convencer o interlocutor fictivo do DDFic a abandonar sua posição de que existe separação entre sexualidade e sagrado. No Espaço Mescla, Antônio conceptualiza que ele é o interlocutor fictivo que Silas Malafaia busca representar. O ouvinte fictício acredita que essa sustentação é dirigida a ele particularmente. Por isso, representamos o elemento “tenhais relações sexuais com as vossas mulheres com entendimento [...] para que as vossas orações sejam respondidas” (I Pedro, 3:07) nesses dois espaços.

Na sequência do vídeo, Silas Malafaia volta a abordar a relação entre sagrado e dinheiro. Ele sustenta, também, que a oferta é tão espiritual quanto às ações de orar, evangelizar e pregar (linhas 11 e 12). O pastor afirma que, em II Coríntios, 9:11-13, está escrito que “por causa da oferta se dá graças a Deus e por causa da oferta se dá glória a Deus” (linhas 12 e 13). O líder religioso tenta reforçar sua justificativa com uma pergunta fictiva, do tipo comentário: “Tem

coisa mais espiritual do que dar graças a Deus e glória a Deus?” (linhas 13 e 14). Essa sustentação é direcionada aos ouvintes do Espaço Base e também ao interlocutor fictivo, como uma gradação entre o espaço mental e o retorno completo ao Espaço Base.

Demonstramos, no Diagrama 33, o acréscimo dessa justificativa no Espaço do DDFic do pastor e a conceptualização de Antônio considerando esse novo elemento:

Diagrama 33 - Antônio conceptualiza a sustentação que envolve a relação dinheiro e sagrado



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O suposto conteúdo dos versículos (II Coríntios, 9:11-13) compõe o espaço DDFic do pastor como uma resposta à posição do interlocutor fictivo de que existe separação entre sagrado e dinheiro, passando também a ser um elemento do Espaço Mescla da Carapuça, já que Antônio considera que o interlocutor fictivo é uma representação dele e que a mensagem é dirigida particularmente a ele.

A análise do Fragmento 01 da mensagem do pastor também confirma que a Mescla da Carapuça pode ser sintetizada na fórmula fictiva X GENÉRICO É X PARTICULAR. Esse trecho, em que Silas Malafaia defende a relação entre sagrado e dinheiro, sagrado e sexualidade, é dito para a audiência de forma geral, sem destiná-lo a um ouvinte específico. Todavia, Antônio “veste a carapuça” e conceptualiza que o interlocutor fictivo foi criado pelo líder religioso para revelar os debates internos do ouvinte fictício sobre as relações supracitadas. Também nesse caso, a pregação continua preenchendo a variável X nas duas partes da fórmula. Antônio, assim como o ouvinte fictício da análise das análises referentes à mensagem do padre, toma a pregação genérica como se fosse particularmente dirigida a ele.

Tendo em vista a conclusão da análise do processo de integração conceptual que Antônio experiencia, em seguida, analisamos os desdobramentos dos aspectos argumentativos que envolvem o Fragmento 01 da mensagem do pastor Silas Malafaia.

3.2.1.2 Desdobramentos acerca da estratégia argumentativa do pastor: Fragmento 01

Observaremos, a seguir, que, no trecho acima transcrito, Silas Malafaia percorre a sequência Posição-Disputa-Sustentação (PDS) pareada com enunciados que antecedem e sucedem a Interação Fictiva em discurso direto. Reproduzimos novamente a Tabela 01:

Tabela 01 - Sequência Adjacente Posição-Disputa-Sustentação (PDS)

Fase	Descrição
1	Posição do orador
2	Disputa por meio de Discurso Direto Fictivo
3	Sustentação refutando o argumento do interlocutor fictivo

Fonte: Elaborada pelo autor (2023).

Supomos que o pastor espera que o ouvinte experimente o processo da Mescla da

Carapuça em algum momento das três fases dessa sequência. Ele inicia a Fase 1 da sequência PDS expressando sua posição em discurso factivo, no Espaço Base, afirmando que “É impossível dividir a vida cristã entre secular e sagrado” (linha 01).

Já na Fase 2, Malafaia cria um interlocutor fictivo e introduz uma disputa por meio de Discurso Direto Fictivo quando diz “Pastor, dinheiro é secular. Finança é secular. Aleluia, glória a Deus, cantar hinos, pregar, orar, evangelizar é sagrado” (linhas 01 a 03). Essa fase tem grande relevância para que o efeito parabólico da referida mescla se efetive na mente dos ouvintes. Isso ocorre porque, ao mudar a coordenada espaço-temporal do Espaço Base para o Espaço Mental, Malafaia estabelece um domínio discursivo de uma pequena história na qual o interlocutor fictivo verbaliza sua posição de que não existe relação entre dinheiro e sagrado, sendo ele um interlocutor genérico estabelecido para que a audiência realize suas próprias instanciações particulares. Dessa forma, uma pessoa que reflete, em silêncio, acerca do que presencia pode ter a sensação de que sua posição foi revelada pelo pastor.

Logo após, em vez de concluir a sequência Posição-Disputa-Sustentação, inserindo elementos com força argumentativa para convencer o interlocutor do espaço mental e sua audiência no Espaço Base de que sua posição é a mais coerente, o que seria a Fase 3, Silas Malafaia, inicialmente, apenas parafraseia o que disse na Fase 1. Além de não justificar sua posição que relaciona secular ao sagrado, o líder religioso introduz outra relação que parecerá ainda menos aceitável. Nas linhas 03 e 04, ele prepara o ouvinte para o que vai falar como um aprofundamento da discussão: “Não fica arrepiado com o que eu vou falar, que eu vou aprofundar aqui”. O pastor complementa na sequência: “Segura. Fica frio”. Essas falas (linhas 03 e 04) são como um prefácio avaliativo que anuncia uma informação importante e não esperada pela plateia.

Em seguida, Malafaia afirma que “Até sexualidade na vida do cristão tem o sagrado” (linhas 04 e 05). O operador avaliativo “Até” corrobora a ideia de que ele próprio considera essa afirmação ainda mais difícil de ser justificada quando comparada à sua posição que há relação entre secular e dinheiro. A princípio, pode parecer que o pastor está se desvencilhando do assunto principal, mas a inclusão do tema sexualidade é o início da Fase 3 da sequência que resta incompleta. Além disso, com esse enunciado, ele inicia uma sequência PDS secundária, a qual tem como Fase 1 a posição de que existe relação entre sexualidade e sagrado.

Na Fase 2 da sequência secundária, Malafaia anima novamente a voz do interlocutor fictivo e usa uma IF em discurso direto para introduzir uma outra disputa: “Sangue de Jesus tem poder! Meu Deus! Heresia!” (linha 06). Ao mudar a coordenada espaço-temporal do Espaço Base para o Espaço Mental, o pastor estabelece, mais uma vez, um domínio discursivo

de uma pequena história na qual o interlocutor fictivo manifesta sua posição de que não existe relação entre sexualidade e sagrado, continuando a performar um interlocutor genérico estabelecido para que a audiência realize suas próprias instanciações particulares. Como já dissemos, um ouvinte pode prosseguir refletindo que sua posição foi revelada pelo pregador.

A seguir, o pastor completa essa sequência secundária com a Fase 3. Ele inicia essa terceira fase com a exortação “Cê tá precisando ler a Bíblia” e depois cita I Pedro, 3:07, dizendo que está escrito “Maridos, tenhais relações sexuais com as vossas mulheres com entendimento, dando à mulher a honra, para que as vossas orações sejam respondidas” (linhas 07 e 08). Observe que, se o pregador conseguir convencer Antônio de que sexualidade e sagrado têm relação, sendo esse tópico mais controverso, terá mais chances de provar como dinheiro relaciona-se com o sagrado.

Continuando a argumentação da Fase 3, da sequência PDS principal, a qual inclui a secundária, Silas Malafaia afirma que oferta é tão espiritual quanto às ações de orar, evangelizar e pregar (linhas 11 e 12). Ele cita II Coríntios, 9:11-13, mencionando estar dito que “por causa da oferta se dá graças a Deus e por causa da oferta se dá glória a Deus” (linhas 12 e 13). Ele complementa: “Tem coisa mais espiritual do que dar graças a Deus e glória a Deus?” (linhas 12 e 13). Assim, o pregador completa a última etapa da sequência principal Posição-Disputa-Sustentação.

A disputa criada na sequência PDS principal por meio de Interação Fictiva em discurso direto já produziria um possível desconforto no ouvinte por destacar uma posição contrária à afirmação da existência de relação entre secular e sagrado. Além disso, há o adiamento da justificativa para essa posição quando Malafaia apresenta a sequência secundária Posição-Disputa-Sustentação, a qual também apresenta disputa por meio de Discurso Direto Fictivo e contribui assumidamente para o ambiente de tensão, o que é corroborado pelas expressões usadas pelo pregador para introduzir a sequência secundária: “Não fica arrepiado com o que eu vou falar, que eu vou aprofundar aqui. Segura. Fica frio” (linhas 03 e 04).

Na análise desse excerto, também destacamos que a eficácia da Mescla da Carapuça está diretamente vinculada à relação entre genericidade e particularidade. A genericidade está presente nas três fases argumentativas, mas de formas diferentes. Em relação à sequência Posição-Disputa-Sustentação secundária, na Fase 1, o pastor, animando a própria voz, usa posições genéricas codificadas por enunciados declarativos e abrangentes para afirmar que existe relação entre secular e sagrado (sequência principal) e entre sexualidade e sagrado (sequência secundária).

Na Fase 2 de ambas as sequências, Malafaia personifica uma posição de disputa, performando a fala de um interlocutor fictivo, tanto na sequência principal (“Pastor, dinheiro é secular. Finança é secular. Aleluia, glória a Deus, cantar hinos, pregar, orar, evangelizar é sagrado”) quanto na sequência secundária (“Sangue de Jesus tem poder. Meu Deus! Heresia!”). Embora haja ainda alguma genericidade nessa segunda fase, ela é expressa de maneira diferente da primeira. Por meio do *Frame* de Conversa, a estratégia argumentativa recorre a uma atuação performática que transmite mais vivacidade em relação à posição da Fase 1. Como já dito, isso faz com que a genericidade ganhe um contorno mais particular e expressivo, já que há um personagem falando. A performance fictiva suscita grande poder argumentativo em função do fato de que o ouvinte pode estar se vendo representado no altar, em um processo de identificação quase que automático. O pastor se investe de uma outra persona, que não dispõe de autoridade religiosa, portanto, um sujeito comum, para colocar-se simetricamente alinhado ao ouvinte também comum que se sente retratado.

Na Fase 3, a genericidade é ainda mais particularizada, à medida que o pastor responde ao interlocutor fictivo e discorda dele na sequência principal, justificando que, em II Coríntios, capítulo 9, versículos 11-13, está escrito que “por causa da oferta se dá graças a Deus e por causa da oferta se dá glória a Deus”. Na sequência secundária, Malafaia justifica sua posição afirmando que, em I Pedro, 3:07, é possível ler a orientação de que maridos devem ter relações sexuais com suas mulheres com entendimento, dando à mulher a honra, para que as orações deles sejam respondidas. Ao passo que o pregador progride do genérico para o menos genérico, supomos que ele espera que o ouvinte também esteja conceptualizando essas partes da mensagem de forma mais particular.

Demonstramos, na análise desse fragmento, que Silas Malafaia, assim como fez o padre Fábio de Melo, cria um ouvinte fictivo com posição contrária à dele, além de outros elementos também não instanciados particularmente. Assim, o orador espera que os presentes instanciem os itens com seu próprio repertório e recebam a sustentação de forma particular, com maior engajamento atencional, emocional e espiritual.

Analisaremos, na sequência, um fragmento dessa pregação em que Silas Malafaia aborda uma questão que ele próprio julga fundamental: a existência de pessoas que nunca deram dízimo ou oferta e são ricas.

3.2.2 Excerto 04 - Fragmento 02 da mensagem do pastor Silas Malafaia

O momento exato desse fragmento do vídeo pode ser acessado por meio deste link: <https://abre.ai/fragmento-2-do-pastor>. Solicitamos que se assista a ele antes da leitura da transcrição. Há também a opção de acessar o fragmento, que vai de 42:55 a 46:16, apontando a câmera do celular ou do tablet para o *QR Code* abaixo:

Figura 10 - *QR Code* para acessar o Fragmento 02 da mensagem do pastor no vídeo



Fonte: Elaborada pelo autor (2023).

Transcrevemos a seguir o referido fragmento da mensagem do pastor Silas Malafaia:

- 01 O cristão não é reconhecido pelo que recebe. É pelo que dá. E dar... ((riso irônico))
 02 Ele quer receber sem isso. Então você tem que escolher uma outra religião, um
 03 outro credo, porque nesse aqui não funciona. E também não vai funcionar
 04 em nenhum lugar do mundo. Porque isso é uma lei de Deus. Pra receber
 05 tem que dar. Muda a tua semente para que no futuro mude a tua colheita.
 06 Agora sexto. Isso aqui é um ponto crucial. Que eu sei que tem interrogação na
 07 mente e no coração de gente que tá aqui, que tá me assistindo pela TV.
 08 É essa interrogação aqui. Ah, meu irmão aqui eu não deixo nada.
 09 Num vou deixar você com dúvida. Alguém diz assim, e tem gente aí na TV:
 10 **Pastor, o senhor não me leve a mal. Eu conheço muita gente rica que nunca deu**
 11 **oferta em lugar nenhum. Eu conheço gente dentro da igreja que não dá dízimo e**
 12 **oferta e é milionário. Me explica, pastor! “Ao” ar de suspense. Respira irmão.**
 13 Um irmão ali pra me ajudar deu um glória a Deus. Simpático. **Como é que pode,**
 14 **pastor? Gente milionária, gente bilionária e gente até “denda” igreja que nunca**

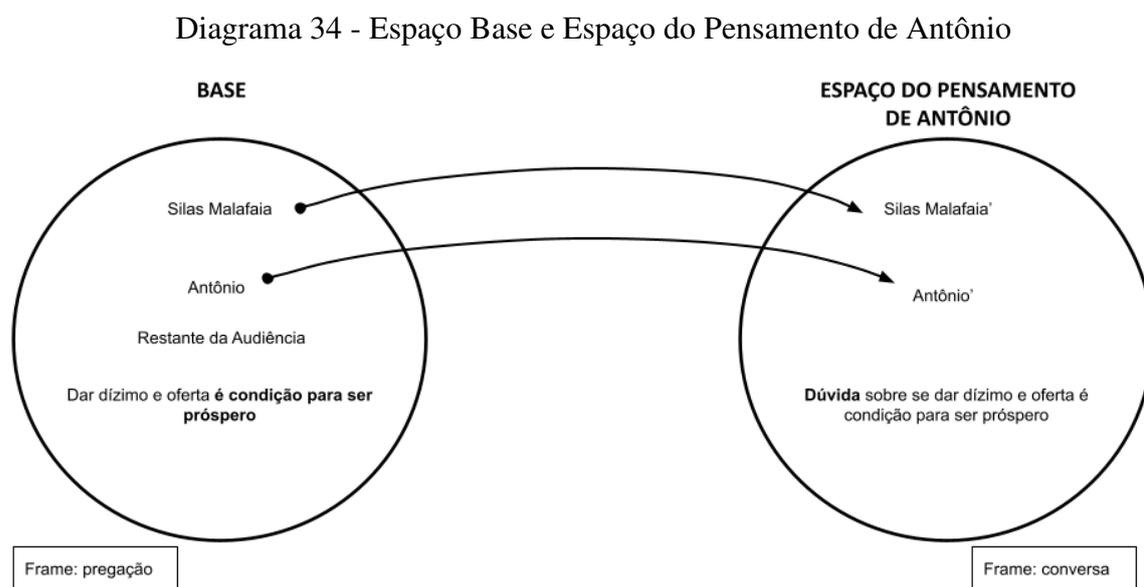
15 **deu dízimo e oferta e é rico?** Sabe qual é seu problema? É que você tá confundindo
16 riqueza com prosperidade. Esse é o seu problema. Então aprenda aqui.
17 Riqueza qualquer um pode ter: bandido, vagabundo, trampolineiro, gente que
18 blasfema de Deus. **Que isso, pastor?!** Pode. Vai ler o Salmo 115 versículo 16 meu
19 irmão. Os céus são céus do Senhor. A Terra ele deu aos filhos dos homens.
20 A Terra tá aí pra ser conquistada por qualquer pessoa. Então você tem que
21 aprender isso aqui. Aprenda. Existem pessoas que são ricas e apenas ricas, e
22 não prósperas. Existem pessoas ricas e que são prósperas. Existem pessoas que
23 são pobres e apenas pobres. E existem pessoas que não têm riqueza, mas
24 são prósperas. ((risada do pastor e salva de palmas)) Existem ricos que são
25 apenas ricos, mas não são prósperos. Existem ricos que são ricos e são
26 prósperos. Existem pobres que são apenas pobres. E mais nada. E existem
27 pessoas que não têm riquezas mas são prósperas. O que é prosperidade? Aqui é
28 que tá. Prosperidade não envolve só finanças. Prosperidade envolve paz
29 interior, alegria de viver. Prosperidade é você viver bem com aquilo que você tem
30 e que Deus permite você ter. Ó, você mora aqui. Tu ganha mil reais. Do teu
31 lado direito tem um cara que ganha quatro mil. Do teu lado esquerdo tem um
32 cara que ganha oito mil e você vive melhor do que ele. Por que você é próspero.
33 O cara vive encalacrado. Tá na mão de agiota, todo enrolado e você tá cantando,
34 dando glória a Deus e Aleluia ((salva de palmas)).

Um ouvinte fictício pode experimentar a Mescla da Carapuça durante esse momento da pregação, que foi transcrito, e sentir que o fato de ele ter dúvida sobre a relação entre prosperidade e oferta/dízimo foi revelado pelo pastor. Demonstraremos isso na sequência.

3.2.2.1 Processo cognitivo da Mescla da Carapuça: fragmento 02 da mensagem do pastor

O fragmento transcrito acima é de uma parte do sermão que o pastor nomeia de “considerações finais”. Nele, Silas Malafaia cria um cenário de disputa entre ele e um interlocutor fictivo e genérico para explicar por que razão alguns fiéis são ricos mesmo abdicando de contribuir com o dízimos e ofertas, prática considerada pelo pregador como uma

condição para a prosperidade. Isso fica evidente a partir da linha 01, quando o pastor afirma que o cristão é reconhecido pelo que dá e não pelo que recebe, e que há uma lei divina que rege a necessidade de dar para receber. O Diagrama 34 ilustra o que se passa, nesse momento, na mente de Antônio, ouvinte fictício que assiste a mensagem pela TV:



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Lembramos que representamos o Espaço Base como uma fusão das coordenadas espaço-temporais que envolve o momento em que a pregação foi gravada no evento e quando Antônio assiste a ela no programa de televisão. Veremos que tanto Silas Malafaia quanto Antônio agem como se pudessem manifestar suas posições um para o outro de forma síncrona. Em sua pregação (*frame*), no dia do culto (Espaço Base), Silas Malafaia deixa claro para a audiência que dar dízimos e ofertas é condição para ter “Uma vida de prosperidade”, título da mensagem. Antônio, apenas no Espaço do Pensamento de Antônio, como se a situação comunicativa fosse uma conversa (*frame*), manifesta sua posição contrária à do pastor, justificando com o que ele acredita ser uma comprovação empírica: Antônio conhece pessoas religiosas, e não religiosas, que são abastadas financeiramente e que nunca foram ofertantes ou dízimistas. Essa posição está representada com o elemento “Dúvida sobre se dar dízimo e oferta é condição para ser próspero” (Espaço do Pensamento de Antônio).

Em seguida, nas linhas 06 a 09, ao dizer “eu sei que tem interrogação na mente e no coração de gente que tá aqui, que tá me assistindo pela TV”, Malafaia evoca um domínio epistêmico de discurso que favorece a emergência sequencial da Interação Fictiva em discurso direto. Domínio epistêmico porque ele lança mão, na linha 06, do verbo “sei”, cuja factividade faz pressupor a verdade da existência de ouvintes duvidosos da existência de uma relação direta entre ser ofertante e dizimista fiel e ter prosperidade.

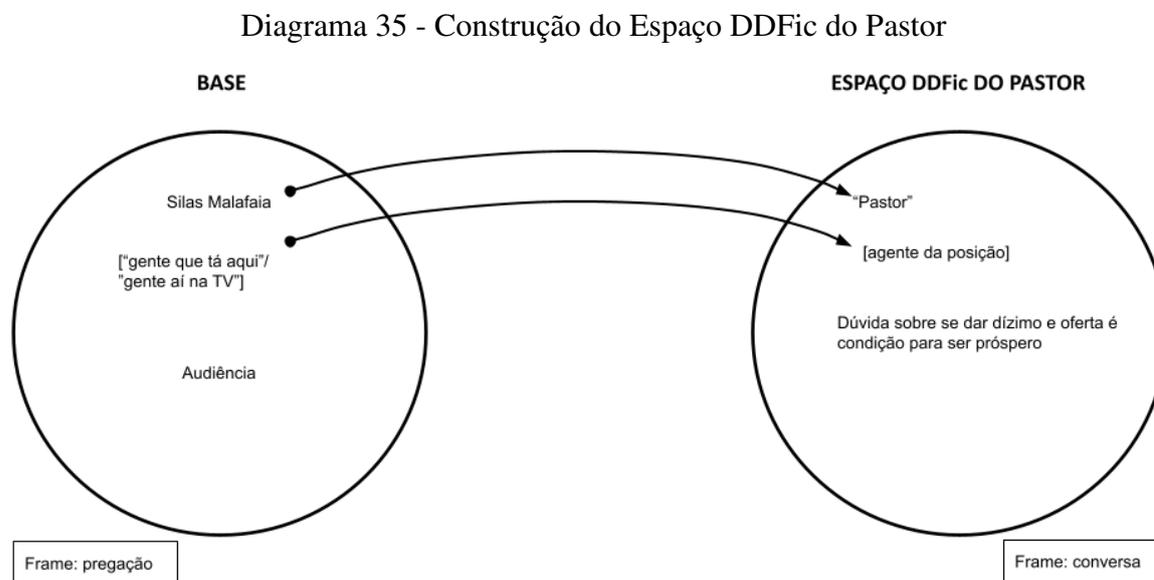
Malafaia complementa o verbo “sei” com a expressão “tem interrogação na mente e no coração de gente que tá aqui, que tá me assistindo pela TV”. Estar com “interrogação na mente e no coração” já aciona fictivamente o *Frame* de Conversa, visto que a interrogação (“?”), como metalinguagem, é usada para enquadrar a conceptualização da dúvida por parte dos ouvintes. Metonimicamente, a “?” contribui para que o pastor estruture o pensamento/sentimento do ouvinte como linguagem, como se o pensamento/sentimento dele fosse metaforicamente fala (Rocha, 2018).

Assim, o pastor cria condições linguístico-cognitivas favoráveis à abertura de um espaço mental para a IF em forma de Discurso Direto Fictivo. Na linha 09, essa abertura é promovida pela expressão “alguém diz assim e tem gente aí na TV” (dita olhando para câmera), na qual “alguém” e “tem gente aí na TV” remetem genérica mas objetivamente a um (tele)espetador indefinido, e o verbo “diz” não necessariamente se refere a um evento de fala, mas pode remontar a um pensar/sentir por parte da audiência presencial ou remota. A genericidade acompanha o enquadre do pensamento/sentimento como interrogação. Por tudo isso, o domínio epistêmico precede a fictividade do Discurso Direto Fictivo (cf. Rocha e Arantes, 2016).

Na sequência, o pastor altera o *footing*: “Pastor, o senhor não me leve a mal. Eu conheço muita gente rica que nunca deu oferta em lugar nenhum. Eu conheço gente dentro da igreja que não dá dízimo e oferta e é milionário. Me explica, pastor!” (linhas 10 a 12). Esse grupo sequencial de enunciados é proferido com um volume de voz cada vez mais intenso. O final, “Me explica, pastor!”, é dito aos gritos. O alocutivo desse trecho é “Pastor”, termo presente tanto na linha 10 quanto na linha 12. De maneira intersubjetiva, Malafaia conversa com ele mesmo no Espaço Base. Entretanto, o pregador já havia anunciado que a coordenada espacotemporal dessa interrogação é a mente e o coração não somente de algumas pessoas que estavam presentes no culto, mas também de telespectadores.

O líder religioso é o animador principal no Espaço Base, mas há um animador encaixado, autor dessas dúvidas, e responsável por elas, evidenciado nas expressões “gente que tá aqui, que tá me assistindo pela TV” (linha 07) e “Alguém diz assim, e tem gente aí na TV” (linha 09). A mudança de *footing* com a intensificação da voz até chegar aos gritos, os elementos da

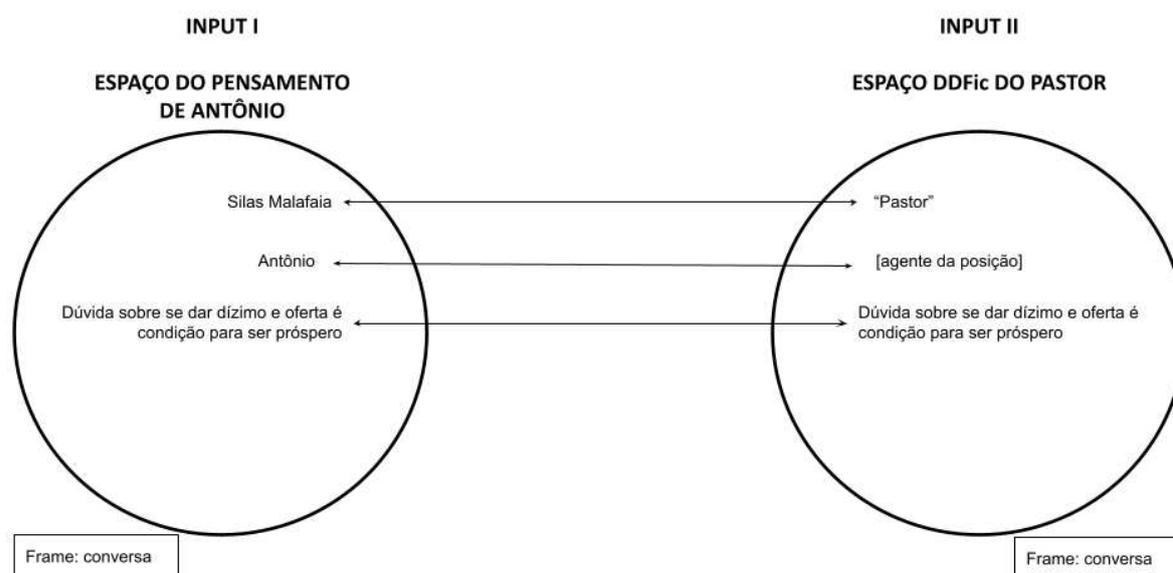
estrutura de participação e o discurso intersubjetivo demonstram que estamos diante de um caso de Discurso Direto Fictivo. Nesse trecho das linhas 10 a 12, Malafaia deixa de ser autor e responsável para animar a voz de um interlocutor fictivo. O Diagrama 35 ilustra a construção do Espaço DDFic do Pastor:



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Por meio do Diagrama 35, visualizamos que, enquanto Malafaia prega (*frame* pregação) para sua audiência no Espaço Base, ele introduz o Espaço DDFic, no qual pelo Princípio do Acesso observamos que ele próprio é o referente do alocutivo “Pastor”, a quem é feita aos gritos a exigência de uma explicação, como se a situação comunicativa fosse uma conversa (*frame*). Apesar de termos uma possível delimitação de instanciação com as expressões “gente que tá aqui” e “gente aí na TV” (Espaço Base), não está instanciado de forma particular o interlocutor fictivo que ocupa a posição de duvidar que dar dízimos e ofertas é condição para ser próspero, pelo fato de conhecer casos, inclusive dentro da igreja, de gente até milionária que nunca foi dizimista ou ofertante. Ilustramos esse interlocutor fictivo por meio do elemento [agente da posição]. O Diagrama 36 demonstra o processo referente ao Princípio da Projeção:

Diagrama 36 - Projeção entre elementos do Espaço do Pensamento de Antônio e do Espaço DDFic do Pastor

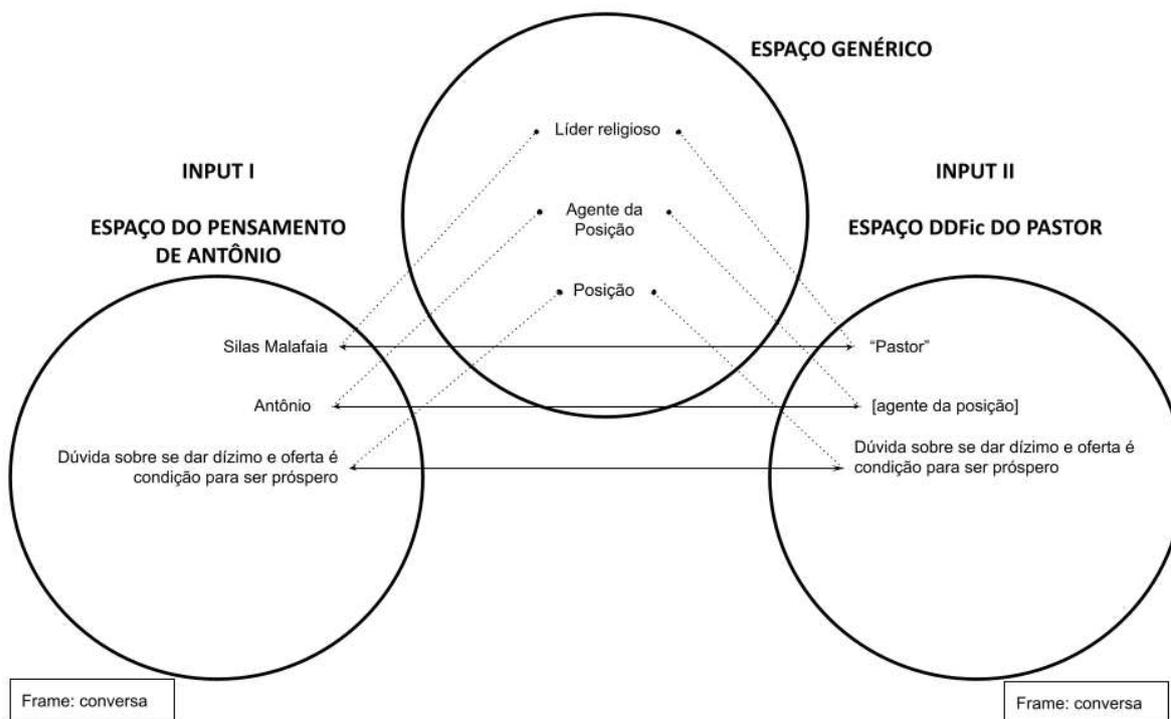


Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Observamos, no Diagrama 36, que os espaços Pensamento de Antônio e DDFic do Pastor constituem-se em duas entradas, respectivamente *Input I* e *Input II*. Por terem características semelhantes, pelo Princípio da Projeção, os elementos Silas Malafaia (*Input I*) e “Pastor” (*Input 2*) podem ser projetados um no outro, assim como Antônio (*Input I*) e o [agente da posição] (*Input 2*). O mesmo ocorre com a posição de duvidar da relação entre ser ofertante e dizimista e ser próspero, presente nas duas entradas.

Já o Diagrama 37 ilustra a emergência do Espaço Genérico:

Diagrama 37 - Emergência do Espaço Genérico

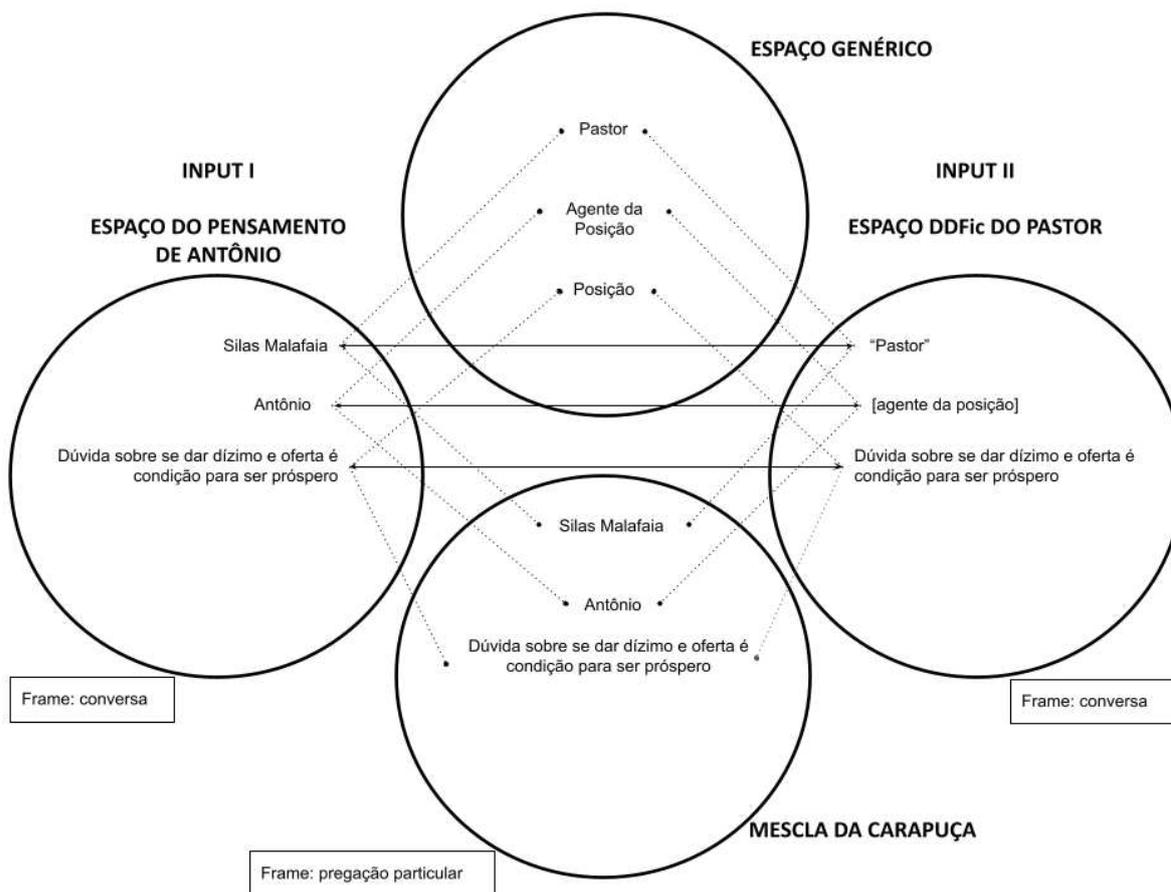


Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O Diagrama 37 demonstra o Espaço Genérico que emerge com as categorias comuns aos dois *inputs*: categoria Líder Religioso, relativa a Silas Malafaia (*Input I*) e Pastor” (*Input 2*); categoria Agente da posição, que surge a partir dos elementos Antônio (*Input I*) e [agente da posição] (*Input 2*); e por fim, categoria Posição, tendo em vista a posição de dúvida sobre a condição imposta para que uma pessoa seja próspera, presente nos dois *inputs*.

No Diagrama 38, ilustramos a construção do Espaço Mescla da Carapuça:

Diagrama 38 - Construção do Espaço Mescla da Carapuça



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Destacamos a conceptualização de Antônio ilustrada no Diagrama 38. Ele percebe que o Espaço DDFic criado pelo pastor possui categorias e elementos que têm correspondência com o que havia manifestado apenas no Espaço do seu Pensamento. A posição de dúvida tem origem nos dois *inputs*. A categoria “Pastor” também, haja vista que Antônio instancia o referente de “Pastor” (*Input II*) com o elemento Silas Malafaia (*Input I*), assim como o agente da posição, que é instanciado com o próprio Antônio. Nesse processo de mesclagem, Antônio conta para si que Silas Malafaia criou o Discurso Direto Fictivo baseado no acesso que teve, de alguma forma, à posição contrária que manifestou para o pastor apenas em pensamento (sendo Antônio um telespectador, é possível que ele estabeleça verbalmente uma conversa fictiva com o líder religioso), refutando a ideia de que ser dizimista e ofertante é condição para ter prosperidade. Antônio tem a sensação de que o pregador dirige-se especificamente a ele, em uma espécie de pregação particular (estrutura emergente).

Na sequência do vídeo, depois de gritar “Me explica, pastor” (linha 12), Silas Malafaia

promove outra mudança de *footing* para se alinhar novamente à coordenada espaço-temporal do Espaço Base. Ele faz uma pequena pausa e dá uma risada contida nasalizada com a boca fechada. Em seguida, com uma voz branda e desacelerada, descreve o clima situacional: “ ‘Ao’ ar de suspense. Respira, irmão. Um irmão ali pra me ajudar deu um glória a Deus. Simpático” (linhas 12 e 13). Nessa sequência de enunciados, o pastor deixa de animar a voz do interlocutor fictivo e volta a ser autor e responsável. Também deixa de ser ouvinte para voltar a ser falante.

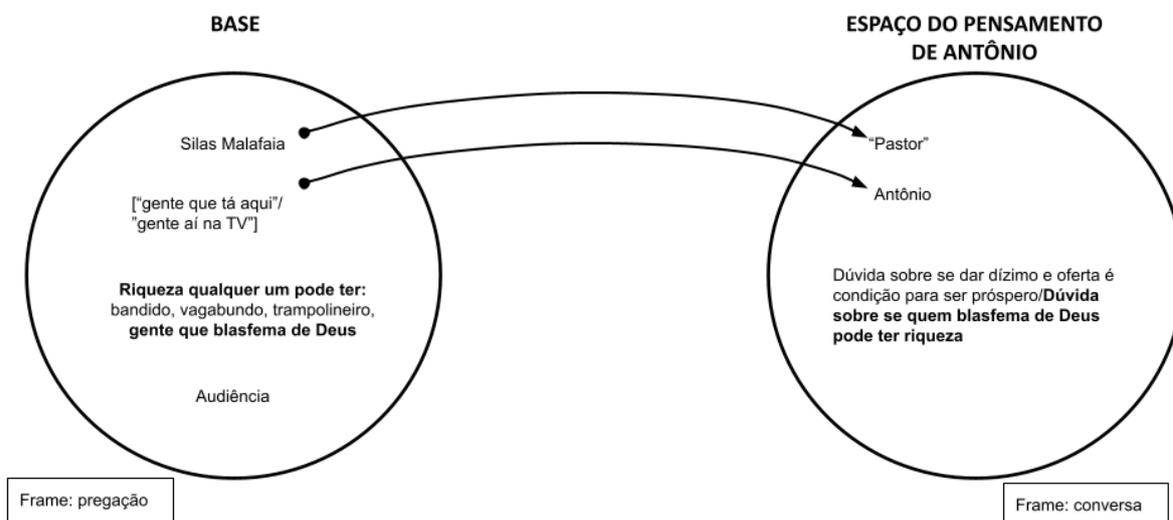
Ainda na linha 13, Malafaia faz a terceira mudança de *footing* do excerto ao parafrasear a interrogação que, segundo ele, está no coração e na mente de alguns dos presentes e de gente que o assiste pela TV: “Como é que pode, pastor? Gente milionária, gente bilionária e gente até ‘denda’ igreja que nunca deu dízimo e oferta e é rico?” (linhas 13 a 15). A pergunta “Como é que pode, pastor?” é iniciada em um timbre vocal menos grave em relação ao que o pregador estava adotando segundos antes. Enquanto faz a contração “denda” (dentro + a), Silas Malafaia balança a cabeça rápida e repetidamente. Além disso, o alocutivo “pastor”, o discurso intersubjetivo, o formato de produção e a estrutura de participação são os mesmos da do DDFic das linhas 10 a 12, mostrando que voltamos ao cenário do Discurso Direto Fictivo. Por meio dessa paráfrase, é intensificada a percepção de Antônio de que Silas Malafaia teve acesso à posição que ele manifestou apenas em seu pensamento.

Na sequência, Malafaia promove a quarta mudança de *footing*. Inicia a resposta para esse questionamento com a pergunta fictiva “Sabe qual é o seu problema? (linha 15)”. Assumimos ser uma pergunta fictiva porque supomos que o pastor não espera que cada pessoa que está experimentando a Mescla da Carapuça responda verbalmente qual é o problema dela. O pregador mesmo responde: “É que você tá confundindo riqueza com prosperidade. Esse é o seu problema. Então aprenda aqui. Riqueza qualquer um pode ter: bandido, vagabundo, trampolineiro, gente que blasfema de Deus” (linhas 15 a 18). Nesse trecho, o líder religioso, que antes animava o pensamento/sentimento do interlocutor fictivo que exige o retorno para suas dúvidas, passa a animar sua própria voz, sendo o autor das linhas mencionadas logo acima e também responsável por elas, já que constituem o início de argumentação que vai de encontro ao argumento contrário levantado pelo interlocutor fictivo.

Nesse momento (linhas 15 a 18), a coordenada espaço-temporal está alinhada tanto com o Espaço Base quanto com o Espaço DDFic do Pastor, à medida que Malafaia se dirige à plateia e ao interlocutor fictivo. O pronome dêitico “você” é impreciso. Além de ele poder ter como referente o interlocutor fictivo que tem as dúvidas apontadas, pode ser preenchido com os ouvintes reais que possuem os mesmos questionamentos que surgem no Espaço do Discurso Direto Fictivo construído pelo pastor.

O Diagrama 39 demonstra que Antônio não concorda totalmente com essa afirmação das linhas acima mencionadas:

Diagrama 39 - Acréscimo na posição de Antônio: dúvida sobre se quem blasfema de Deus pode ter riqueza



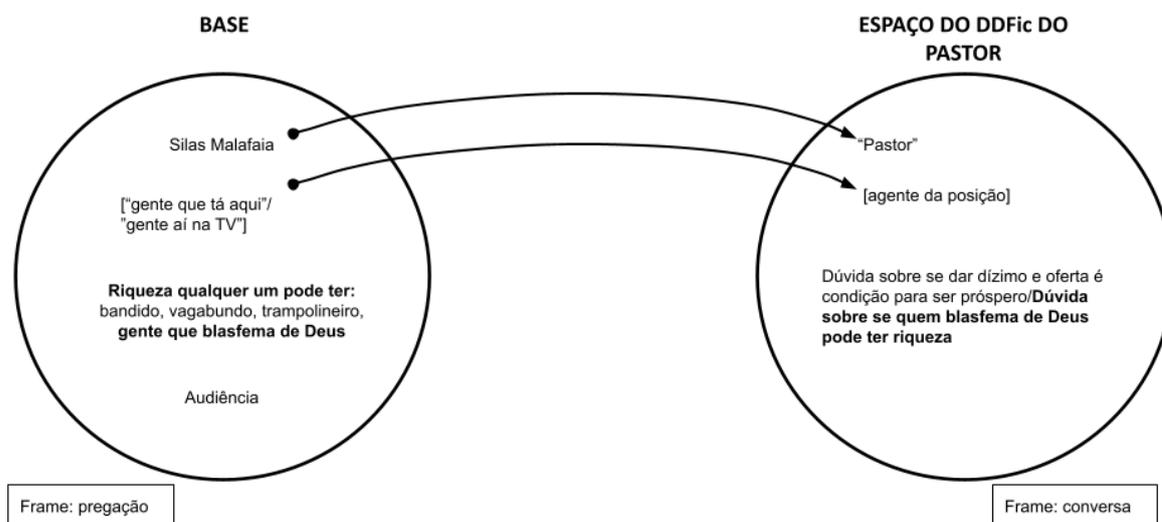
Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Como ilustrado no Diagrama 39, no Espaço Base, o líder religioso diz: “Riqueza qualquer um pode ter: bandido, vagabundo, trampolineiro, gente que blasfema de Deus”. Antônio concorda que bandidos, vagabundos e trampolineiros podem alcançar riqueza. Contudo, ele duvida de que isso possa acontecer com uma pessoa que blasfema de Deus. Como se a pregação fosse uma conversa, ele manifesta esse acréscimo à sua posição para Malafaia, como está registrado no Espaço do Pensamento de Antônio (“Dúvida sobre se quem blasfema de Deus pode ter riqueza”).

No nosso exemplo, no mesmo momento dessa manifestação de Antônio, Silas Malafaia promove a quinta mudança de *footing*. Depois de afirmar que quem blasfema de Deus pode ter riqueza, ele usa a expressão “Que isso, pastor?!” (linha 18), quando surge novamente o discurso fictivo intersubjetivo evidenciado principalmente pelo alocutivo pastor. A desconfiança, introduzida por esse novo enunciado, que é lançada sobre a possibilidade de um blasfemador ser rico, ocupa uma posição contrária ao que o pregador acabou de dizer, mostrando que Malafaia não é responsável por ela. Atribuímos a responsabilidade e a autoria dessa expressão

ao interlocutor fictivo questionador que representa a postura de algumas pessoas no evento e na TV, conforme Diagrama 40:

Diagrama 40 - Acréscimo na posição do interlocutor fictivo: dúvida sobre se quem blasfema de Deus pode ter riqueza

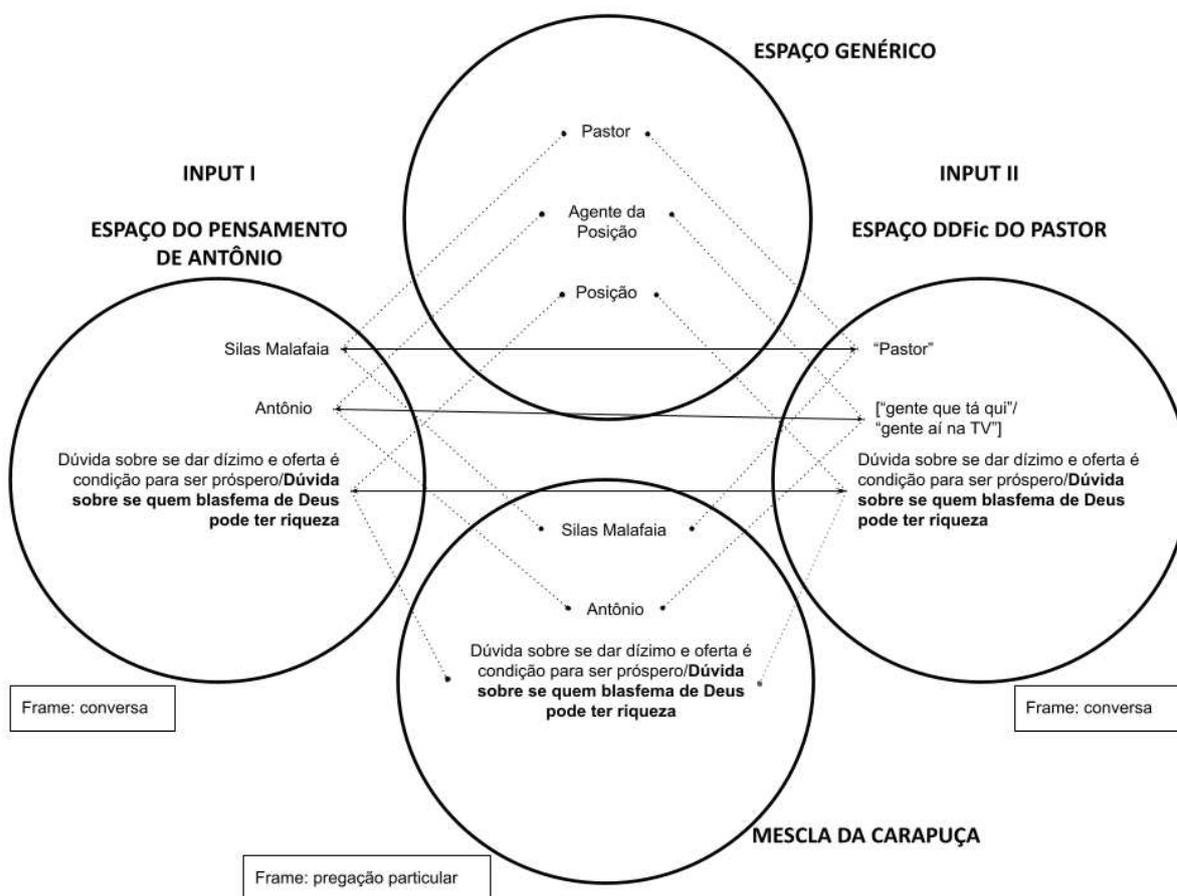


Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Destacamos que, depois de Silas Malafaia afirmar que quem blasfema de Deus pode ter riqueza, o próprio pregador usa a expressão “Que isso, pastor?!” (linha 18), animando a voz do interlocutor fictivo que tem dúvida acerca da possibilidade apresentada nessa assertiva, a qual foi ilustrada no Diagrama 40, no Espaço do DDFic do Pastor, por meio do elemento “Dúvida sobre se quem blasfema de Deus pode ter riqueza”.

Antônio conceptualiza essa resposta do pastor da seguinte forma (Diagrama 41):

Diagrama 41 - Conceptualização de Antônio considerando sua refutação e a do interlocutor fictivo sobre a possibilidade de blasfemadores poderem ter riqueza



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O Diagrama 41 ilustra que o elemento “Dúvida sobre se quem blasfema de Deus pode ter riqueza” passou a integrar a Mescla da Carapuça. Antônio mais uma vez tem a sensação de que o pastor acessa o que ele manifesta em pensamento. E, nesse caso, até mesmo concomitantemente, ou seja, enquanto essa manifestação contrária sobre blasfemador poder ter riqueza era elaborada, Silas Malafaia a revela por meio do interlocutor fictivo. Intensifica-se ainda mais a percepção do ouvinte fictício de que a pregação é dirigida especificamente a ele.

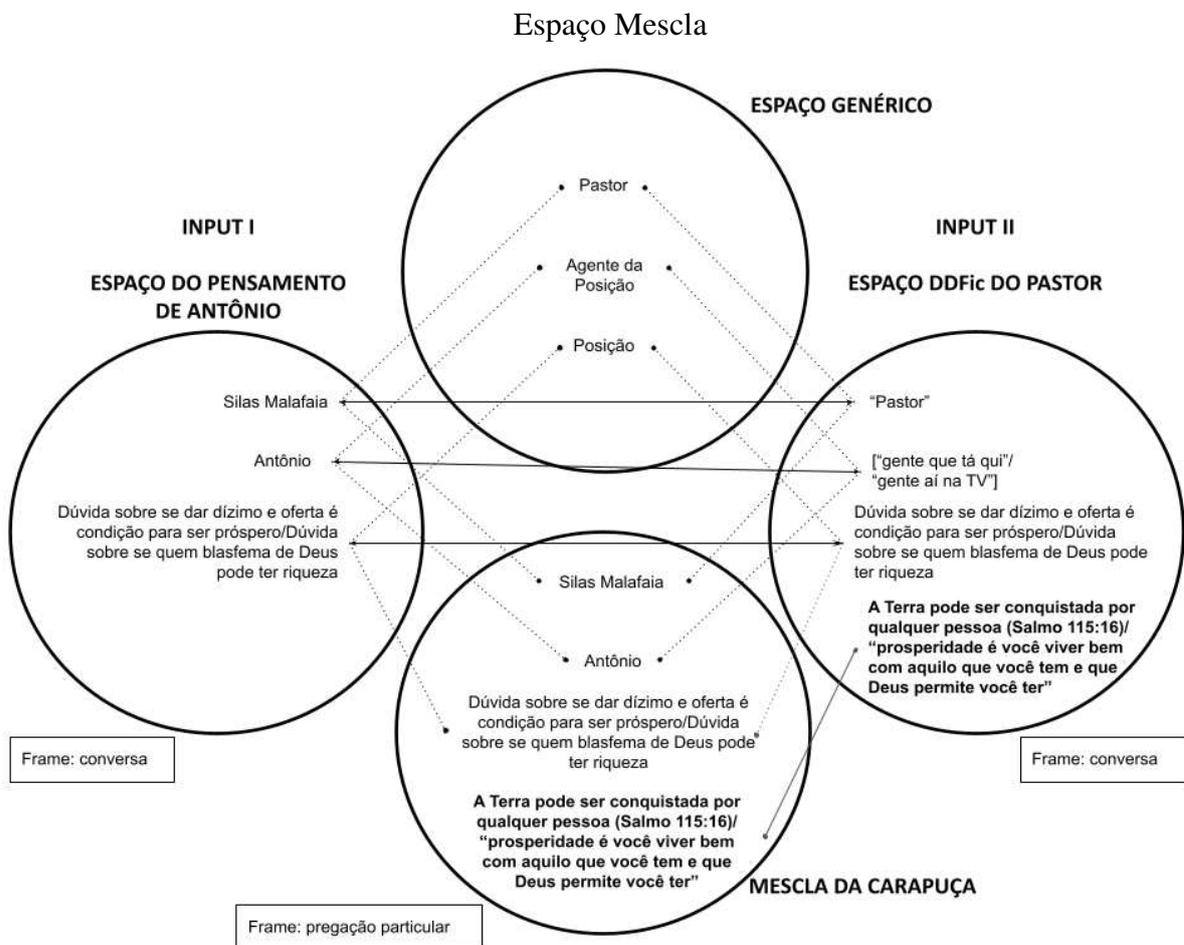
Na sequência do vídeo, percebemos a sexta mudança de *footing* desse excerto. Malafaia retorna ao alinhamento no qual afirmou que uma pessoa que blasfema de Deus pode ter riqueza. Em relação ao questionamento representado por “Que isso, pastor?” (linha 18), ele confirma: “Pode” (linha 18). Completa dizendo que em Salmos 115:16 está escrito que “A Terra ele deu aos filhos dos homens” (linha 19). Assim, o pregador tenta justificar que, por isso, “riqueza qualquer um pode ter”. Essa resposta é direcionada tanto ao interlocutor fictivo quanto à plateia,

fazendo valer a mescla do Espaço Base com o Espaço do DDFic do Pastor.

Na sequência da transcrição, depois de um longo trecho tentando demonstrar que não existe relação entre ser rico e ser próspero (linhas 20 a 26), Silas Malafaia usa mais uma pergunta fictiva, parecendo não almejar uma resposta verbal da plateia: “O que é prosperidade?”. Segundo o líder religioso, “prosperidade é você viver bem com aquilo que você tem e que Deus permite você ter” (linha 29 e 30). O fragmento termina com o exemplo de uma pessoa que ganha mil reais e, por ser próspera, vive melhor que os vizinhos sem prosperidade que ganham quatro mil reais e oito mil reais.

O Diagrama 42 ilustra o efeito do acréscimo desses elementos ao processo de mesclagem conceptual:

Diagrama 42 - Sustentação do pastor quanto a blasfemador poder ter riqueza, diferenciação do pregador entre riqueza e prosperidade e conceptualização de Antônio no



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Observamos, por meio do Diagrama 42, que a justificativa para a afirmação de que blasfemadores podem alcançar riqueza está representada no DDFic pelo elemento “A Terra pode ser conquistada por qualquer pessoa”. A diferenciação feita pelo pastor acerca de riqueza e prosperidade está ilustrada nesse mesmo espaço com a representação do enunciado “prosperidade é viver bem com aquilo que você tem e que Deus permite você ter”. Esses dois itens também compõem o Espaço Mescla da Carapuça. Antônio conceptualiza que essa justificativa e essa proposta de diferenciação são particularmente dirigidas a ele, que havia manifestado posições contrárias à de Silas Malafaia.

A análise do Fragmento 02 da mensagem do pastor também confirma que a Mescla da Carapuça pode ser sintetizada na fórmula fictiva X GENÉRICO É X PARTICULAR. Este excerto em que Silas Malafaia afirma que dar dízimos e ofertas é condição para prosperidade e que até gente que blasfema de Deus pode ter riqueza não é direcionado a um ouvinte específico. É genérico. Entretanto, Antônio “veste a carapuça” e crê no fato de que o interlocutor fictivo foi criado por Malafaia para expor a posição contrária do ouvinte fictício sobre essas afirmações. Mais uma vez, a pregação continua preenchendo a variável X nas duas partes da fórmula. Antônio, continua tomando a pregação genérica como se fosse endereçada particularmente a ele.

A seguir, apresentamos os desdobramentos da estratégia argumentativa usada pelo pastor.

3.2.2.2 Desdobramentos acerca da estratégia argumentativa do pastor: fragmento 02

No trecho acima transcrito, Silas Malafaia percorre a sequência Posição-Disputa-Sustentação (PDS) pareada com enunciados que antecedem e sucedem as ocorrências de Interação Fictiva em discurso direto. Reproduzimos, novamente, a Tabela 01:

Tabela 01 - Sequência Adjacente Posição-Disputa-Sustentação (PDS)

Fase	Descrição
1	Posição do orador
2	Disputa por meio de Discurso Direto Fictivo
3	Sustentação refutando o argumento do interlocutor fictivo

Fonte: Elaborada pelo autor (2023).

Supomos que o pastor espera que o ouvinte experimente o processo da Mescla da Carapuça em algum momento das três fases dessa sequência. Ele inicia a Fase 1 da sequência principal Posição-Disputa-Sustentação expressando sua posição, no Espaço Base, segundo a qual “Pra receber o que cristão tem que dar” (linhas 04 e 05).

Na Fase 2, por meio de Discurso Direto Fictivo, o pastor cria um interlocutor fictivo quando instaura a disputa que ele crê estar na mente e no coração de pessoas presentes no culto e também que assistirão a mensagem pela TV. Com o argumento que parece contrário à sua própria posição, ele destaca casos de ricos, inclusive na igreja, que nunca deram oferta ou dízimo: “Pastor, o senhor não me leve a mal. Eu conheço muita gente rica que nunca deu oferta em lugar nenhum. Eu conheço gente dentro da igreja que não dá dízimo e oferta e é milionário. Me explica, pastor!” (linhas 10 a 12).

Assim como no fragmento 01 da mensagem de Silas Malafaia, a justificativa que corresponde à Fase 3 da sequência Posição-Disputa-Sustentação não é dada imediatamente e nem de forma concisa. O líder religioso começa a descrever o que o fiel pode estar sentindo e confirma metalinguisticamente o tensionamento que já apontamos fazer parte da estratégia do pastor nessa pregação. Na linha 12, ele usa a expressão “ar de suspense” e aconselha a plateia dizendo “Respira, irmão”, o que demonstra a aflição que o pregador espera que essa disputa cause nos ouvintes. Além disso, o “glória a Deus” verbalizado por um dos presentes é interpretado pelo líder religioso como uma tentativa de ajudá-lo diante da situação delicada em que propositalmente Malafaia mesmo se colocou: “Um irmão ali pra me ajudar deu um glória a Deus. Simpático” (linha 13).

Ressaltamos, ainda, que a estratégia de aproximação de se colocar no lugar fictivo de um ouvinte comum para mudar as concepções acerca de riqueza e prosperidade da audiência como um todo é ainda endossada pelo modo como Malafaia se dirige ao interlocutor, usando o alocutivo “irmão” (linhas 08 e 12). Com a oitiva, percebe-se que o termo “irmão”, a princípio semanticamente vinculado ao sentido de irmão de crença, parece soar mais do que isso: como algo de uso cotidiano, próximo de gírias como “camarada”, “parceiro” ou “*brother*”, o que diminuiria a assimetria entre autoridade religiosa e fiel.

Em vez de proceder à Fase 3 e procurar desfazer rapidamente a interrogação lançada, Silas Malafaia faz uma paráfrase para repetir o questionamento: “Como é que pode, pastor? Gente milionária, gente bilionária e gente até ‘denda’ igreja que nunca deu dízimo e oferta e é rico” (linhas 13 a 15). Essa atitude contribui para a intensificar a tensão.

Essa fase tem grande relevância para que o efeito parabólico da mesclagem conceptual se efetive na mente dos ouvintes. Isso ocorre porque, ao mudar a coordenada espaço-temporal do Espaço Base para o Espaço Mental, Malafaia estabelece um domínio discursivo de uma pequena história na qual o interlocutor fictivo verbaliza sua dúvida sobre se dar dízimo e oferta é condição para ser próspero, haja vista a constatação de gente rica, até dentro da igreja, que não é ofertante e nem dizimista. Esse interlocutor genérico é estabelecido para que a audiência realize suas próprias instanciações particulares. Dessa forma, uma pessoa que reflete, em silêncio, acerca do que presencia pode ter a sensação de que sua posição foi revelada pelo pregador.

Somente depois dessa paráfrase, o pastor inicia a Fase 3, sustentando que riqueza é diferente de prosperidade. Essa sustentação é realizada tanto para a audiência em geral quanto para o interlocutor fictivo, como se as coordenadas espaço-temporais do Espaço Base e do Espaço do DDFic do pastor estivessem mescladas. Durante essa argumentação, Silas Malafaia inicia a Fase 1 da sequência secundária Posição-Disputa-Sustentação ao assumir a posição de que até quem blasfema de Deus pode ter riqueza. Em seguida, na Fase 2 da sequência secundária, ele introduz outra disputa a partir da pergunta em Discurso Direto Fictivo “Que isso, pastor?” (linha 18), como se exteriorizasse o sentimento do ouvinte em relação a essa posição subsidiária.

Essa dúvida introduzida gera ainda mais tensão. Não apenas pelo fato de ser da natureza da disputa manifestar uma espécie de rejeição à posição do orador, mas também porque, mais uma vez, a conclusão da sequência principal foi adiada, fazendo com que o ouvinte tenha que aguardar por mais tempo para entender a posição principal de que para receber tem que dar, principalmente por haver concordância do pregador com a existência de ricos que nunca foram

ofertantes ou dizimistas. Malafaia conclui a Fase 3 da sequência secundária ao citar Salmos 115:16. Ele diz que nesse versículo está escrito que a Terra ele (o Senhor) deu aos filhos dos homens e, por isso, pode ser conquistada por qualquer pessoa, incluindo os blasfemadores.

Na sequência, o pastor continua tentando explicar que existem abastados financeiramente que não dão dízimo e oferta pelo fato de riqueza não ter uma relação direta com prosperidade. Cita exemplos de ricos sem prosperidade, ricos prósperos, pobres sem prosperidade e indivíduos prósperos que não têm riqueza (linhas 21 a 24). Após uma risada do pastor e uma salva de palmas da plateia, Silas Malafaia ainda não diz por completo o que é prosperidade. Prefere fazer paráfrases desses exemplos acima mencionados em vez de colocar fim à tensão. Apenas depois disso, ele pergunta fictivamente: “O que é prosperidade?”. E conceitua o termo, mostrando que, no seu ponto de vista, a definição de prosperidade envolve paz interior, citando o exemplo de uma pessoa que tem remuneração muito inferior aos vizinhos que não são prósperos e, ainda sim, é próspera.

Destacamos, também na análise desse fragmento, que a eficácia da Mescla da Carapuça está diretamente vinculada à relação entre genericidade e particularidade. A genericidade está presente nas três fases argumentativas de formas diferentes, como já tratado anteriormente e reforçado nesse caso. Em relação à sequência Posição-Disputa-Sustentação, na Fase 1, o pastor, animando a própria voz, usa posições genéricas codificadas por enunciados declarativos e abrangentes ao afirmar que para receber tem que dar (sequência principal) e que blasfemadores podem ter riqueza (sequência secundária).

Na Fase 2 de ambas as sequências (principal e secundária), Malafaia personifica uma posição de disputa, performando a fala de um interlocutor fictivo, tanto na secundária (“Que isso, pastor?!”) quanto na sequência principal (“Pastor, o senhor não me leve a mal. Eu conheço muita gente rica que nunca deu oferta em lugar nenhum. Eu conheço gente dentro da igreja que não dá dízimo e oferta e é milionário” [...] Como é que pode, pastor? Gente milionária, gente bilionária e gente até “denda” igreja que nunca deu dízimo e oferta e é rico?”). Embora haja ainda alguma genericidade nessa segunda fase, ela é diferente da primeira. Por meio do *Frame* de Conversa, mais uma vez representado, a estratégia argumentativa recorre, novamente, a uma atuação performática transmitindo mais vivacidade em relação à posição da Fase 1. Já dissemos que isso faz com que a genericidade ganhe um contorno mais particular e expressivo, já que há um personagem falando, mesmo que fictivo.

Também já defendemos que a performance fictiva suscita grande poder argumentativo em função do fato de que o ouvinte pode estar se vendo representado no altar, em um processo de identificação quase que automático. O pregador se investe de uma outra persona, que não

dispõe de autoridade religiosa, portanto, um sujeito comum, para colocar-se simetricamente alinhado ao ouvinte também comum que se sente retratado. Isso já foi atribuído à fala do padre Fábio de Melo e também à de Malafaia na análise do fragmento anterior.

Na Fase 3, a genericidade é ainda mais particularizada, à medida que Silas Malafaia responde ao interlocutor fictivo justificando na sequência secundária que um blasfemador pode ter riqueza porque, segundo o pastor, está escrito em Salmos 115:16 que a Terra o Senhor deu aos filhos dos homens, podendo, assim, ser conquistada por qualquer pessoa. Na sequência principal, a justificativa é de que “prosperidade é você viver bem com aquilo que você tem e que Deus permite você ter”.

Por fim, destacamos a habilidade do líder religioso para falar ao mesmo tempo com ouvintes que estão em situações comunicativas diferentes. Na linha 07, Silas Malafaia diz que a interrogação está na mente e no coração de “ gente que tá aqui, que tá me assistindo pela TV”. Um pouco depois olha para a câmera e fala “alguém diz assim e tem gente aí na TV” (linha 09). Repare que, além das pessoas que estavam presentes no evento e das que assistiam nas igrejas da rede, provavelmente em telões, naquele momento, ninguém estava assistindo pela TV, haja vista que isso somente aconteceria depois que o programa de televisão fosse editado com a inclusão da vinheta de abertura e da gravação da introdução à mensagem feita pelo pastor em estúdio. Assim, também confirmamos que o próprio Silas Malafaia age como se essas coordenadas espaço-temporais estivessem fundidas.

Na sequência, analisaremos a mensagem do palestrante espírita Divaldo Pereira Franco. A exemplo do padre Fábio de Melo e do pastor Silas Malafaia, ele também faz uso de Discurso Direto Fictivo para disponibilizar componentes que podem ser instanciados pela audiência de forma particular. A iniciação de disputa antes de sustentar um ponto de vista também poderá ser percebida no excerto a seguir.

3.3 MENSAGEM DO PALESTRANTE ESPÍRITA DIVALDO PEREIRA FRANCO

A tese de Divaldo Franco centra-se em princípios que devem ser observados pelos ouvintes para terem uma vida feliz. Segundo informa o palestrante espírita, no início do vídeo, ele elaborou dez itens inspirados no livro “O monge que vendeu a sua Ferrari”, que tem como autor Robin Sharma.

Momentos antes do trecho do Excerto 05, que será abordado mais adiante, o palestrante orienta sua audiência sobre a importância de dizer aos outros “Eu te amo” (minutagem 10:17), com sentimento vindo do coração, durante pelo menos vinte e um dias para criar o hábito. Divaldo demonstra, metalinguisticamente, conhecimento de retórica ao dizer que “podemos usar alguns artifícios prosódicos e melódicos” até que esse sentimento exista. Ele exemplifica com Discursos Diretos Fictivos: “Ah, sabe que lhe quero bem?; Eu gosto muito de você!; Você é para mim uma pessoa simpática!; Olha, eu acho você agradável!”. Isso evidencia que o líder religioso sabe da eficácia do uso de recursos da linguagem para alcançar finalidades diversas.

A seguir, vamos analisar o Excerto 05, em que o palestrante continua orientando sua audiência a expressar amor para ser feliz.

3.3.1 Excerto 05 - Fragmento único da mensagem do palestrante espírita Divaldo Franco

O momento exato desse trecho do vídeo pode ser acessado por meio deste link: <https://abre.ai/fragmento-palestrante-espirita>. Solicitamos que se assista a ele antes da leitura da transcrição. Há também a opção de acessar o fragmento, que começa em 12:38 e termina em 14:18, apontando a câmera do celular ou do tablet para o *QR Code* abaixo:

Figura 11 - *QR Code* para acessar o fragmento da mensagem do palestrante espírita no vídeo



Fonte: Elaborada pelo autor (2023).

Transcrevemos, na sequência, o referido fragmento da mensagem do palestrante espírita Divaldo Franco:

01	Criarmos o hábito dos vinte e um dias é muito importante.
02	Então vale a pena anotarmos a data de hoje. E aqui baixinho, se tiver aí um casal,
03	segura-se a mão e diga em português: I love you. Como quem não quer nada e ria.
04	Ou então diga em grego: Je t'aime'. Mas diga alguma coisa. Quebre mesmo que
05	não tenha jeito. Porque há pessoas que não têm jeito. Ah, eu fico com vergonha!
06	Feche os olhos. Porque fechando os olhos ninguém vê, nem a pessoa vê.
07	E se somos amigos e se temos uma diferença uns para com os outros, o que aliás
08	é uma coisa muito rara, aproveitemos o intervalo e perguntemos assim:
09	Então, você entendeu aquela? Aquilo foi conosco. Tá tudo bem? Tá ótimo.
10	Ah, graça... sabe que você é bastante simpático? Agora que eu notei.
11	Ah, e você também. É que eu tinha uma birra com você. Sabe por quê?
12	Porque me contaram uma coisa de você... No amor nós temos que interromper
13	a cadeia da fofoca. A fofoca, a maledicência, a calúnia são perversos algozes do
14	amor. Nunca dizer na ausência de uma pessoa algo que nós sentimos
15	negativamente. Porque aquilo vai chegar em forma de uma rede maléfica
16	venenosa.

A seguir, demonstraremos ser possível um ouvinte fictício que tem dificuldade para demonstrar afeto “vestir a carapuça”, nesse trecho da mensagem.

3.3.1.1 Processo cognitivo da Mescla da Carapuça: fragmento da mensagem do palestrante espírita

Para análise desse excerto, nosso ouvinte fictício é Carlos, que está no evento sentado ao lado de sua esposa. Ele é introvertido. Tem dificuldade para expressar afeto até mesmo para ela. A partir da linha 01 da transcrição, Divaldo insiste sobre a importância da criação do hábito dos vinte e um dias. Nas linhas 02 a 04, ele exemplifica e conceptualiza situações de expressão de afeto, dirigindo-se, nesse momento, em particular, aos que formam casais, sugerindo-lhes que segurem a mão um do outro e declarem verbalmente amor dizendo “eu te amo”. Essa

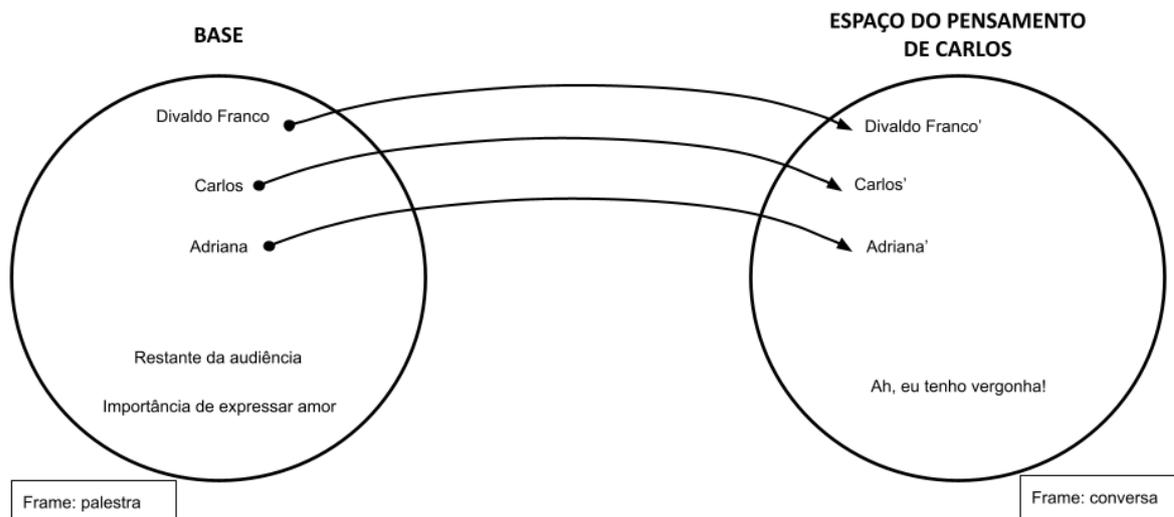
sugestão decorre do entendimento de que as pessoas, de modo geral, não têm o hábito de se manifestar dessa maneira. Com vistas a sensibilizar a plateia sobre o assunto, ele apela para o bom humor metalinguístico, recomendando que cada casal se declare amorosamente em português com a expressão “*I love you*” (linha 03) e, em grego, dizendo em “*Je t’aime*” (linha 45).

Após esses enunciados em inglês e francês, respectivamente, serem, de propósito, classificados erroneamente quanto à língua a que pertencem, ouvem-se risos da audiência, o que indicia o entendimento de que a sugestão dada por meio do imperativo “diga” não se trata necessariamente de um comando factivo, do tipo “cumpra-se” de imediato, que deve ser seguido *ipsis litteris*. Por outro lado, também não se trata de um comando prototipicamente fictivo, aquele que não deve ser necessariamente seguido, como a expressão idiomática “fala sério” em português, a qual não exige que o outro passe a falar seriamente, mas apenas compõe um argumento a ser defendido. O imperativo é usado para indicar uma recomendação, porém de forma suavizada.

Como factividade e fictividade são gradientes, é possível situar os casos acima entre uma coisa e outra. Nesse sentido, há mescla de domínios deôntico e epistêmico em “diga em português ‘*I love you*’ ” e “diga em grego ‘*Je t’aime*’ ”, nos quais há um comando a ser seguido, porém não necessariamente em língua estrangeira. Isso é condizente com o fenômeno da Interação Fictiva, segundo o qual, como já foi dito, aciona-se o *Frame* de Conversa para modelar o discurso. No caso, Divaldo recorre a essas expressões para persuadir a audiência quanto à questão da declaração amorosa.

Diante dessa recomendação sobre a necessidade de verbalizar a demonstração de amor, Carlos, em pensamento, expressa para o palestrante sua dificuldade de dizer à sua esposa que a ama. Enquadrando a palestra como uma conversa, ele “diz” mentalmente para o orador “Ah, eu tenho vergonha”, manifestando que isso é um obstáculo para seguir a orientação dada pelo líder religioso, conforme Diagrama 43:

Diagrama 43 - Construção do Espaço do Pensamento de Carlos

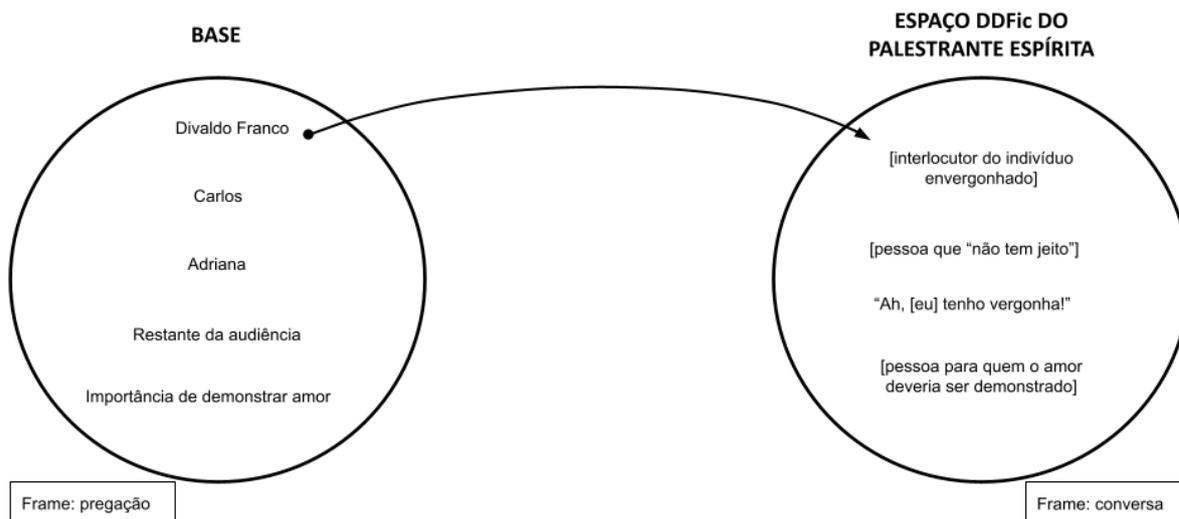


Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O Diagrama 43 mostra que, no Espaço Base, Divaldo Franco fala na palestra (*frame*) da “Importância de expressar amor”, o qual é composto também pelo nosso conceptualizador fictício Carlos e sua esposa Adriana. Por meio do Princípio da Acesso, os elementos Carlos, Divaldo Franco e Adriana, do Espaço do Pensamento de Carlos, podem ser identificados como sendo os mesmos que compõem o Espaço Base. A posição de que ter vergonha impede a demonstração do amor, manifestada como se a interação fosse uma “conversa” (*frame*), está representada no espaço mental por meio do elemento “Ah, eu tenho vergonha!”.

Na sequência, Divaldo Franco demonstra conhecimento de que algumas pessoas podem não se sentir confortáveis para expressar afetividade, como percebemos em “Mas diga alguma coisa, quebre mesmo que não tenha jeito. Porque há pessoas que não têm jeito” (linhas 04 e 05). Para exemplificar uma dessas pessoas genéricas, o palestrante muda o *footing* e produz a ilocução “Ah, eu fico com vergonha!”, ainda na linha 05. Como essa expressão não está alinhada com a recomendação dada por Divaldo Franco, observamos que se trata de um caso de Interação Fictiva em discurso direto. Ao produzir esse enunciado, o palestrante, que até então era autor e responsável, passa a ser animador da voz de outrem. Em relação à estrutura de participação, Divaldo Franco não é o falante que produz esse enunciado da linha 05. Ele é o animador principal no Espaço Base, mas há um animador encaixado sem instanciação particular, conforme o Diagrama 44:

Diagrama 44 - Construção do Espaço do DDFic do Palestrante Espírita

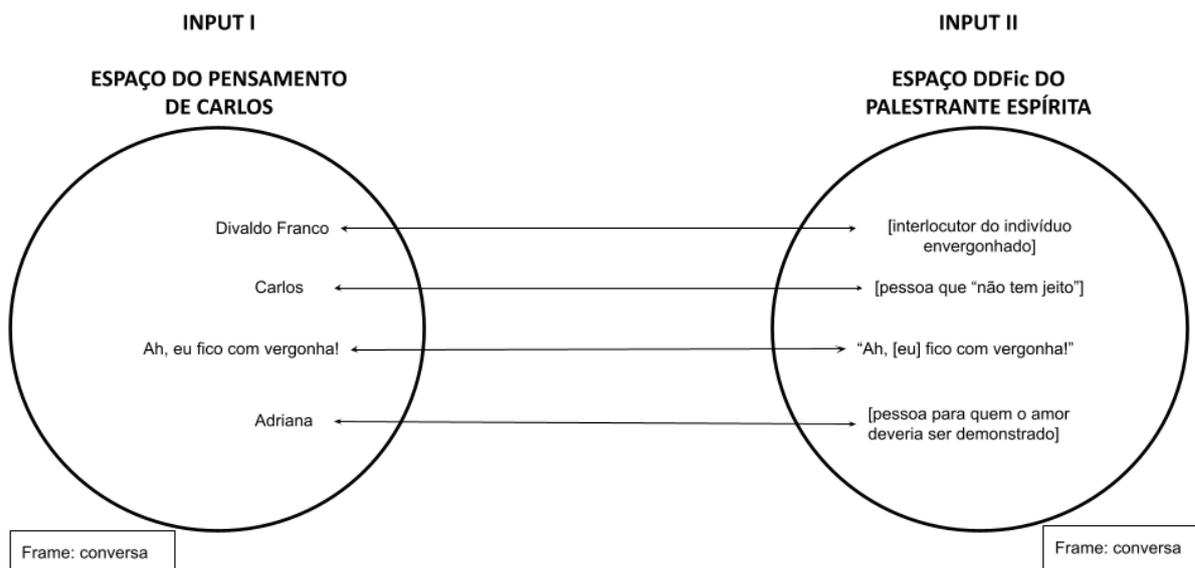


Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

No Espaço Base do Diagrama 44, estão ilustrados os mesmos elementos citados no Espaço Base do Diagrama 43. Já no Espaço DDFic do Palestrante Espírita (Diagrama 44), o enunciador fictivo de “Ah, [eu] tenho vergonha!” está representado por meio do elemento [pessoa que “não tem jeito”]. Postulamos que a interjeição “Ah” e a indicação do sentimento de vergonha foram, conjuntamente, expressadas como se fossem uma “conversa” (*frame*), que tem coordenada espaço-temporal diferente do Espaço Base. Ainda no Espaço DDFic do Palestrante Espírita, inserimos o item [pessoa para quem o amor deveria ser demonstrado], também não instanciado de forma particular.

Um pouco diferente do que observamos nos excertos referentes a Fábio de Melo e Silas Malafaia, nos quais encontramos os alocutivos “padre” e “pastor”, respectivamente, no Discurso Direto Fictivo “Ah, eu tenho vergonha”, não há uma indicação mais delimitada do alocutário. Por isso, o elemento [interlocutor do indivíduo envergonhado] foi inserido com a indicação de que também está disponível para instanciação particular.

Diagrama 45 - Projeção entre elementos do Espaço do Pensamento de Carlos e do DDFic do Palestrante Espírita

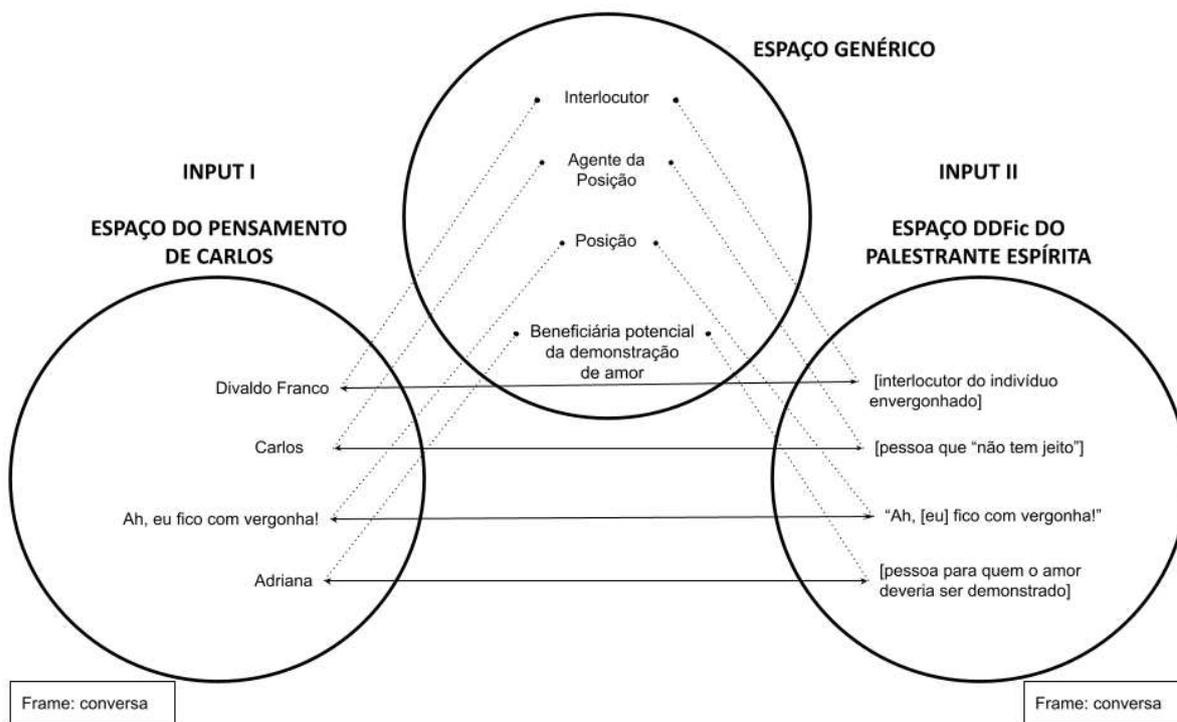


Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Pelo Princípio da Projeção, ilustrado no Diagrama 45, os Espaços do Pensamento de Carlos e do DDFic do Palestrante Espírita, ambos estruturados pelo *Frame* de Conversa, constituem dois *inputs* distintos que possuem elementos que podem ser projetados uns nos outros. O elemento Divaldo Franco, a quem Carlos dirige-se em seu pensamento, pode ter como correspondente o item [interlocutor do indivíduo envergonhado]. A expressão “Ah, [eu] fico com vergonha!” está presente nas duas entradas. As unidades Carlos (*Input I*) e [pessoa que “não tem jeito”] (*Input II*) podem ser projetadas uma na outra, assim como os itens [pessoa para quem o amor deveria ser demonstrado] (*Input II*) e Adriana (*Input I*).

A seguir, demonstramos a emergência do Espaço Genérico, no Diagrama 46:

Diagrama 46 - Emergência do Espaço Genérico

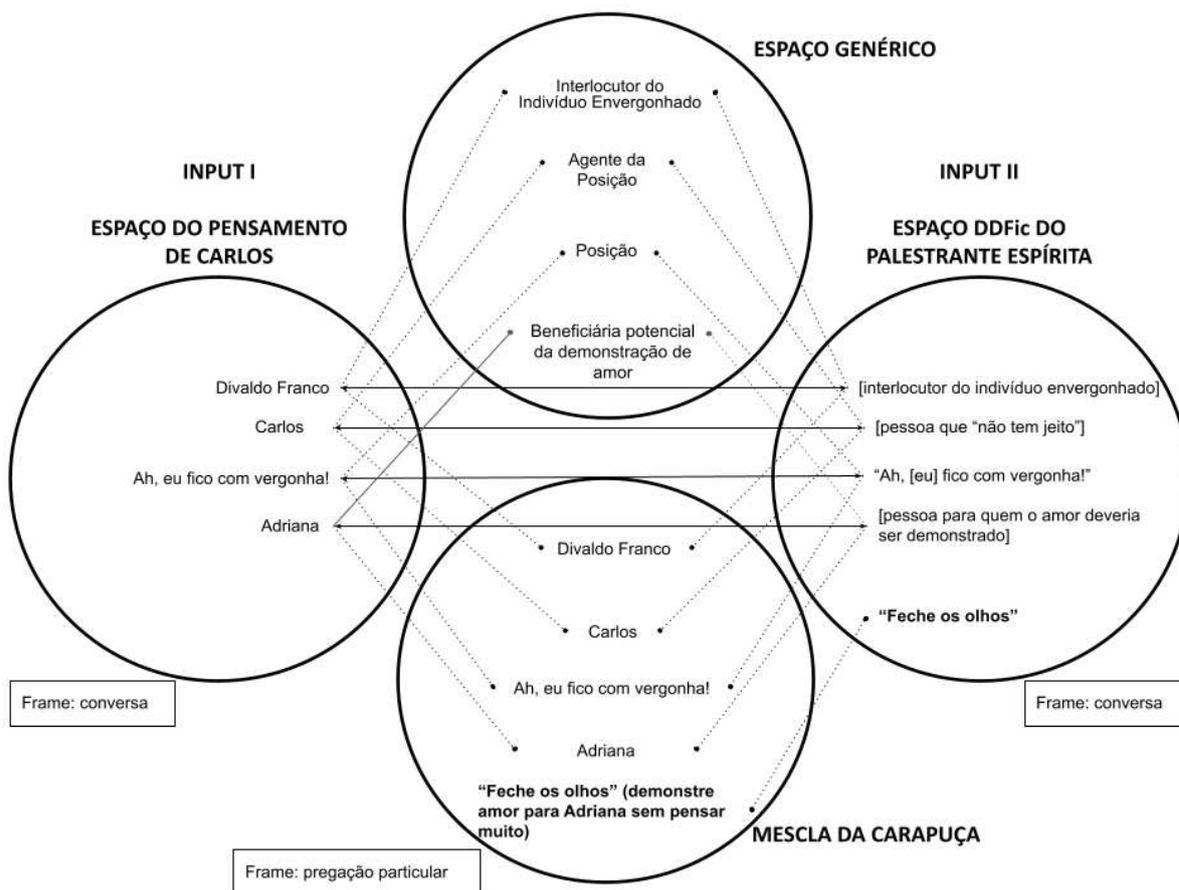


Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

No Diagrama 46, observamos a emergência do Espaço Genérico, formado por categorias que surgem dos elementos comuns aos dois *inputs*. A manifestação “Ah, eu fico com vergonha!” deu origem à Categoria Posição. O elemento que representa, no *Input* II, a pessoa para quem o emissor da mensagem tem vergonha de demonstrar amor e o elemento Adriana (*Input* I) fazem emergir a Categoria Beneficiária potencial da demonstração de amor. A Categoria Agente da Posição surge devido aos elementos Carlos (*Input* I) e “[pessoa que “não tem jeito”]” (*Input* II). Por fim, a Categoria Interlocutor é resultado da presença do item Divaldo Franco no *Input* I e do “[interlocutor do indivíduo envergonhado]” no *Input* II.

O Diagrama 47 ilustra como Carlos experiencia a Mescla da Carapuça:

Diagrama 47 - Construção inicial do Espaço Mescla da Carapuça



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

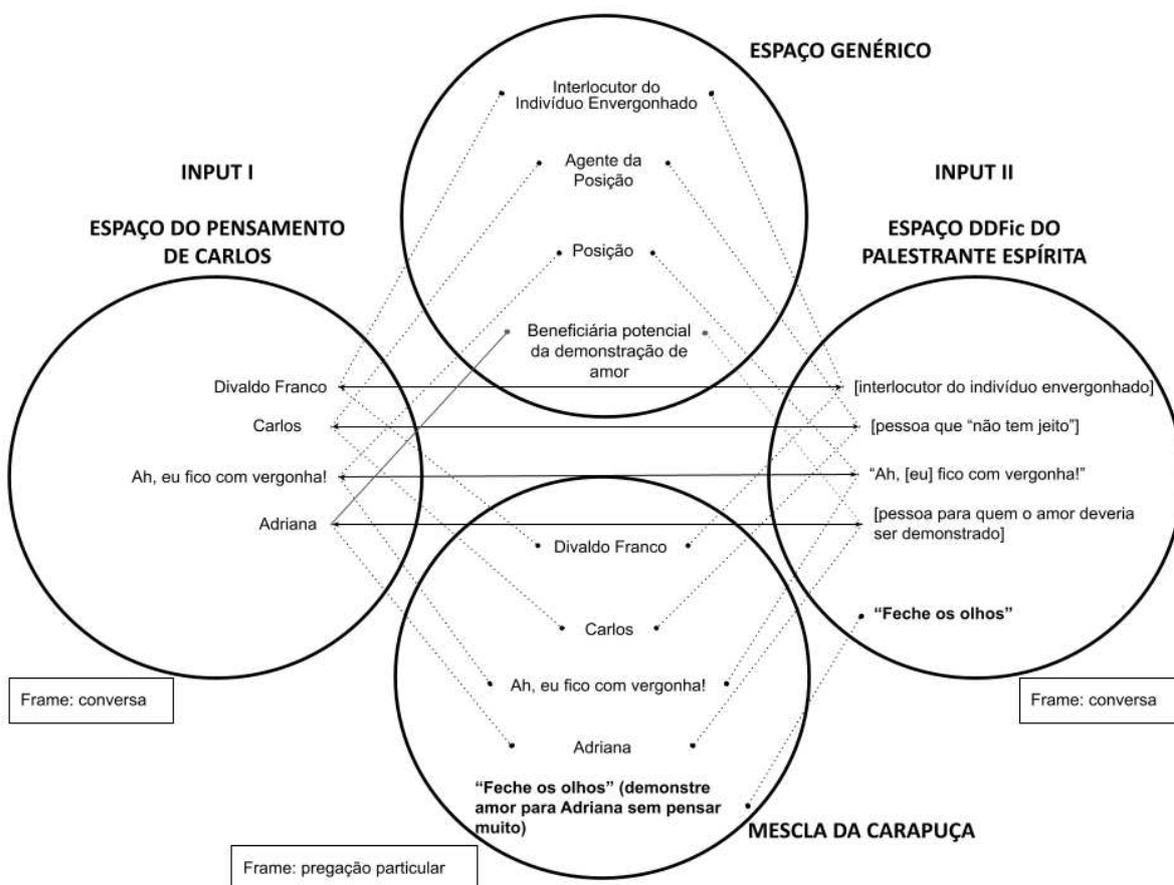
Conforme o Diagrama 47, ao perceber que elementos do Espaço DDFic do palestrante têm correspondência com os do espaço do seu pensamento, Carlos, colocando-se como referente do pronome dêitico [eu] do *Input II*, acredita que Divaldo refere-se especificamente a ele, pelo fato de Carlos ter se comportado anteriormente como uma pessoa "que não tem jeito", ao pensar "Ah, eu fico com vergonha!". Ele também instancia o elemento [pessoa para quem o amor deveria ser demonstrado] com a sua esposa Adriana e o item [interlocutor do indivíduo envergonhado] com Divaldo Franco, a quem foi manifestada sua posição de que a vergonha é um obstáculo para expressar amor. Dessa forma, Carlos tem a sensação de que o líder religioso teve acesso a essa posição que estava restrita ao seu pensamento e construiu o cenário do Espaço do DDFic baseado nisso. Assim, Carlos passa a conceptualizar esse momento como uma "palestra" (*frame*) particular.

Na sequência da transcrição, Divaldo Franco diz "Feche os olhos. Porque fechando os olhos ninguém vê, nem a pessoa vê" (linha 06). O conselho é dado como uma solução para

vencer a vergonha. Mais uma vez, ouvem-se risos da audiência, indicando que os participantes da palestra não conceptualizaram que deveriam fechar, fisicamente, os olhos naquele exato momento. No entanto, a expressão “Feche os olhos” não é um conselho puramente fictivo. O palestrante espera que os fiéis, cuja vergonha atrapalha demonstrar amor, o façam, mesmo que tenham esse sentimento, sem pensar muito, no impulso.

Essa orientação é dada não apenas para o interlocutor fictivo, mas também para a audiência em geral, como se o Espaço Base e o Espaço do DDFic do Palestrante Espírita estivessem mesclados. O Diagrama 48 demonstra como Carlos conceptualiza o enunciado “Feche os olhos”:

Diagrama 48 - Conceptualização de Carlos do comando “Feche os olhos”



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Conforme o Diagrama 48, a expressão “Feche os olhos” foi incluída na Mescla da Carapuça. Mesmo que tenha dificuldade, Carlos entende que o palestrante diz a ele que deve

demonstrar amor para Adriana, ainda que tenha que fazê-lo em um rompante, sem pensar muito. Essa conceptualização está representada, nesse espaço, por meio do elemento “ ‘Feche os olhos’ (demonstre amor para Adriana sem pensar muito)”. Isso ilustra novamente a ideia de uma pregação particular endereçada a Carlos.

A análise feita até aqui desse fragmento da mensagem de Divaldo Franco também corrobora a ideia de que a Mescla da Carapuça pode ser condensada na fórmula fictiva X GENÉRICO É X PARTICULAR. A necessidade de expressar amor abordada na palestra não é direcionada a nenhum dos presentes no evento de forma específica. É genérica. No entanto, Carlos “veste a carapuça” e conceptualiza que a dificuldade para expressar-se amorosamente tratada na mensagem é a dele em relação a sua esposa. Como observamos nas pregações do padre e do pastor, a variável X, nas duas partes da fórmula, é preenchida pelo mesmo elemento. Carlos também toma a palestra genérica como se fosse particular.

Na sequência da transcrição, Divaldo não apenas explicita saber que o processo cognitivo referente a essa fórmula pode ser experimentado pelos ouvintes. Mais do que isso, ele transparece desejar que a palestra genérica seja tomada como particular.

Na sequência da transcrição, Divaldo Franco, usando de ironia, inicia uma abordagem sobre os frequentes conflitos de convivência que ele acredita afligir os presentes, como evidenciado no trecho “E se somos amigos e se temos uma diferença uns para com os outros, o que aliás é uma coisa muito rara” (linhas 07 e 08). A ironia já é por si instância de fictividade, tendo em vista que a afirmação só pode ser compreendida como o contrário do que é expresso, o que revela o conflito de representações discrepantes de um mesmo objeto; no caso, as diferenças entre as pessoas são comuns, não são raras.

Nesse sentido, o teor fictivo do discurso se incrementa. Na sequência, o palestrante reitera o comando de expressão de amor, de afetividade, mas o faz criando um diálogo em Interação Fictiva para fomentar o hábito de que se declare afeto também em outros cenários. Ele dá um exemplo, na linha 08, usando a expressão “aproveitemos o intervalo e perguntemos assim”, para introduzir um espaço mental de fala em que se dá uma sugestão de treinamento em prol da expressão de afeto. Divaldo Franco inicia um longo trecho em IF de discurso direto: “Então, você entendeu aquela? Aquilo foi conosco. Tá tudo bem? Tá ótimo. Ah, graça... sabe que você é bastante simpático! Agora que eu notei. Ah, e você também. É que eu tinha uma birra com você. Sabe por quê? Porque me contaram uma coisa de você...” (linhas 09 a 12).

Os pronomes dêiticos “aquela” e “aquilo” (linha 09) parecem fazer referência a algum momento da palestra em que os ouvintes acreditaram que o palestrante estivesse referindo-se exclusivamente a eles, o que pode ser comprovado pelo emprego de “foi conosco”, na linha 09.

Esse trecho parece confirmar, mais uma vez, que Divaldo tem ciência de que, em alguns momentos da palestra, ouvintes podem experimentar os efeitos da Mescla da Carapuça. Se o conteúdo da ilocução do palestrante espírita tem relação com situações reais vividas pelos ouvintes, pode sugerir que o orador está falando diretamente para eles. Mais do que parecer ter ciência, fica evidente que o efeito da Mescla da Carapuça é desejado pelo palestrante com o propósito de funcionar como uma estratégia capaz de contribuir para que o ouvinte seja persuadido a realizar atos perlocutórios, que, no caso da IF das linhas 09 a 12, é colocar fim à relação de inimizade. Como já dissemos, Divaldo deseja e incentiva que a palestra genérica seja tomada como particular (X GENÉRICO É X PARTICULAR).

A seguir, vamos abordar os desdobramentos acerca da estratégia argumentativa utilizada pelo palestrante.

3.3.1.2 Desdobramentos acerca da estratégia argumentativa do palestrante espírita

No trecho que transcrevemos acima, a exemplo do padre Fábio de Melo e do pastor Silas Malafaia, Divaldo Franco percorre a sequência Posição-Disputa-Sustentação (PDS), emparelhada com enunciados localizados antes e depois das ocorrências de Interação Fictiva em discurso direto. Reproduzimos, pela última vez, a Tabela 01:

Tabela 01 - Sequência Adjacente Posição-Disputa-Sustentação (PDS)

Fase	Descrição
1	Posição do orador
2	Disputa por meio de Discurso Direto Fictivo
3	Sustentação refutando o argumento do interlocutor fictivo

Fonte: Elaborada pelo autor (2023).

Assim como supomos, quando da análise dos fragmentos do padre e do pastor, nesse trecho referente à mensagem de Divaldo Franco, também acreditamos que o palestrante espírita espera que o ouvinte experimente o processo da Mescla da Carapuça em algum momento das

três fases da sequência adjacente Posição-Disputa-Sustentação. Ele inicia a Fase 1 momentos antes do texto transcrito, quando assume a posição de que é importante expressar amor para outra pessoa, ainda que a pessoa use, mecanicamente, “artifícios prosódicos e melódicos”. Já no começo do excerto, ele reafirma sua posição intensificando seu compromisso com ela, ao sugerir aos presentes dizer “eu te amo”, classificando as línguas propositalmente de forma equivocada.

Na Fase 2, Divaldo Franco performa um interlocutor fictivo, introduzindo, por meio de Interação Fictiva em discurso direto, uma disputa ao dizer “Ah, eu fico com vergonha!” (linha 05), como se fosse um argumento contrário à sua posição o fato de a vergonha ser um obstáculo que impede as pessoas de realizarem a ação recomendada. Já defendemos a importância dessa fase para que o efeito parabólico instaure-se na mente dos receptores da mensagem. Nesse fragmento, isso acontece porque o líder religioso apresenta uma pequena história em que o interlocutor fictivo opõe-se à posição do orador, destacando um elemento que o impede de expressar amor: a vergonha. Assim, o ouvinte que reflete, ainda que silenciosamente, pode sentir que sua posição foi exposta por Divaldo.

Por fim, na Fase 3, o palestrante sustenta sua posição com os Espaços Base e DDFic mesclados, acrescentando um método à sua sugestão, ou seja, aconselhando que, caso a timidez atrapalhe alguém a expressar amor, isso deve ser feito “com os olhos fechados”, em um impulso. O orador demonstra que mecanismos devem ser utilizados para que de alguma forma essa expressão não seja frustrada, e o hábito seja criado.

Observamos que a estratégia de persuasão de Divaldo Franco muito se assemelha à do padre e à do pastor em relação ao uso da Interação Fictiva em discurso direto como recurso. Ele anima a voz de um animador encaixado. Não é responsável pela posição defendida. Inclusive, ele se contrapõe exatamente à timidez que impede a pessoa de manifestar amor verbalmente. Como Fábio de Melo e Silas Malafaia, o palestrante espírita atribui o contra-argumento a um interlocutor fictivo, contra quem instaura uma disputa, o que serve de exemplo para tentar mudar a percepção e a conduta da audiência factiva sobre o tema.

Assim, Divaldo não se compromete ética e moralmente, pois a dêixis de primeira pessoa do Discurso Direto Fictivo “Ah, eu fico com vergonha!” é genérica, não se aplicando factivamente a alguém específico. A IF se configura, assim, como uma janela dêitica, pronta para ser mentalmente instanciada pelos ouvintes a partir de mecanismos cognitivos de identificação. Se o ouvinte realiza essa projeção usando-a em si mesmo e tem pensamentos ou sentimentos próximos ao conteúdo do enunciado que o palestrante usa no *Frame* de Conversa, como essa expressão, ele pode ter a sensação mística de que o líder religioso sabe o que ele

pensa e que está falando diretamente para ele. É como se o orador estivesse estruturando e publicizando pensamentos ou sentimentos dos que estão em silêncio na plateia apenas escutando, anonimamente.

Como destacado na análise dos fragmentos do padre e do pastor, na análise do excerto de Divaldo Franco, também acentuamos que a eficácia da Mescla da Carapuça está diretamente vinculada à relação existente entre genericidade e particularidade. Similarmente, a genericidade está presente nas três fases argumentativas, e também de formas diferentes. Na Fase 1, Divaldo Franco anima sua própria voz e usa uma posição genérica para orientar sobre a importância de demonstrar amor.

Na Fase 2, quando o palestrante performa um interlocutor fictivo que defende ser a vergonha um obstáculo para demonstrar amor, ainda que a genericidade esteja presente, a performance, por meio do *Frame* de Conversa, dá mais vigor à posição da Fase 1. Como já abordamos, isso confere à genericidade uma característica não somente mais particular, mas também mais expressiva, pelo fato de haver a presença de um personagem falando. Dessa forma, o ouvinte pode estar se vendo no palco, à medida que Divaldo Franco diminui a assimetria entre ele e o ouvinte da palestra, ao performar um indivíduo comum.

Encerramos, assim, a análise dos cinco excertos, como propusemos, e sistematizamos a seguir, nas considerações finais, os principais achados do presente trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta seção retoma os principais achados desta pesquisa de forma sistematizada. Lembramos que o objetivo geral foi investigar como líderes religiosos utilizam o Discurso Direto Fictivo em suas mensagens para potencializar a persuasão e a conexão emocional com seus ouvintes. Os objetivos específicos buscaram responder às seguintes perguntas: (i) como o DDFic pode ser usado como recurso argumentativo e (ii) como o DDFic pode contribuir para a Mescla da Carapuça?

Confirmamos nossa hipótese de que o DDFic potencializa a persuasão e a conexão emocional com o ouvinte devido à possibilidade de ser usado pelo líder religioso como recurso argumentativo para destacar possíveis argumentos contrários restritos ao pensamento desse ouvinte. Ademais, o DDFic pode se constituir em um espaço mental que fornece elementos para processos cognitivos que culminam na Mescla da Carapuça.

Para alcançar o objetivo geral e os objetivos específicos, recorremos a ouvintes fictícios da mensagem (empiricamente plausíveis), com seus respectivos repertórios de vida, diante da dificuldade de investigar a recepção em ouvintes reais, principalmente em tempo real. Demonstramos, ao longo do trabalho, a viabilidade desse recurso metodológico, que foi usado com base na experiência de outros pesquisadores e também com evidência empírica de que as conceptualizações aqui tratadas possam ocorrer. No referencial teórico, apresentamos uma história inventada por Mark Turner, a qual o próprio autor classifica como devaneio. Trata-se de um padrinho de casamento, que, durante a cerimônia, imagina-se mergulhando com sua noiva em busca de um tesouro perdido. Imagina-se também pedindo a mão dela em casamento e tendo uma resposta negativa, o que poderia impactar a percepção que ele tem do seu relacionamento amoroso “real”.

Para corroborar a ideia de que a Mescla da Carapuça pode ser experienciada durante a pregação, apresentamos um vídeo, à parte dos três líderes religiosos destacados, em que um pregador diz: “Para de usar dinheiro pra trocar de carro, pra coisas banais. Faça a obra. Viva com decência, porque Deus vai levantar alguém pra sustentar”. Ele também faz críticas a pastores, inclusive de igrejas grandes: “Pastor andando de Mercedes e a igreja cheia de gente desempregada. Sem vergonha!”. Nesse momento, um dos pastores que assistia à pregação pega o microfone e começa a dar explicações: “Eu tenho uma Mercedes, mas é fruto do meu trabalho [...] Fruto do meu trabalho. Para que alguém não crie uma imagem” [...] “Então eu comprei uma barata, preço que uma pessoa pobre pode comprar, uma de 50 (mil). Eu preciso esclarecer. É do meu salário”. É nítido que o pastor, dono da Mercedes, percebeu que elementos do seu

repertório de vida e itens do cenário construído pelo pregador podiam ser projetados um no outro. E esse processo de projeção poderia ser realizado também pelos demais membros da igreja.

A criação de ouvintes fictícios para este trabalho, com histórias de vida que pudessem ser projetadas nos cenários inventados pelos líderes religiosos, nas mensagens que compõem o *corpus* desta pesquisa, constituiu-se um importante recurso metodológico para demonstrar os processos cognitivos que podem levar ouvintes reais a experienciar a Mescla da Carapuça. Para análise dos fragmentos do padre Fábio de Melo, o ouvinte fictício foi João, o único músico da paróquia, o qual quer adiar o momento de perdoar sua mãe. O ouvinte fictício usado nas análises dos excertos referentes ao pastor Silas Malafaia foi Antônio. Ele não acredita na relação entre ser um ofertante e dizimista fiel e ter prosperidade. Por fim, analisamos o trecho da mensagem do palestrante espírita Divaldo Franco por meio da conceptualização de Carlos, um ouvinte fictício com dificuldade de expressar amor, até mesmo para sua esposa.

Na conceptualização dos três ouvintes fictícios, demonstramos ser possível que os conceptualizadores inventados, ao mesmo tempo que começam a “vestir a carapuça”, reconhecendo-se como uma das pessoas que tem as imperfeições ou os conflitos apontados pelos oradores, ajam como se o *frame* fosse uma conversa mental que tem eles próprios como emissores de mensagem, o que lhes permite a manifestação em pensamento de posições contrárias às dos preletores. Nesse espaço mental, as autoridades religiosas que atuam no monólogo, no Espaço Base (*frame* pregação), tornam-se também destinatários.

Os três líderes religiosos, por sua vez, de forma intersubjetiva, usam Interação Fictiva em Discurso Direto em todos os fragmentos analisados, criando cenários menos verídicos para alcançar o repertório mais verídico dos presentes. Os oradores também inventam interlocutores fictivos para convencer os factivos a mudarem posições e comportamentos. Os interlocutores reais são capazes de lidar com essas representações discrepantes, tal como aponta o conceito de Fictividade dado por Talmy (2000). Soma-se a isso o fato de todos os fragmentos estudados apresentarem elementos dêiticos e de referência disponíveis para instanciação particular.

Vejam alguns exemplos. Depois de dizer que, entre os presentes, estava “cheio de gente precisando perdoar”, Fábio de Melo usa a IF em discurso direto “Ah, mas eu trago uma mágoa no meu coração, padre Fábio. Eu não vou perdoar esse ano que eu quero que ela veja que ela me magoou. O ano que vem” (linhas 07 e 08, do fragmento 01 do padre). O alocutário do enunciado criado pelo sacerdote é ele próprio, estando os dêiticos “eu” e “ela” disponíveis para instanciação particular.

Silas Malafaia, após afirmar que é impossível dividir a vida cristã entre secular e sagrado, usa a IF em discurso direto “Pastor, dinheiro é secular. Finança é secular. Aleluia, glória a Deus, cantar hinos, pregar, orar, evangelizar é sagrado” (linhas 01 a 03 do fragmento 01 do pastor). Repare que o próprio pregador também se coloca como alocutário ao escolher sua função ministerial (pastor) para iniciar o enunciado. No mesmo fragmento, após ele postular que até sexualidade na vida do cristão tem o sagrado, Malafaia usa essa categoria de IF novamente: “Sangue de Jesus tem poder. Meu Deus. Heresia!”, na qual o pronome dêitico “meu” consta como disponível para instanciação particular.

Por sua vez, Divaldo Franco, depois de dizer que as pessoas que têm dificuldade de expressar amor devem se esforçar para fazê-lo, profere a seguinte Interação Fictiva em discurso direto: “Ah, eu fico com vergonha!” (linha 05). Diferentemente de Fábio de Melo e Silas Malafaia, o palestrante espírita não usa como alocutivo o seu nome ou a sua função ministerial. No entanto, essa IF se constitui como resposta à orientação que Divaldo dera sobre amor, sendo o próprio palestrante o destinatário dessa resposta. Na sequência, ele mesmo responde ao interlocutor fictivo: “Feche os olhos” (linha 06). Nesse exemplo, o dêitico “eu” (linha 05) pode ser instanciado de forma particular.

Nas ocorrências de Interação Fictiva em Discurso Direto produzidas pelos três oradores, as coordenadas espaço-temporais dessas IFs são diferentes das do Espaço Base, em que os oradores são apenas emissores. Exclusivamente nos espaços mentais dessas IFs, eles também são destinatários fictivos de mensagem, fazendo com que o *frame* aproxime-se de uma conversa em que o interlocutor fictivo pode manifestar sua posição para esses destinatários. Trata-se de um uso fictivo do *Frame* de Conversa para enquadrar algo que não necessariamente é uma conversa, mas uma típica pregação em que todas as falas pertencem às autoridades religiosas. Isso demonstra que, na animação dos trechos de Interação Fictiva em Discurso Direto, há uma mudança de *footing* por parte dos preletores, corroborando que o *footing* deve ser considerado um construtor de espaço mental. Os três líderes religiosos performam interlocutores fictivos que têm características diferenciadas em relação aos oradores, como prosódia e gestual, a depender do fragmento.

Acrescenta-se como evidência dessa mudança de *footing* a modificação do formato de produção. Todos os enunciados das IFs em Discurso Direto, objeto de análise, apresentam enunciados que vão de encontro à posição do pregador ou do palestrante, evidenciando a presença de um animador encaixado (interlocutor fictivo), o qual é também autor desses enunciados e responsável por eles. Por outro lado, fora da IF em Discurso Direto, esses líderes religiosos são animadores principais, visto que a pregação se caracteriza predominantemente

como monólogo. Em termos de estrutura de participação, ainda no âmbito do Discurso Direto Fictivo, essas autoridades participam como ouvintes endereçados e não apenas como falantes. Observa-se que a presença de IFs em Discurso Direto promove um novo alinhamento das componentes do formato de produção e da estrutura de participação, tendo em vista forjar um diálogo em que elas são pontualmente diferenciadas em alguns momentos específicos do fluxo discursivo. Desse modo, as alterações características da mudança de *footing* coocorrem com esse novo alinhamento.

Tendo em vista a criação desse Espaço DDFic, em que o formato de produção e a estrutura de participação são remodelados, na mudança de *footing*, os ouvintes de mensagens religiosas, por meio do Princípio da Projeção, já são capazes de perceber que elementos do espaço do seu pensamento e do espaço referente ao Discurso Direto Fictivo podem ser projetados uns nos outros, emergindo, assim, o Espaço Genérico com categorias comuns aos dois espaços citados anteriormente. No entanto, é no Espaço Mescla da Carapuça, principal achado desta tese, que, por meio da imaginação narrativa, os ouvintes que são levados a experimentar esse tipo específico de processo cognitivo contam para si que as posições contrárias manifestadas por eles mentalmente são, de alguma forma, acessadas pelos oradores, os quais, assim, criam Interações Fictivas em Discurso Direto baseadas nesses debates internos para revelar essas posições. Dessa forma, surge uma estrutura emergente. A pregação canônica, ou a palestra canônica, que é comumente dirigida à audiência em geral, é conceptualizada como se o *frame* fosse uma pregação particular ou uma palestra particular. Como o processo da Mescla da Carapuça pode ser realizado em silêncio, os conceptualizadores têm menos resistência a “vestir a carapuça”. Nesse processo de conceptualização, supõe-se que o ouvinte se sinta à vontade para realizar instanciações particulares, preenchendo os elementos de referência disponíveis com itens do seu repertório de vida, principalmente os dêiticos citados acima (“eu”, “ela” e “meu”), assumindo, por exemplo, que ele é o referente dos pronomes de primeira pessoa e que conhecidos dele podem ser referentes de terceira. Assim, quando os líderes religiosos utilizam contra-argumentos para tentar convencer o interlocutor fictivo, o ouvinte real pode ter a sensação de que essa tentativa de persuasão é dirigida particularmente a ele.

Observamos, ainda, que não apenas os elementos dêiticos favorecem instanciações particulares. Especialmente em dois casos, as sustentações de posição por parte dos oradores foram apresentadas com elementos que podem ser interpretados conotativamente, significando dizer que esses usos também contribuem para a Mescla da Carapuça ocorrer. Fábio de Melo, por exemplo, ao exortar o interlocutor fictivo do fragmento 01 que perdoaria a mãe somente

“ano que vem”, diz: “Cuidado. Pode não haver o ano quem”. O próprio padre explica, com uso da metalinguagem, que esse marco temporal não deveria ser interpretado denotativamente. Ouvem-se risos da audiência quando o sacerdote diz, na sequência, que o alerta não foi feito porque ele acreditava que o mundo chegaria ao fim no ano posterior, uma alusão à profecia de que isso aconteceria no ano seguinte, mas sim por que, de acordo com ele, não sabemos o que temos “pela frente”. Ou seja, fica à mercê do ouvinte determinar aquilo com o que ele deve ter cuidado, já que o termo “ano que vem” pode ter instanciação particular, podendo significar ter cuidado com a cessação das oportunidades para perdoar. Nesse sentido, a abrangência da interpretação de “o ano que vem” faz com que o ouvinte possa relativizar o momento do perdão, entendendo a expressão literalmente ou segundo suas próprias conotações.

Outro caso similar ocorre quando Divaldo Franco responde, com a expressão “Feche os olhos!”, ao interlocutor fictivo que colocou a vergonha como obstáculo para expressar amor. Um ouvinte da mensagem pode compreender que o comando de fechar os olhos pode ser literal, mas também significar, metaforicamente, agir sem pensar muito, em um impulso, a fim de que se expresse verbalmente o amor. Assim, como na exemplificação referente ao padre, fica a cargo do ouvinte relativizar o significado desse enunciado, decidindo interpretá-lo como sendo uma orientação para fechar fisicamente os olhos ou para agir de forma impulsiva, ainda que esteja com os olhos abertos. Ele pode escolher decodificar a expressão literalmente ou de acordo com suas próprias conotações. Quando dizemos “próprias conotações”, supomos que os ouvintes podem agregar a esse comando algo do próprio modo particular de executá-lo.

Ainda em relação ao modo de as autoridades religiosas refutarem os argumentos que compõem o Discurso Direto Fictivo, os três oradores dirigem a sustentação de suas posições não apenas aos interlocutores fictivos, mas também aos ouvintes reais, como se o Espaço Base e o Espaço DDFic criado pelos líderes religiosos estivessem mesclados. A mesma fala dirigida ao interlocutor fictivo é também dirigida ao factivo. Assim, se o ouvinte da mensagem está experimentando a Mescla da Carapuça, ele pode ser convencido de que os contra-argumentos dos preletores são pertinentes. E se esse processo cognitivo referente à mescla ainda não aconteceu, a referida sustentação pode contribuir para que o ouvinte conceba que é inviável assumir a mesma posição do interlocutor fictivo.

Demonstramos que os pregadores ou palestrante operam, com um mesmo enunciado, em mais de um espaço ao mesmo tempo; no exemplo anterior, com o Espaço Base e o Espaço DDFic mesclados. No entanto, Silas Malafaia apresenta, ainda, um alinhamento peculiar. A mensagem do pastor foi ministrada para o público presente na Arena HSBC, em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, quando também foi transmitida via Embratel, em tempo real, para a rede de

igrejas da qual o pastor é presidente. Esse é o Espaço Base para o pregador e para o público citado.

Ocorre que o ouvinte fictício Antônio, assim como os potenciais telespectadores reais, somente têm contato com essa pregação quando assistem à reprodução dela durante a exibição do programa de televisão de Silas Malafaia. Esse é o Espaço Base desse público. No entanto, o pastor age como se o Espaço Base da gravação e o Espaço Base do potencial telespectador estivessem fundidos. Na introdução da pregação, o líder religioso, ao indicar para quem está propondo uma metodologia sobre como ouvir uma mensagem religiosa, diz: “principalmente para pessoas que estão me assistindo pela TV” (2:52).

Em outro momento, transcrito no fragmento 02 do pastor, Malafaia produz os enunciados “eu sei que tem interrogação na mente e no coração de gente que tá aqui, que tá me assistindo pela TV” e “Alguém diz assim, e tem gente aí na TV”. Todavia, no momento em que a pregação era gravada, não havia ninguém assistindo pela televisão. Esse alinhamento do líder religioso contribui para que o telespectador, ainda que saiba que assiste a uma gravação, recepcione a mensagem e manifeste em pensamento posições para o pastor como se com ela pudesse interagir ao vivo e de forma mais ativa. Assim, demonstramos, também, que é viável analisar as duas coordenadas espaço-temporais como se estivessem fundidas, a do pastor no momento da pregação presencial e a de Antônio ou do potencial telespectador, a qual acontece remota e posteriormente.

Já em relação mais particularmente aos desdobramentos da estratégia argumentativa, destacamos a viabilidade de usar a teoria sobre argumentação elaborada por Schiffrin (1987). Geralmente, ela é aplicada na fala-em-interação, mais especificamente em situações comunicativas em que os falantes possuem posições contrárias e tentam sustentá-las. Assim, é natural que essa teoria seja um instrumental analítico viável para análise de cenários onde já se espera que haja um conflito, uma disputa, como em debates e audiências de órgãos de Proteção e Defesa do Consumidor (Procon), por exemplo.

Nesse sentido, a ministração de uma mensagem religiosa, monólogo que possui manifestações raras e pontuais dos ouvintes, geralmente com risos, palmas ou falas sincronizadas para atender a um pedido do orador, não seria, a princípio, uma situação comunicativa para análise de desacordos, ainda que, nesse gênero, o processo de persuasão se baseie em apresentar uma posição e sustentá-la.

Entretanto, no processo de convencimento, em geral, é comum que os próprios falantes antecipem possíveis argumentos do outro participante da interação que tem posição contrária. Essa estratégia, além de conferir, para quem a usa, o *status* de ter um amplo conhecimento

acerca do assunto em questão, permite a antecipação de contra-argumentos para refutar a argumentação contrária que poderia vir na fala do interlocutor, ou pelo menos permeariam o pensamento dele.

E é isso que fazem todos os três líderes religiosos. Usam a Interação Fictiva em Discurso Direto para antecipar argumentos contrários à posição assumida por eles, os quais podem estar sendo manifestados pelos ouvintes da mensagem religiosa apenas em pensamento. Isso contribui, no processo da Mescla da Carapuça, para a recepção do contra-argumento do pregador ou do palestrante de forma mais particular.

Em relação às categorias da teoria de argumentação adotada nesta pesquisa, demonstramos a ocorrência, em todos os fragmentos transcritos, da sequência adjacente Posição-Disputa-Sustentação (PDS). Coincidentemente, mas não por acaso, os oradores buscam percorrer três fases: na Fase 1, apresentam sua posição para a audiência em geral. Na Fase 2, introduzem uma disputa por meio de Discurso Direto Fictivo e, na Fase 3, sustentam sua posição com justificativas para convencer não somente o interlocutor fictivo a mudar sua posição, mas também a plateia, como se os espaços Base e DDFic estivessem mesclados.

Fábio de Melo, no fragmento 02 da sua mensagem, diz para os ouvintes: “Engana-se você que a Pastoral da Liturgia precisa de você” (Fase 1). Na sequência, ele usa Interação Fictiva em discurso direto para performar uma interlocutora fictiva que se acha insubstituível: “Tem quarenta e dois anos que eu sou coordenadora da equipe. E se eu sair, padre... ha ha ha ha ha ha” (Fase 2). Em seguida, o padre sustenta sua posição: “Se você acha que Deus está interessado no seu trabalho, esqueça. Tem gente muito mais competente do que nós. E olha que eu sou a favor de dar a Deus a competência” (Fase 3). Do mesmo modo, Divaldo Franco, no fragmento analisado, posiciona-se dizendo que as pessoas devem expressar amor (Fase 1). Depois disso, usa a IF em discurso direto “Ah, eu fico com vergonha!” (Fase 2). E, sequencialmente, orienta: “Feche os olhos” (Fase 3).

Silas Malafaia, nos dois fragmentos dele transcritos, assim como o padre e o palestrante espírita, também faz uso da sequência adjacente Posição-Disputa-Sustentação, mas com uma diferença em relação a Fábio de Melo e Divaldo Franco, ao acrescentar uma sequência PDS secundária. No fragmento 02 do pastor, por exemplo, Malafaia afirma que “Pra receber o que cristão tem que dar” (Fase 1). Para contrapor essa posição, ele próprio cria um interlocutor fictivo questionador da relação entre ser um ofertante fiel e ter prosperidade: “Pastor, o senhor não me leve a mal. Eu conheço muita gente rica que nunca deu oferta em lugar nenhum. Eu conheço gente dentro da igreja que não dá dízimo e oferta e é milionário. Me explica, pastor!” (Fase 2).

Na Fase 3, como dissemos, o líder religioso executa uma sequência PDS secundária. Diz que até quem blasfema de Deus pode ter riqueza (Fase 1), instaura uma disputa com o Discurso Direto Fictivo “Que isso, pastor?” (Fase 2) e completa essa sequência secundária citando Salmos 115:16, quando Malafaia afirma que nesse versículo está escrito que “a Terra ele (o Senhor) deu aos filhos dos homens” e, por isso, pode ser conquistada por qualquer pessoa, incluindo os blasfemadores (Fase 3). Somente depois de completar a sequência PDS secundária o pastor finaliza a Fase 3 da sequência principal, justificando para o interlocutor fictivo que riqueza e prosperidade não são a mesma coisa.

Supomos que o objetivo de Silas Malafaia, ao deixar de percorrer a sequência Posição-Disputa-Sustentação de forma concisa e direta, é aumentar o ambiente de tensão, o qual foi gerado no momento em que performou o interlocutor fictivo questionador na Fase 2 da sequência principal, e após isso, quando o próprio pregador descreve o ambiente, fazendo uso dos enunciados “ ‘Ao’ ar de suspense” e “Respira, irmão”.

Ainda em relação à sequência Posição-Disputa-Sustentação, demonstramos que a relação existente entre genericidade e particularidade contribui, sobremaneira, para a eficácia da Mescla da Carapuça, à medida que a “carapuça” pode ser “vestida” parcial ou completamente ao longo das três fases argumentativas. A genericidade está presente em cada uma delas, ainda que de formas diferentes. Na Fase 1, os oradores animam sua própria voz ao estabelecer uma posição genérica. Já na Fase 2, embora a genericidade ainda esteja presente, o recurso de performarem um interlocutor fictivo, por meio do *Frame* de Conversa, confere mais vivacidade à posição da Fase 1, pelo fato de tornar a genericidade mais particular e mais expressiva, principalmente por haver um personagem falando. Nessa performance de um ouvinte comum, padre, pastor e palestrante espírita diminuem a assimetria entre líder religioso e ouvinte da mensagem, criando um ambiente propício à persuasão na emergência mesclada da pregação, ou da palestra, particular. Por fim, na Fase 3, há uma particularização ainda mais acentuada, à medida que os oradores respondem aos interlocutores fictivos e discordam deles.

Nesse exemplo em que Silas Malafaia apresenta um interlocutor fictivo duvidoso da relação entre ser ofertante e dizimista fiel e ter prosperidade, o pastor demonstra conhecer recursos de linguagem para se atingir determinados objetivos, fazendo uso da função metalinguística, ainda que, porventura, não conheça os termos técnicos da Linguística. Isso também foi observado na análise das mensagens do padre e do palestrante espírita.

Malafaia, nas linhas que introduzem a IF em tela, afirma que existe uma interrogação na mente e no coração de pessoas presentes e de telespectadores e que não ia deixá-los com dúvida. O uso da expressão estar com “interrogação na mente e no coração” já aciona

fictivamente o *Frame* de Conversa, haja vista que a interrogação (“?”), como metalinguagem, foi usada para enquadrar a conceptualização da dúvida por parte de alguns presentes e da audiência potencial que assistiria ao pastor pela TV. De forma metonímica, a “?” contribui para que Silas Malafaia estruture como linguagem o pensamento/sentimento do ouvinte, como se fosse metaforicamente fala.

Na introdução de sua pregação, Silas Malafaia também faz uso de metalinguagem. Ele propõe uma metodologia para ser seguida principalmente por telespectadores na recepção de mensagens religiosas, independente do pregador. De acordo com o pastor, quem o assiste pela TV pode não o conhecer, diferentemente do que ocorre com os membros da igreja da qual ele é presidente.

O primeiro passo da metodologia ensinada é Duvidar, não “receber aberto, direto, uma palavra sem você antes analisá-la”. É dizer “Deixa eu prestar atenção pra ver o que este camarada tá falando”. Nesse último enunciado, Malafaia recorreu ao uso de Interação Fictiva, ao performar a fala de um interlocutor fictivo. O segundo passo é criticar, é “fazer uma análise do que você tá ouvindo”. E o terceiro e último passo é “determinar”, concordar ou não com o que foi exposto, ilustrado pela IF em discurso direto “É verdade. Eu recebo”.

Em vários momentos da pregação, Malafaia usa Interação Fictiva em Discurso Direto para performar um interlocutor que se alinha especialmente aos passos de duvidar e criticar, como nos exemplos “Sangue de Jesus tem poder! Meu Deus! Heresia!” (linha 06 do Fragmento 02 do pastor) e “Pastor, o senhor não me leve a mal. Eu conheço muita gente rica que nunca deu oferta em lugar nenhum. Eu conheço gente dentro da igreja que não dá dízimo e oferta e é milionário. Me explica, pastor!” (linhas 10 a 12 do Fragmento 02 do pastor).

Já o padre Fábio de Melo, ao tentar persuadir a plateia de que Deus está mais preocupado com a transformação pessoal do fiel do que com CDs que são lançados, performa um diálogo em que Nossa Senhora pergunta para Deus se ele já tinha visto o CD novo do padre Fábio. Deus se surpreende, indagando se já não tinha sido lançado um há pouco tempo, quando Nossa Senhora “dá uma desculpa”, dizendo, por exemplo, que esse último tinha “saído” antes do tempo.

Antes dessa performance, Fábio de Melo já havia dito que, para Deus, obras como o lançamento de CDs e livros não são tão importantes como a transformação pessoal do autor enquanto as produz. No entanto, o padre sinaliza acreditar na eficiência de cenários menos verídicos (fictivos) para compreensão da sua crença pela plateia. Ele mesmo afirma que essa performance é uma “brincadeira para dizer que Deus está se ocupando com coisas maiores”, ou seja, usou um cenário menos verídico, fictivo, como é o da brincadeira, para persuadir a

audiência a compreender o mais verídico (factivo), a importância que Deus dá à referida transformação pessoal. Esse trecho, no qual Fábio de Melo faz uma análise metalinguística, favorece, sequencialmente, a instauração da disputa por meio de Interação Fictiva em discurso direto, na qual o padre apresenta uma interlocutora fictiva que acredita ser insubstituível na sua função de coordenadora da Pastoral da Liturgia.

Por sua vez, o palestrante espírita Divaldo Franco também faz uso de recursos metalinguísticos. Momentos antes do fragmento transcrito, ele orienta sua audiência sobre a importância de dizer aos outros “Eu te amo”, com sentimento vindo do coração, durante pelo menos vinte e um dias para criar o hábito. Demonstra conhecimento de determinados recursos da linguagem para alcançar objetivos específicos ao dizer que “podemos usar alguns artifícios prosódicos e melódicos” até que esse sentimento exista. Os exemplos são por ele dados em Interação Fictiva em discurso direto: “Ah, sabe que lhe quero bem?”, “Eu gosto muito de você!”, “Você é para mim uma pessoa simpática!” e “Olha, eu acho você agradável!”.

Usando de metalinguagem, ou não, as três autoridades religiosas evidenciam certo conhecimento sobre as imperfeições e os conflitos interpessoais de suas audiências, inclusive sobre como podem se comportar enquanto ouvem a mensagem. Silas Malafaia usa o verbo “sei” no trecho “eu sei que tem interrogação na mente e no coração de gente que tá aqui, que tá me assistindo pela TV” (fragmento 02 do pastor). A factividade do verbo “sei” já faz pressupor a existência de ouvintes duvidosos, cujo domínio epistêmico favorece a instauração da disputa por meio de discurso direto fictivo para revelar que sabia, mais especificamente, de ouvintes que não acreditavam na relação direta entre ser ofertante e dizimista fiel e ter prosperidade, como já dito anteriormente.

No mesmo fragmento, o líder religioso também demonstra que sabe da tensão que muitos ouvintes estão sentindo naquele momento da pregação em que a interrogação que estava, de acordo com o pregador, “na mente e no coração” de alguns, foi revelada por meio do interlocutor fictivo: “ ‘Ao’ ar de suspense. Respira irmão. Um irmão ali pra me ajudar deu um glória a Deus. Simpático”. Essa atitude do pastor de expor que conhece sua audiência contribui para que os ouvintes possam iniciar a ação de “vestir a carapuça”, ou até mesmo vesti-la por completo, já que há gradação na forma de experienciar a Mescla da Carapuça em cada uma das três fases da sequência Posição-Disputa-Sustentação. Esse conhecimento favorece a criação, por parte dos líderes religiosos, de Interação Fictiva em discurso direto em que os interlocutores fictivos comportam-se manifestando posições que vão ao encontro dos debates internos da plateia.

Similarmente, Fábio de Melo diz “Eu tenho certeza sem medo de errar que essa multidão

aqui tá cheio de gente precisando perdoar” (linhas 05 e 06, do fragmento 01 do padre). Aqui, a invocação desse domínio epistêmico de certeza, como no caso anterior, favorece a instauração da disputa em DDFic, na sequência do vídeo: “Ah, mas eu trago uma mágoa no meu coração, padre Fábio. Eu não vou perdoar esse ano que eu quero que ela veja que ela me magoou. O ano que vem” (linhas 07 e 08, do fragmento 01 do padre)”. Nesse exemplo, também observamos que o padre evidencia para audiência que a conhece ao afirmar que não tem dúvida sobre o fato de naquela multidão haver muitas pessoas precisando conceder o perdão.

Divaldo Franco também deixa claro para sua audiência que conhece as dificuldades e as imperfeições pertinentes a ela. No excerto analisado, ao reiterar para a plateia o comando de expressar amor, afirma que “há pessoas que não têm jeito” (linha 05). Esse enunciado antecede a IF “Ah, eu fico com vergonha!”, transcrita na mesma linha, a qual instaura uma disputa. Um pouco mais adiante, no mesmo fragmento, ele demonstra que sabe da recorrência dos conflitos interpessoais enfrentados pela plateia, mas usa de ironia dizendo que são raros: “E se somos amigos e se temos uma diferença uns para com os outros, o que aliás é uma coisa muito rara” (linhas 07 e 08). Nesse momento, participantes da palestra riem, sinalizando que entenderam a utilização dessa figura de linguagem.

Em seguida, novamente, Divaldo Franco faz uso de Interação Fictiva em Discurso Direto, por meio de um diálogo que tem como falantes dois interlocutores fictivos: “Então, você entendeu aquela? Aquilo foi conosco. Tá tudo bem? Tá ótimo. Ah, graça... sabe que você é bastante simpático! Agora que eu notei. Ah, e você também. É que eu tinha uma birra com você. Sabe por quê? Porque me contaram uma coisa de você...” (linhas 09 a 12 do fragmento do palestrante espírita). Os pronomes dêiticos “aquela” e “aquilo” parecem fazer referência à própria palestra que estava em andamento. A expressão “foi conosco” retrata a sensação esperada e incentivada por Divaldo Franco: que a audiência experimente o efeito da Mescla da Carapuça, reconhecendo-se nessa pequena história de pessoas que precisam resolver seus conflitos.

Esse trecho das linhas 09 a 12 do fragmento do palestrante espírita, também ilustra uma constatação feita em todos os excertos analisados: a Mescla da Carapuça pode ser sintetizada na fórmula fictiva X GENÉRICO É X PARTICULAR. Os oradores ministram as mensagens de forma genérica, não endereçada a ouvintes em particular. Contudo, é possível que um ouvinte “vista a carapuça”, crendo que os interlocutores fictivos foram criados pelos líderes religiosos para revelar seu debate interno e tratar especificamente do seu conflito humano. Assim, nas duas partes da fórmula, ele preenche a variável X com o mesmo elemento: pregação/palestra. No caso específico desse excerto, o enunciado “Aquilo foi conosco” ilustra

a possibilidade de os ouvintes tomarem como particular a palestra que foi ministrada sem que tivesse um destinatário específico.

Como perspectiva de estudos futuros, pretendemos investigar o uso do DDFic em discursos de outros líderes religiosos, principalmente de outras religiões, como uma forma de validar e enriquecer os achados em trabalhos subsequentes. Reconhecemos que a impossibilidade de incluir um grande número de oradores, representativo das diversas vertentes religiosas, é uma limitação desta pesquisa.

O Discurso Direto Fictivo talvez seja uma característica do próprio ato de argumentar. A capacidade de criar e se engajar em cenários fictícios é uma característica inerente à cognição humana. As pessoas frequentemente imaginam conversas ou situações que nunca aconteceram e que poderiam acontecer no futuro. Essa capacidade é aproveitada no DDFic para fins argumentativos. Certamente, a Mescla da Carapuça também não é um fenômeno exclusivo do discurso religioso. Por isso, também pretendemos, futuramente, investigar o uso dela em outras áreas.

As pessoas também podem experimentar esse processo cognitivo em contato com gêneros diferentes do que está sendo contemplado nesta tese, quando também podem ter a sensação de que músicas, filmes, peças teatrais, livros, conversas cotidianas, discursos políticos, peças publicitárias, narrativas de entretenimento, conteúdos jornalísticos, entre outros, possuem histórias e personagens que se encaixam no seu próprio repertório pessoal, o que envolve emoção e subjetividade. Afinal, elas não precisam oferecer resistência a esse processo, já que a ação metafórica de “vestir a carapuça” pode ser realizada no íntimo de cada um.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Tópicos*. Os pensadores. São Paulo: Abril, 1978.
- ASSOCIAÇÃO VITÓRIA EM CRISTO. Uma vida de prosperidade - Pr. Silas Malafaia. Youtube, 11 jun. 2012. Disponível em: <https://youtu.be/PpOQCEBHRpY>. Acesso em: 02 fev. 2018.
- AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press, 1962.
- BARLOW, M. *Usage, Blends, and Grammar*. In: *Usage-Based Models of Language*. BARLOW, M; Kemmer. S. (eds), 315–345. Stanford: CSLI Publications, 2000.
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. *Praat: doing phonetics by computer* [Computer program]. v. 5.3.51, 2013. Disponível em: <http://www.praat.org/>. Acesso em: 20 jul. 2013.
- BRANDT, L.; BRANDT, P. A. *Making Sense of a Blend*. A Cognitive-Semiotic Approach to Metaphor. *Annual Review of Cognitive Linguistics* 3, 2005, 216–249.
- CANÇÃO NOVA PLAY. A vitória que vence o mundo, a Fé – Pe. Fábio de Melo (09/12/12). Youtube, 18 mai. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/J3jwUWeR9Qg>. Acesso em: 02 fev. 2018.
- CARAPUÇA. In: Dicionário Online Caldas Aulete. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/carapuça>. Acesso em: 30 jun. 2023.
- CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 09 set. 2019.
- COSTA, J. *Interação Fictiva no ensino aprendizagem de Português como Língua Estrangeira*. Orientador: Luiz Fernando Matos Rocha. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras, Juiz de Fora, 2019.
- COUPER-KUHLEN, E. *Coherent voicing*. On Prosody in Conversational Reported Speech. Konstanz: Universität Konstanz, Fachgruppe Sprachwissenschaft, 1998. Disponível em: <http://inlist.uni-konstanz.de/issues/1/inlist1.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2003.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. (orgs). *Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006.
- EEMEREN, F. H. *Argumentation, communication, and fallacies: a pragma-dialectical perspective*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1992.
- EEMEREN, F. H; GROOTENDORST, R. *Speech Acts in Argumentative Discussions: A Theoretical Model for the Analysis of Discussions Directed towards Solving Conflicts of Opinion*. Dordrecht, Holland/Providence, USA: Foris Publications, 1984.
- FAUCONNIER, G. *Mental Spaces: aspects of meaning construction in natural languages*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1994.

FAUCONNIER, G. & SWEETSER, E. (eds.). *Spaces, worlds and grammar*. Chicago: Chicago University Press, 1996.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. Blending as a Central Process of Grammar. In: GOLDBERG, A. (Ed.). *Conceptual Structure and Discourse*. Stanford: CSLI Publications, 1996.

FAUCONNIER, G. *Mappings in thought and language*. New York: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think: Conceptual blending and the mind's hidden complexities*. Basic Books, 2002.

FERRARI, Lilian. A teoria dos espaços mentais. In: _____. *Introdução à Linguística Cognitiva*. 1. ed., 2. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016. p. 109-128.

FRANK, R. M.; DIRVEN, R.; ZIEMKE, T.; BERNÁRDEZ, E. (eds.) *Body, Language and Mind. Vol. 2: Sociocultural Situatedness*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008.

GEERAERTS, D.; GRONDELAERS, S. Looking back at Anger: Cultural traditions and metaphorical patterns. In: *Language and the Cognitive Construal of the World*, ed. by John R. Taylor and Robert E. MacLaury, 153-179. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1995.

GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B. T.; P. M. GARCEZ (Orgs.) *Sociolinguística Interacional*. (2^aed.) São Paulo: Edições Loyola, 2013.

GUMPERZ, J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B. T e GARCEZ, P. M. (Orgs) *Sociolinguística Interacional*. Porto Alegre: Age, 1998.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução do Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (GEIM), coord. Mara Sophia Zanotto e tradução de Vera Maluf. Campinas: Mercado das Letras, 1980/2002.

LANGACKER, R.W. *Foundations of Cognitive Grammar: Theoretical Prerequisites*. Vol. 1. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R.W. *Concept, Image, and Symbol: The Cognitive Basis of Grammar*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 1991.

LANGACKER, R. W. *Culture, cognition, and grammar*. Language contact and language conflict, v. 71, p. 25-53, 1994.

LANGACKER, R. W. *Virtual reality*. Studies in the Linguistics Sciences, v. 29, n. 2, 1999.

LANGACKER, R. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

MAGALHÃES, L. C. *A interação fictiva e a dêixis: a emergência da fictividade em sala de aula*. 2018. Orientador: Luiz Fernando Matos Rocha. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras, Juiz de Fora, 2018.

PASCUAL, E. *Fictive Interaction: the conversation frame in thought, language, and discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2014.

PASCUAL, E.; SANDLER, S (Eds.). *The Conversation Frame: Forms and Functions of Fictive Interaction*. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam/Philadelphia, 2016.

PEREIRA, M. G. D. Introdução. *Palavra*, v. 8, volume temático: Interação e discurso: estudos na perspectiva da sociolinguística interacional/áreas de interface. Rio de Janeiro: Trarepa, 2002. p. 7-17.

RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. *Sociolinguística Interacional*. 2a edição. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

ROCHA, L. F. M.; ARANTES, P. Intonation of fictive vs. actual direct speech in a Brazilian Portuguese corpus. In: PASCUAL, E.; SANDLER, S (Eds.). *The Conversation Frame: Forms and Functions of Fictive Interaction*. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam/Philadelphia, 2016.

ROCHA, L. F. M. *Interação Fictiva no C-ORAL-BRASIL: cognição, discurso e empiria*. Relatório final de Estágio Pós-Doutoral. Belo Horizonte: UFMG, 2018, 129 p.

ROCHA, L. F. M. *Discurso reportado é problema; Interação Fictiva, solução: padrões discursivos e informativos em corpus de fala espontânea do PB*. *Linguística*, Montevideu, n. 36, 2, dezembro, 2020.

ROCHA, Luiz Fernando Matos. *Cá, com os meus botões: conversar comigo mesmo por que, para que e para quem*. 2022. 266 f. Tese (Promoção a Professor Titular) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora (MG), 2022.

ROMANO, M; PORTO, M. D. (eds). *Exploring Discourse Strategies in SocioCognitive Interaction: Multimodal and Cross-Linguistic Approache*, 21- 38. Amsterdam: John Benjamins (Pragmatics & Beyond Series), 2016.

SALOMÃO, M. M. M. *O processo cognitivo de mesclagem na análise linguística do discurso*. Projeto integrado de pesquisa do grupo Gramática, Cognição e Interação. Juiz de Fora : UFJF, UFRJ e UERJ, 1999.

SCHIFFRIN, D. Background: what is a discourse? In: _____. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. p. 1-30.

SEARLE, J. R. *Speech Acts: an essay in the philosophy of language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969. Doi: <https://doi.org/10.1017/CBO9781139173438>

SILVA, J. C. *Interação fictiva no ensino/aprendizagem de português como língua estrangeira*. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Juiz de Fora.

TALMY, L. *Fictive motion in Language and “Ception”*. In: Bloom, P; Peterson, M. A.; Garrett, M. F. *Language and Space*. Cambridge: MIT Press, 2000.

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TOMASELLO, M. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003 (original de 1999).

TURNER, M. *The literary mind*. New York, Oxford: Oxford University Press, 1996.

TURNER, M. *Conceptual Integration*. In: Geeraerts, D.; Cuyckens, H. (eds). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 377-393.

TURNER, M. *Frame Blending*. In: FAVRETTI, R. R. (Ed.). *Frames, corpora, and knowledge representation*. Bologna: Bononia University Press, 2008. p.13-32. Disponível em: <http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1321302>. Acesso em: 13 fev 2011.

VERHAGEN, Arie. *Constructions of Intersubjectivity: Discourse, Syntax and Cognition*. New York: Oxford University Press, 2005.

VERHAGEN, A. Intersubjectivity and the architecture of the language system. In: ZATLEV, J. et al (eds.). *The shared mind: perspectives on intersubjectivity*. Vol. 12. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008.

VERHAGEN, A. Construal and perspectivization. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H (eds.). *The Oxford handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007.

VIEIRA, Amitza Torres; DIAS, Nilza Barrozo. *Cláusulas de finalidade e argumentação: uma proposta de interface gramática e interação*. REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, [S.l.], v. 26, n. 2, p. 879-904, mar. 2018. ISSN 2237-2083. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/12584>>. Acesso em: 02 jul 2023. doi:<http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.26.2.879-904>.

XIANG, M. Real, imaginary, or fictive? Philosophical dialogues in an early Daoist text and its pictorial version. In: PASCUAL, E.; SANDLER, S. (org.). *The Conversation Frame: forms and functions of fictive interaction*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2016.